



MILITAR PARA A REFORMA AGRÁRIA?

Káldas Barreto ao "DL": "Nem vale a pena comentar"

A falada nomeação por Nobre da Costa de um Alto-Comissário Militar para a Reforma Agrária foi considerada por Káldas Barreto como «uma hipótese muito vaga, impossível em democracia, que não merece sequer ser comentada». Káldas Barreto fez estas declarações ao «DL», na qualidade de porta-voz da delegação da CGTP/Inter, que, esta manhã, foi recebida no Forte de Catalazete pelo Primeiro-Ministro indigitado. A delegação da CGTP integrava ainda José Luís Judas, Álvaro Rana e Manuel Carvalho da Silva.

Na sua audiência aos chamados «parceiros sociais», Nobre da Costa recebera momentos antes uma delegação da CIP, encabeçada por Vasco de Melo. A saída da reunião Vasco de Melo, que se fazia acompanhar por Morais Cabral e Pedro Ferraz da Costa, teria oportunidade de considerar Nobre da Costa como uma pessoa «em quem a CIP tem confiança, dado ser um gestor técnico conhecedor dos problemas económicos do País».

Aquele Forte de Catalazete

— FERNANDO PITEIRA SANTOS —

Roland Faure, enviado especial do quotidiano parisiense «L'Aurore», foi recebido por Marcello Caetano, então Presidente do Conselho, no Forte de Catalazete, no Verão de 1969. Decorreu a entrevista entre os aperitivos e o café, e a sua parte substancial teve lugar durante o almoço. A distância que Caetano e os outros guardavam em relação aos profissionais portugueses de jornalismo (não os confundamos, ontem e hoje, com os escribas de serviço) transformava-se em proximidade, forçado convívio, exágero de hospitalidade, em relação ao primeiro desembarcado da Imprensa europeia. Recorde-se a «história» do velho ditador, com a experiente Christine Garnier, o acolhimento no Forte de S. João do Estoril, a intimidade dos diálogos a

sós em Santa Comba Dão sob o olhar vigilante e inquieto de uma Maria compreensiva e cuidadosa, as flores enviadas para o Buçaco por intermédio do pidesco «anjo da guarda».

Roland Faure ouvira Salazar e oferecera aos leitores de «L'Aurore» um documento espantoso, e acabrunhante, da ficção política deste País expectante, sebastico, irrealista. Marcello Caetano não era, no Verão de 1969, um «cadáver adiado», mas era qualquer coisa de «antigo», de pitoresco e de grotesco, na sua aparência comum de funcionário qualificado de um capitalismo menor.

A Roland Faure repetiu o que a outros jornalistas dissera. A imaginação política não era o seu forte.

Continua na pág. 4

COMISSÃO PERMANENTE REUNE POR PROPOSTA DO PCP

Assembleia prepara-se para a lei eleitoral

A Assembleia da República vai ser convocada extraordinariamente para tratar da Lei Eleitoral. Com efeito, o Presidente da Assembleia da República, Vasco da Gama Fernandes, convocou a Comissão Permanente do Parlamento para uma reunião que se realizará amanhã à tarde, no Palácio de São Bento, a fim «examinar e deliberar sobre a oportunidade da realização duma sessão suplementar da Assembleia da República, conforme requereu o Grupo Parlamentar do PCP, esclarecendo que se trata de deliberação para a realização duma sessão suplementar da Assembleia em ordem a discutir e votar a Lei sobre o Recenseamento Eleitoral e a Lei Eleitoral». A hipótese da formação de um Governo de gestão com prazo até à realização de eleições antecipadas começa assim a ganhar terreno.

Entretanto, o Primeiro-Ministro indigitado recebeu esta manhã delegações da CIP, da CGTP/Intersindical e da Confederação Portuguesa do Comércio. À tarde, continua o desfile dos chamados «parceiros sociais», com a ida ao forte de Catalazete de representações da CAP, da «Carta Aberta», da Associação Industrial Portuguesa e da Associação Industrial Portu-

guesa.

Segundo revelaram aos jornalistas os representantes da CIP «há pontos de vista coincidentes» entre a Confederação Industrial Portuguesa e o eng. Nobre da Costa.

«Tem carradas de razão — adiantaram os representantes do grande patronato — quando diz que é preciso desenvolver o

sector privado e tornar competente o sector público.»

Falhadas todas as hipóteses de acordo interpartidários, começa a ganhar forma, a alternativa do Governo de «independentes». O Partido socialista, contudo, pela voz de Jorge Campinos, afirma que não dará caução a «uma forma de coligação disfarçada, agora a três».

A crise conhece assim um desenvolvimento cronológico absolutamente previsível. Só não se pode prever o que nos reserva o seu fim, já que infelizmente não estamos perante uma simples transformação política de feição quantitativa, mas qualitativa, isto é, susceptível de pôr em perigo as instituições da democracia portuguesa.

Mais noticiário nas págs. 5 e 6

Volta: hoje começa a sério



Segundo todas as previsões a «Volta» começa hoje a sério com a etapa que liga Guimarães a Mondim de Basto, na qual se incluem três contagens para o Prémio da Montanha (todas de 1.ª categoria) a última das quais é simultaneamente o final da etapa.

Entretanto as «brincas» não param de surgir, sendo a mais recente a de ontem em Vila do Conde com o público a travar-se de razões com todos os que têm funções a desempenhar, por não concordar com a decisão do júri de atribuir a vitória a Alexandre Ruas.

VOLTA A PORTUGAL EM BICICLETA

VIAGENS E TURISMO
Av. da Liberdade, 233
Tel. 536121 LISBOA

RENTIFAX
RENTAL

Neves de Sousa
enviado especial "DL"
viaja com
AVIS
Rent a Car
REPORTAGEM NAS PAGINAS DE DESPORTO

TOP ROSS
MAIS MODA
POR MENOS PREÇO!
Rossio 85 - Tel. 365018

Morte de dois jovens num naufrágio a 300 metros da praia

Ainda não foram encontrados os corpos dos dois jovens (com 11 e 14 anos de idade) que anteontem foram tragados pelas ondas, no naufrágio do pesqueiro «Santo Amaro», próximo da praia da Vagueira (Aveiro).

«Estávamos a 300 metros da praia, quando fomos apanhados por uma onda que atravessou o barco. Com as cordas e as redes, o pessoal viu-se muito atrapalhado» — conta-nos um dos naufragos sobreviventes, sobrinho de um dos jovens mortos.

«As redes seriam lançadas a dois quilómetros dali. As crianças iam escondidas na proa do barco. Já tínhamos tirado de lá

dois. Não sabíamos que eles iam lá. Um sabia nadar um pouco. O outro nada.»

«Fomos salvos por rapazes de outras empresas com boias e cabos.

Alguns chegaram a nado à praia. Iam os oito mais um arrais no barco que ficou bastante danificado».

Os bombeiros de Vagos e Aveiro ainda compareceram na praia.

Os dois jovens desaparecidos cujos corpos se espera dêem a terra, são Joaquim Tavares da Silva Sousa e Mário Manuel Ferreira de Pinho ambos moradores na Gafanha da Vagueira.

Fogo de Viana do Castelo ainda não foi extinto

Ainda não foi extinto o incêndio que lavra há três dias, nas redondezas de Viana do Castelo, e que já afectou cerca de 30 quilómetros de florestas.

Com efeito, apesar dos esforços desenvolvidos pelos bombeiros de todo o distrito e de soldados das unidades militares da Póvoa de Varzim e de Braga, o fogo continua a alastrar e, embora com menos intensidade, ameaça várias casas isoladas.

Segundo conseguimos apurar esta manhã, os Bombeiros Voluntários de Viana do Castelo tentam agora impedir que o incêndio alastre ao Monte de Santa Luzia.

ORIGEM CRIMINOSA

Sete fogos de origem criminosa devoraram mais de um milhar de hectares de matas e pinhais da Serra da Gardunha, distrito de Castelo Branco.

Apesar das dificuldades em cobrir o incêndio — «não há segundo a opinião do comandante dos Bombeiros Voluntários de Castelo Branco, nem acessos, nem caminhos, na maior zona de resinosas da Europa» —, não ocorreu nenhum desastre pessoal.

As chamas apareceram durante a tarde de domingo só tendo sido extintas ontem de manhã.

Transportes mais caros em Portalegre

Portaria emanada do Ministério dos Transportes e Comunicações aprova as novas tarifas dos transportes urbanos de Portalegre. Os preços passam a ser os seguintes: bilhete simples, uma a duas zonas, 2\$50; três a seis zonas, 5\$00; passe social mensal válido para toda a rede urbana, 270\$00; passe mensal da terceira idade (válido para indivíduos de idade igual ou superior a

65 anos), 140\$00.

A portaria, no seu início, relaciona as alterações de preços «com o aumento progressivo dos componentes do custo dos transportes» que «tem representado para o erário público um crescente grau de encargos traduzidos em subsídios a empresas, do sector para cobertura dos respectivos 'deficits' de exploração».

Aprovado o boletim de concurso para professores do ciclo TV

Foi aprovado pelo ministro da Educação e Cultura e vem publicado na I Série do «Diário da República» o boletim de concurso para professores dos postos oficiais de recepção do ciclo

preparatório TV. Os interessados são informados pela portaria ministerial de que o boletim referido corresponde ao modelo n.º 433-B, exclusivo da Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

Ratificado pelo nosso País o Pacto Internacional dos Direitos Civis e Políticos

Aviso do Ministério dos Negócios Estrangeiros incluído hoje no «Diário da República» torna público que o representante de Portugal junto da ONU depositou junto do secretário-geral daquela Organização, em 15 de Junho passado, o instrumento

de ratificação, por parte do nosso País, do Pacto Internacional dos Direitos Civis e Políticos, assinado em Outubro de 1976 e aprovado para ratificação pela Lei n.º 29/78, de 12 de Junho.

O pacto entrará em vigor para Portugal a partir de 15 de Setembro próximo.

PODER LOCAL

O exame do menino Portugalzinho

Já foi no mês passado, Julho de praia, com muita gente despreocupada, mas vale a pena que fique registado nestes dias em que se processam jogos estranhos, manobras, enfim, alheias aos verdadeiros interesses do povo português.

Pois bem: aconteceu no chamado Casal Popular da Damaia, de 10 a 16 — e o que aconteceu dava pela designação de «Semana para a Terceira Idade».

Em resumo: um vasto conjunto de trabalhos, em exposição, e todos executados pelos idosos «residentes» no Centro que o dito Casal Popular compreende.

Palavras de Vasco Marques, elemento da Comissão Instaladora do Centro:

«Pretende-se mostrar a capacidade criadora e imaginativa dos idosos.»

E mais:

«A peça de teatro que subiu à cena, «O exame do menino», foi um trabalho da sua inteira responsabilidade. A encenação, criação de cenários, ensaios e a própria representação da peça, foi um trabalho todo elaborado e realizado pelos velhos...»

Esta «Semana da Terceira Idade», na Damaia, com muitas bandeiras festivas, contou com o apoio das autarquias locais que «puxaram» a Gulbenkian e outras entidades.

Ainda Vasco Marques:

«É uma ideia antiga tentar demonstrar que dadas as características do Casal Popular da Damaia (jardim de infância, parque infantil, centro da Terceira



A Terceira Idade não pode ser votada ao abandono: os cidadãos idosos têm de ser enquadrados, solicitados para a intervenção, e não iludidos com promessas vagas. Eles também são uma força, uma experiência vivida, que a população jovem não deve desprezar. Mas para que os velhos sejam úteis, torna-se indispensável a unidade de todas as idades.

Idade) este não actua como um conjunto de valências individuais, mas sim como valência colectiva. A vida dentro do Casal não está compartimentada: há ligação entre a infância e a velhice...»

CM DO BARREIRO

«Há Municípios que são filhos e outros que são enteados...»

A não existência de uma política governamental bem definida de subsídios e comparticipações às Câmaras Municipais, entre outros factores, está a provocar uma situação grave na Câmara Municipal do Barreiro, que luta com dificuldades para pagar os salários aos seus trabalhadores.

Assim, na passada segunda-feira, no decurso de uma conferência de imprensa convocada pela Comissão de Trabalhadores do Município do Barreiro, foi revelado que apenas na semana passada foram pagos os salários relativos ao mês de Julho.

«É isso só foi possível porque o Ministério da Administração Interna adiantou dois duodécimos do orçamento deste ano, correspondentes aos meses de Agosto e Setembro... Ora isto, como é bom de ver, coloca um outro problema: precisamente o pagamento relativo aos meses de Agosto e Setembro...»

CML: concertos públicos

Prosseguem amanhã, às 18 e 30, os concertos de música de câmara no Palácio Galveias, promovidos pela RDP, com a colaboração do Município de Lisboa.

Programa: Cencerto italiano, de Bach, e três Prelúdios, de Debussy, pelo pianista José Gomes dos Santos; e Sonata em si bemol maior de Mozart, e Fantasia em dó maior, de Schubert, por Christa Rupert (violino) e Florinda Santos (piano).

Também promovido pela RDP, efectua-se no sábado, às 21 e 30, um espectáculo de música ligeira nas ruínas do Carmo. Entrada livre.

Comunidades açorianas reúnem-se 40 anos depois do congresso fascista

PONTA DELGADA, 16 (Anop) — O Congresso de Comunidades Açorianas, marcado para o período de hoje a 19 surge quarenta anos depois do Primeiro Congresso Açoriano, realizado em Lisboa, por iniciativa do Grémio dos Açores e com o patrocínio do então presidente da República, Óscar Carmona.

A ideia de um Congresso Açoriano fora inicialmente ventilada em 1908 pelo «Correio Micaelense», e era entendida, trinta anos depois, como uma forma de manifestar a chamada «Autonomia político-administrativa» concedida aos distritos dos Açores pelo Governo de Salazar.

A iniciativa contou com a participação de cerca de 400 congressistas, para além das comissões de honra insular e continental, que contavam respectivamente com 57 e 37 personalidades, representativas de Câ-

«Um exemplo...»

«Certo... Por exemplo, no decurso da «Semana», as crianças do jardim de infância, e os nossos jovens «atletas», tiveram um espaço reservado na exposição, onde exibiram os seus trabalhos, taças e medalhas.»

«Quer dizer...»

«Quer dizer que não se disse ao menino, de modo abstracto, que era o futuro, e ao velho que não pensasse mais na idade passada, fosse juventude ou infância. Não: juntaram-se todas as pessoas, fossem bebés ou septuagenários — e, assim, todos foram um exemplo das diferentes idades da vida.»

Já foi no mês passado, Julho de praia, com muita gente despreocupada, mas vale a pena que fique registado nestes dias em que se processam jogos estranhos, manobras, enfim, alheias aos verdadeiros interesses do povo português. E o povo português não é propriamente um bebé a precisar de uma chupeta qualquer, nem tão velho ainda que não tenha forças para se unir contra os que desejam degolar o menino nascido no dia 25 de Abril de 1974... Atenção: «O exame do menino» já foi feito há muito tempo — e o menino Portugalzinho (perguntem ao pai, que somos nós todos) ficou bem em todas as provas eleitorais...

«Mas dirá o leitor isto tem alguma coisa a ver com a «Semana da Terceira Idade» celebrada na Damaia...?»

Tem, tem: é que enquanto alguns procuram minorar a situação dos que estão na terceira idade, outros anseiam por nos passar um atestado de terceira idade que nos arrume a todos sem voz nos bancos de jardim dos tempos de antigamente...

maras Municipais e de Comércio, jornais, Governos Central e Distritais, escolas e outras instituições. Estava-se no período áureo do fascismo na Europa e tudo era feito com grande aparato, ao estilo de Roma e de Berlim.

O Congresso de 1938 chamou a atenção para a importância estratégica dos Açores, na sequência do que os ingleses viam a obter facilidades na ilha Terceira e os norte-americanos tanto nesta como em Santa Maria, durante a Segunda Guerra Mundial.

Os congressistas também pediram ao Governo que fosse prestada assistência aos núcleos da população açoriana existentes no estrangeiro, principalmente na América do Norte, e que promovesse «o estabelecimento de colonos açorianos nas províncias ultramarinas».



DE FÉRIAS COM O Diário de Lisboa

Aceitam-se assinaturas de férias pelo período de 10 dias, ao preço de 7\$50 por exemplar

NÃO SE ENVIAM RECIBOS À COBRANÇA

AOS EMIGRANTES E PÚBLICO EM GERAL sensacionais descontos



do ANIVERSÁRIO da MATEUSCULA

Do fabricante directamente para o público mobílias em todos os estilos, estofos e móveis avulso

SEDE: Praça Paiva Couceiro, 1 Lisboa 1

Telefone 84 68 39

SALAO DE EXPOSIÇÃO: Rua Neves Ferreira, 4-A

Telefone 824 840

ponto a ponto



Com a participação de Alvaro Cunhal, que deverá fazer o ponto da actual situação política, tem lugar depois de amanhã, no Campo Pequeno, um comício do Partido Comunista Português. A iniciativa pertence à DORL daquele partido, que apela à participação de comunistas, socialistas e democratas no comício.

A passar férias numa praia, próximo de Coimbra, o ex-presidente do PPD, Emídio Guerreiro, considerou – segundo a agência oficial serem inevitáveis as eleições antecipadas, tendo entretanto preconizado alterações à lei eleitoral que permitam a apresentação de candidaturas de personalidades não-partidárias. Emídio Guerreiro, que declarou só estar disposto a intervir na vida política quando a liberdade estiver ameaçada, mostrou-se hostil ao presidencialismo. «Bastaram as experiências de Sidónio Pais e Salazar» – disse.



Segundo informação, prestada à Anop pelo Quartel-General da Região Militar Sul, o brigadeiro Trindade Lima assumirá em breve o comando da RMS, em substituição do brigadeiro Lopes Alves, que irá chefiar a 3.ª divisão do EMGFA. Trindade Lima desempenha, actualmente as funções de segundo comandante daquela região militar.

Tem lugar amanhã, no Ministério das Finanças e Plano, a partir das 18 horas, a cerimônia de assinatura dos acordos referentes a um empréstimo a Portugal de 300 milhões de dólares. Vitor Constâncio, ministro cessante, (e que já recusou convite de Nobre da Costa para continuar) presidirá à cerimônia.



Duas vedetas da República da Guiné-Bissau estacionaram por algum tempo no Funchal, após passagem por Lisboa rumo à capital guineense. Construídas em França para a esquadriha de lanchas-patrolhas da ex-colónia portuguesa, aquelas embarcações, «Ilhéu do Poilão» e «Cabo Roxo», seguem sob comando de Manuel dos Santos Cruz.

A cólera já não justifica esse terror que anda por aí

CLAIRE BRISSET

A cólera reapareceu há semanas em certo número de países para os quais se dirigem os grandes fluxos migratórios do Verão. Contrariamente à lenda que fazia dela uma doença «tipicamente» asiática, tudo leva a crer que a cólera se adapta perfeitamente à África: as informações que nos últimos dias chegaram a Genebra confirmam que não se encontram extintos os focos africanos da doença. Quanto aos países asiáticos onde a cólera faz desde sempre parte da paisagem humana, eles continuam a assinalar a presença do mal, no seu estado endêmico, sem procurar retirar à África negra o primeiro lugar deste palmarês.

Como todos os anos desde 1960 – ano em que teve início a sétima pandemia, que ainda não terminou – põem-se as perguntas rituais sobre os mecanismos de contaminação da cólera, a utilidade da vacinação e os riscos da própria doença.

Desde sempre, os grandes deltas asiáticos do Ganges e do Brahmaputra têm constituído os focos da endemia, e é daí que saem episodicamente fluxos epidémicos para outros países do Extremo-Oriente. Dai saíram durante o século XIX as seis pandemias mundiais que causariam centenas de milhares de mortes — mesmo na Europa — dando origem ao desenvolvimento de organizações sanitá-

rias internacionais, antepassadas da Organização Mundial da Saúde (O.M.S.). No fim do século XIX, quando Koch isolou, no Egito, o vibrião colérico «clássico», a peregrinação de Meca já constituía o maior foco mundial de disseminação do mal.

Foi, de resto, na península arábica que foi isolado em 1905, o El Tor, um vibrião colérico até então desconhecido na Ásia mas considerado pouco ofensivo. O vibrião El Tor viria, no entanto, a ter uma brilhante carreira.

Até 1960 a cólera manter-se-ia cantonada nos seus focos asiáticos, com incursões episódicas ao Próximo Oriente. Foi no entanto o vibrião El Tor, considerado menos virulento do que o seu irmão mais velho «indiano», que, tendo partido das Celebres, alcançou toda a Indonésia, e depois a Índia (onde se misturou ao vibrião clássico) provocando a sétima pandemia mundial que ainda hoje continua. Em 1965 alcança o Afeganistão, o Irão e o Iraque, e depois, partindo do Egito, a Líbia e toda a África do Norte.

A essa penetração continental da África junta-se, a partir de 1970, uma progressão na costa, através da Guiné. Toda a África ocidental é atingida. A doença progride ao longo do Níger e ataca as populações sahelianas, em plena estação seca.

É dessa última constatação que nasceram várias interroga-

ções sobre o modo como a doença se propaga. Há dezenas de anos, o único vector suposto era a água devido aos dejectos dos doentes. Ora a virulência dos surtos epidémicos nas regiões sub-saharianas e durante períodos de seca muito intensa, modificaria esse dogma do cólera, doença «hídrica».

«Quanto a nós, escreve o professor Henri Felix, a água é mais um vector passivo, um meio de transporte do vibrião, do que um meio de conservação, portanto uma fonte de contaminação. Ela é, pelo contrário, uma ocasião de diluição da densidade bacteriana, e quanto mais importante é o contexto hídrico, mais benigna será a epidemia, excepto, naturalmente, em casos de contaminação importante de uma determinada água. Pelo contrário, os doentes, as dejeções destes, as suas roupas, o suor (excelente meio de conservação) que os impregna e representa um filme líquido ideal, os cadáveres, são reservatórios do germe». Parece pois confirmar-se que existe uma contaminação directa, interhumana, que não precisa da água para provocar explosões coléricas. Foi feito um estudo aprofundado, e nele se demonstra que o vibrião persiste para além de sete semanas no suor puro, de onde se dissemina com rapidez. As roupas molhadas

de suor, de matérias fecais ou de vômitos podem estar na origem da multiplicação no meio exterior quando são lavadas sem precauções especiais, mesmo depois de algumas semanas.

Dito isto, a própria doença já não justifica hoje o terror secular que inspirou, nem o pânico que continua a provocar, até porque há processos simples de a tratar e de a evitar. É uma infecção bacteriana intestinal que se trata facilmente com doses banais de antibióticos ou sulfamidas de difusão lenta (oito dias). A previsão medicamentosa foi utilizada com grande eficácia nos países africanos recentemente atingidos e onde a cólera era uma doença desconhecida.

Dada a eficácia do tratamento e da prevenção, será necessário praticar uma vacinação cujo efeito é muito passageiro (alguns meses) e que, no fundo, só protege metade das pessoas? O professor Henri Felix dá uma resposta. Ele acha a vacinação totalmente inútil para os casos individuais. Os viajantes devem, porém, seguir as exigências formuladas pelas autoridades sanitárias do País para onde se dirigem. Ele pensa, em contrapartida, que a vacinação anticolérica é útil em período de epidemia maciça, que ataca uma população concentrada. «Foram feitas vacinações em África, num contexto de extrema urgência,

Continua na pág. 18

AS PEQUENAS QUESTÕES DE ESTRATÉGIA E DE TÁTICA – 1

A «direita» está dividida. Existe, como se sabe, uma «direita» que é fascizante e uma «direita» que é, ou foi, fascista. A «direita» que é fascizante, apresenta-se como uma corrente crítica e organizadora do actual quadro constitucional, preconiza a revisão da Constituição, o reforço dos poderes presidenciais, a «democracia musculada» pronta a prescindir dos formalismos democráticos e a impor a «ordem». Esse mito salazarista que persiste.

A «direita» que é fascista anda na rua, vocifera, manifesta-se, organiza-se, prepara o «regresso» e a «desforra», é «restauracionista» (em relação ao salazarismo) e critica (em relação ao marcelismo). É o seu «antimarcelismo» que a separa de alguns «marcelistas» que se supõem sociais-democratas ou democratas-cristãos e para os quais a «revisão constitucional» é um primeiro passo «restauracionista».

Existe, como igualmente se sabe, uma «direita» que é apenas conservadora, que gostaria de conciliar o «conservantismo social» e o «liberalismo político», desde que as suas posições económicas, o seu nível da fruição das doçuras da vida, o seu estatuto, não fossem afectados. Foi essa disposição de espírito que Mário Soares vislumbrou, numa manhã de nevoeiro sociológico, conversando com um grupinho de dirigentes do CDS. Mas, não só o CDS tinha «bases», como as suas «cúpulas» eram particularmente atentas a outras «cúpulas». A «democracia-cristã» europeia não tem da Europa o mesmo entendimento que a Internacional Socialista, e a nossa Igreja, tão tradicional, tão tímida, não tem o rasgo de ir à frente do tempo. Era uma ilusão supor que a deslocação encetada pelo CDS, da «direita» para o «centro», concretizando, na conduta política e na geometria parlamentar, o chamado «centrismo», se poderia realizar pacificamente. O CDS «conservador» cedeu à pressão do CDS «reaccionário». Assim explicam os socialistas este acidente do percurso constitucional democrático.

Aqui se nos depara, como é frequente, uma parte de verdade e um farrapo nevoento de mitologia. No seu conjunto — e não pensemos somente no sagaz Freitas do Amaral, no vocacíssimo Amaro da Costa, no suave Basílio Horta, no doce Sá Machado — o CDS, ao separar-se da «convergência» (com o PPD/PSD) não se limitou a reflectir, nesse movimento inesperado, as dificuldades internas (de classe) de uma burguesia urbana e rural hesitante, apostada na revisão do quadro constitucional e disposta a uma certa contestação de Abril, mas incapaz de definir objectivos políticos concretos e de seleccionar uma direcção política que permitam a constituição de uma força política hegemónica.

A «convergência», cuidadosamente apresentada como aberta ao Partido Socialista, visava, se tal participação fosse alcançada, a reconstituição, para uso parlamentar e governativo, da «maioria presidencial», se o Partido Socialista resistisse à solicitação, entroncheando no seu orgulho minoritário de ser «o partido mais votado», a «convergência» procurária

obter uma revisão constitucional e afirmar-se-ia eleitoralmente. Não se pretendia só que a força conjugada do CDS e do PPD/PSD viessem a conquistar, na Assembleia da República, uma nítida posição majoritária, pretendia-se criar uma situação que levasse à substituição de um Presidente da República que, ao tempo, alguns consideravam ser «simpatizante» do Partido Socialista. De modo inequívoco e grosseiro, ninguém o disse mais claramente que Francisco Sá Carneiro.

Os objetivos da «convergência» não resultavam dos caprichos dos homens, da sua vontade pessoal de «poder» mas de uma «função» social concreta. Os «partidos» que, no quadro da legalidade constitucional preenchiam o espaço político «centro-direita», declararam-se em «convergência». O primeiro objectivo dessa «convergência» era — repetimos — reduzir o estatuto que o Partido Socialista se atribuía, convertê-lo num parceiro da «maioria presidencial». Para tal a «convergência» prevalecia-se da mitologia «antigonçalista». Mas, ganha a primeira mão deste jogo, alcançado o primeiro objectivo — bloquear o Partido Socialista, obrigá-lo a compartilhar a «área do poder», isolar o Partido Comunista, reduzir a presença política na vida nacional das forças que são expressão do movimento operário —, entrar-se-ia numa segunda fase, colocar-se-ia o antifascismo num parêntese, o discurso da «ordem» ganharia nova substância, iniciar-se-ia a «sala-mização» (os socialistas gostam do termo) do próprio Partido Socialista.

Acertando o «acordo interpartidário» com que o PS lhe acenou, o CDS mediu o alcance da operação. A manobra de «cerco» para que a «convergência» fora engendrada, ia beneficiar de um desenvolvimento súbito e do qual o CDS, sem prejudicar o seu papel histórico, podia tirar privado e particular proveito. Com efeito, o Partido Socialista dava-lhe acesso à tão apetecida «área-do-poder-governamental», e, nos termos do negócio realizado, além do controlo dos Negócios Estrangeiros, da Emigração, do Comércio, do Turismo, do Comércio Agícola, da Investigação Científica, confiava-lhe um poder de supervisão do «aparelho burocrático do Estado», a pretexto da «reforma administrativa».

Destas posições, situadas na «área-do-poder», a manobra de «cerco» ganhava novas possibilidades e o CDS, embora aprofundando por alguns meses a «convergência», em termos de fidelidade «de classe» e em termos de previsão do futuro, cumpria a sua função social concreta: contribuir para a liquidação do projecto socialista.

Ficaram ao alcance dos dirigentes do CDS, em qualquer momento, duas possibilidades: a) exigir uma maior participação na «área-do-poder-governamental» reduzindo, por esse facto, as posições socialistas; b) declarar caduco o «acordo interpartidário» e recuperar para a «convergência», ou para outro esquema tático, a sua liberdade de movimentos.

E não se esqueça que viria a ser o próprio argumento da «maioria estável» que justificou a diligência socialista para nos dar paz e governo até 1980, o motivo alegado para dar por finda a experiência. Nas mãos dos dirigentes do CDS, à mercê do jogo de interesses que o CDS representa, e não de inquinações das «bases» ou das repressões dos bispos, ficava a vida do 2.º Governo Constitucional.

Talvez os «centristas» tenham perdido uma oportunidade singular para se situarem à esquerda do PPD/PSD. Mas cumpriram a sua função social concreta. Desempenharam o seu papel nesta fase de luta contra o projecto socialista e a consolidação da «ordem constitucional». Deram, de dentro e de fora do Governo, combate aos socialistas e ao socialismo. Facilitaram a exoneração do Primeiro-Ministro que era o secretário-geral do PS. Afastaram o PS – episodicamente se a Constituição for respeitada –, da «área-do-Poder».

Aquele forte de Catalazete...

Continuação da pág. 1

Abordado o tema das eleições, Caetano repetiria a ladainha, defensivo e fechado, a simular liberalidade e abertura: «Nada impede a oposição de jogar o jogo da democracia. É concedida total liberdade aos candidatos para fazerem a sua campanha da maneira que entenderem...». É a liberdade. Mas logo vem a condi-

cionante: «...na condição única de respeitarem a lei. Esta exige somente que os estatutos e os nomes dos promotores dos «comités» eleitorais sejam comunicados aos representantes do Governo, assim como o local e hora das reuniões eleitorais...». Nenhum impedimento, simples controlo administrativo... e policial. Não era o «fascismo», na versão pura e dura do velho ditador, era a «democracia musculada», com PIDE, com Censura, com partido único.

Não estamos esquecidos de que alguns liberais dos nossos dias foram «marcelistas», de que foram «marcelistas» alguns dos defensores actuais da «Imprensa livre» e dos «Direitos do Homem». Mas para Marcello Caetano, naquela tarde de Catalazete, a «Censura» era um instrumento indispensável de governação.

Pergunta-lhe Roland Faure se tinha a intenção de a suprimir. O aprendiz de ditador, o herdeiro do ditador, responde sem rodeios: «Não é possível, actualmente, porque não podemos esquecer que o nosso País se encontra em estado de guerra. Milhares de jovens portugueses estão mobilizados para as províncias do Ultramar, onde combatem a subversão. Como poderíamos tolerar que, na Metrópole, uma certa propaganda minasse a moral da Nação e traísse os nossos soldados?». Não vale a pena sublinhar que na resposta a hipocrisia é patente. O problema não era o «estado de guerra». Facto recente que não explicava a longa duração da cen-



sura e que não era para Marcello Caetano o motivo único que o levava a observar a lição do seu antecessor.

Ao seu entrevistador e hóspede nesse almoço no Forte de Catalazete, Marcello Caetano afirmou sem reboço que Portugal continuaria a bater-se nas três frentes africanas. Curioso, conhecedor dos custos da guerra, Roland Faure perguntou: «Até quando?». Não se fez esperar a resposta do Presidente do Conselho: «Durante o tempo que for preciso».

Era a política de Alcácer-Quibir. Transferida a responsabilidade da

política colonialista e da guerra para o Povo português. Com efeito, a Roland Faure, Marcello Caetano declarou: «Eu próprio não imaginava, quando cheguei ao Poder, a força desta vontade popular que o dr. Salazar soubera detectar e exaltar. Milhares de mensagens de homens e mulheres, muitas vezes bem modestas, convenceram-me disso mesmo. Porque corra o rumor de que eu não era partidário da nossa permanência em África. Não sei por que razão tais boatos foram espalhados, a ponto de inquietarem a opinião pública. Contudo, mesmo que tal não fosse a minha primeira convicção, eu não poderia deixar de ser abalado pelos múltiplos e comoventes testemunhos recebidos de todos os lados». Assim se criava uma mitologia que não tinha o mérito da inocência. No dia 25 de Abril de 1974, Marcello Caetano recebeu, «de todos os lados», outros «testemunhos», múltiplos também, comoventes, comovidos no entusiasmo até à explosão das lágrimas.

Não perdeu, naquela conversa no Forte de Catalazete, o ditador em exercício, a ocasião que lhe era oferecida, que se oferecia, para tornar mais ridículo o fantasma do ditador que o precedera. Fe-lo, por exemplo, a propósito do turismo cujo desenvolvimento anunciou ao enviado especial de «L'Aurore». Do turismo cantou a canção que embalou durante décadas a nossa indolência: «As paisagens portuguesas são belas e variadas, o clima agradável, e o português tem o sentido da hospitalidade. O turismo pode

Fernando Piteira Santos

aumentar notavelmente os nossos recursos». E, logo a seguir, o remoque: «O dr. Salazar não pensava assim. As suas concepções de vida inclinavam-no a dizer que com o turismo era um pouco da alma do povo que se vendia».

Os salazaristas dedicados iam sendo afastados de São Bento, de funções, de ministérios, da direcção política partidária. O herdeiro do ditador tinha o seu pessoal, constituía um círculo de colaboradores e de cortesãos. Tinha, também, concorrentes e inimigos. Fora Américo Tomás, o almirante de triste presença, que o designara: possivelmente, seria ele a agarrar, ou a deixar-se enlevar, nos fios da intriga. Os salazaristas fiéis não aceitaram Marcello Caetano. A sua «evolução» era «continuidade», mas era a «continuidade» comandada, colaborada, servida por um diferente pessoal político. O «desenvolvimentismo» tecnocrático, no interesse de um capitalismo mais dinâmico, mais moderno, com os olhos postos na Europa e as G-3 de 150 mil soldados a garantirem a exploração africana, teve a sua hora de euforia. E deu a sua prova de incapacidade. A queda de Marcello Caetano, e o ruir do regime como um castelo de cartas, sem defensores, sem resistência moral, sem réplica política, significa, igualmente, a falência de uma «élite» tecnocrática e jurídica, a incapacidade de enfrentar a mudança, de a conduzir, por

parte de um capitalismo que formara no hábito de parasitar o Estado e partilhar o leito com o Poder político.

Recorrer a essa «élite», de dimensão regional, de não provada competência, culturalmente medíocre, desconhecadora da realidade portuguesa viva, é correr o risco de perder duas batalhas num só: Alcácer-Quibir de obstatinação mitológica: a batalha política da Democracia, a batalha da economia, do trabalho e da produtividade.

A experiência de Marcello Caetano, o círculo em que se moveu e a cooperação política e tecnocrática com que contou, eis parâmetros para as decisões de hoje. É não esqueçamos, neste Verão quente, e incerto, que no Forte de Catalazete, a Roland Faure, Marcello Caetano disse:

«Temos, evidentemente, muito que empreender e realizar. Mas, num sistema capitalista, o desenvolvimento industrial depende da iniciativa privada».

Num sistema capitalista — disse Marcello Caetano, no Forte de Catalazete. Em tempos mais recentes a frase, ou glosas deste pensamento, têm sido reproduzidas, reformuladas, lançadas no mercado das ideias. Mas foi para ir além do «Estado Social» e do «desenvolvimentismo» tecnocrático e capitalista que os capitães sem sono rasgaram a noite na madrugada de 25 de Abril de 1974.

TRIBUNA LIVRE

JAIME PINTO

A culpa não é dos partidos

Há, infelizmente, muitas pessoas sinceramente convencidas de que os males que nos afectam são culpa dos partidos; que o mesmo seria dizer: culpa do jogo democrático, culpa da democracia. Tal convicção, normal nos que adoptaram concepções totalitárias, torna-se paradoxal se, ao mesmo tempo, se afirma não haver salvação fora dos métodos democráticos. Incapacidade de análise, insinceridade ideológica ou, muito simplesmente, carência de qualquer ideologia, o facto é estar o Povo português constantemente induzido a desprezar o sistema que, afinal, constitui a sua única esperança de salvação. Mau serviço prestam os autodenominados apolíticos quando desgostam os outros da política, da crítica informada e interveniente, em suma dos seus direitos de cidadania. E muitos não sabem, ou se esquecem, de que os apolíticos são políticos à sua maneira; quase sempre políticos reaccionários. Que, do provocado desinteresse dos outros, tiram usualmente pesados juros, quando a ocasião se lhes torna propícia, cerceando-lhes os direitos de que, tão ingenuamente, se mostraram descuidados.

E a reacção, quando pega no poder, só o larga quando a máquina do Estado se degrada, deixando de fornecer os apetecidos frutos às usuais clientelas; ou por acontecimentos que a sua mecânica política é impotente para controlar.

O conceito de democracia tem elástica e variada significação, atestada pelo facto de que, isolado, não agrada a muita gente. Por isso o emparelham com qualificativos, a reforçar, ou a diluir, segundo as intenções, aquilo que, de muito puro e objectivo contém. O sistema democrático é seguro e tranquilizante; mas vulnerável, por coerência ideológica, ao mostrar-se por dentro e por fora, e quando, inclui partidos de definição nitidamente antidemocrática. É-o também

quando protela inadvertidamente a resolução de certos problemas, facilmente solúveis pela rotina administrativa e técnica, politizando-os excessivamente e fazendo deles pomos de discórdia partidária e temas de discussão bizantina nem sempre esclarecida e informada. Pode também desservir-se quando adopta indivíduos medíocres, incompetentes ou oportunistas, vaga que assedia cronicamente todo e qualquer poder político desprevenido e acaba por impermeabilizar o sistema em relação aos elementos que melhor o poderiam servir, desgostando-os de uma estéril e inevitável confrontação diária com diletantes improváveis e afastando-os de uma acção profissional que se tornou inútil e contudente.

O 25 de Abril não se fez para substituir uma mediocridade por outra mediocridade; um oportunismo por outro oportunismo. Se bem que mascarados implacavelmente de progressistas. Porque é necessário e urgente acordar as verdadeiras forças vivas deste País remetendo-as na sua perspectiva natural. Se elas, infelizmente, não sobram, pelo menos serão suficientes para um arranque autêntico e exemplar. Se as não deixarmos diluir, depreciar ou marginalizar.

Sempre defendemos, contra irritações a custo contidas, de improvisadores de vários matizes, a necessidade de preservar e promover a competência em todos os sectores das actividades nacionais, por julgarmos ser essa uma das missões verdadeiramente revolucionárias num País vulnerabilizado, desde longa data, por obras de fachada onde o monumental mascarava a inutilidade e a arrogância substituída a humildade funcional. Mas, infelizmente, continuamos a manter, e até em posições de destaque, pseudotécnicos, pseudocientistas e, até, pseudopolíticos.

Têm figurado, em vários governos, individualidades de alta

capacidade; mas, infelizmente, não tiveram a aceitação que mereciam e a obra que esboçaram não teve continuidade, nem compreensão, mal chegando a inserir-se, como cumpria, no seu natural campo de acção. O que parece revelar certa perplexidade e hesitação em relação aos objectivos que continuam imprecisos, abstractos e fugidios; situação inqualificável quando se reconhece haver tantos e tão importantes problemas a aguardar solução.

Mas uma coisa é a competência empresarial, tantas vezes mercenariamente disponível, e outra, bem diferente, é a competência comprometida, lógica e criadora, atenta à dinâmica dos verdadeiros problemas, sabendo seria-los por ordem de importância e grau de actualidade e estabelecendo normas bem ponderadas de acção, por meio de uma análise rigorosa das situações, desde o planeamento às fases terminais. Sem amolecimentos nem dormências especulativas. E realizando-se ao nível do todo nacional.

As linhas de ligação entre as intenções sintetizadas em esboçadas e as realizações, têm-se revelado frágeis, ou inexistentes. O que parece significar tendência para pairar ao nível das teorizações doutrinares, deste modo tornadas inoperantes.

A análise em profundidade dos problemas tem sido descurada pelos cultores do narcisismo retórico e pelos adeptos do misticismo estereotipado; uns por não saberem sair fora da personalização dos problemas e da superficialidade judicativa; outros porque remetem os assuntos para um esquema preestabelecido, só correcto em função das circunstâncias e causalidades que o induziram. A carência de verdadeiro espírito crítico e analítico, fora desse esquema, leva a um fixismo absurdo e improdutivo, sendo óbvio que um colete de forças, rigidamente determinante, torna improcedente

e abstracta toda a tentativa de bem teorizar em função das realidades, antes parecendo que se procura ansiosamente e em sentido progressivo, fazê-las coincidir com as doutrinas já existentes. Paira-se assim a um nível perigoso de abstracções, mais ou menos condicionadas, de argumentações superficiais e da ritualização, quase eclesástica, dos métodos de agir.

Muitas pessoas preocupam-se, e com razão, da lentidão dos métodos democráticos. E outros supõem que os problemas se resolvem por meio das chamadas ordens: faça-se assim e assim será feito. Colocam pois as suas esperanças nas chamadas personalidades fortes, no comando individualizado e peremptório em estilo de capataz. Esquecem-se que, na sua grande maioria, as determinações ditatoriais são erros crassos, por vezes verdadeiras aberrações. Logo cuidadosamente limadas ou relegadas para aquele segredo que é a alma dos geniais ditadores. Esquecem-se também de que os sistemas monolíticos poeiram os olhos dos que ingenuamente definem as coisas pela sua aparência geral, aceitando, como realidades, verdades fabricadas.

Uma coisa é qualificação para desempanhar situações mais ou menos graves e outra é competência para resolver as crises presentes sem comprometer o futuro; o que pressupõe, evidentemente, a fixação cuidadosa de objectivos. E eles são, como todos sabemos, essencialmente políticos. Os que reduzem a solução da crise actual ao esquema cándido de trabalhar e produzir, parecem ignorar as realidades económicas da sociedade europeia em que estamos integrados, o profundo desfasamento em que nos encontramos, social e culturalmente, bem como as condições da nossa indústria. Atrasada, illogicamente distribuída e, quase sempre, subsidiária.

Para um País como o nosso,

vítima ancestral e não culpada, das taras do capitalismo, não será essa via a mais rápida nem a mais eficiente. Porque, não esqueçamos, é da crise do capitalismo que nós estamos a sofrer, como parceiro subordinado, e não da crise de um socialismo que mal soubemos esboçar.

O Povo desencantou-se pelo uso desenfreado de uma intenção socialista que se não exprimiu na prática de modo útil e funcional. Foi imperdoável. Como imperdoável se tornará o falar apologético na Democracia se nos detivermos, estaticamente, na contemplação dos seus mecanismos e engrenagens, sobrestimando as simples visões e menosprezando os objectivos. A Democracia não se estabelece por simples acto legislativo, mas pelo esforço colectivo organizado e contínuo no sentido de criar uma sociedade mais equilibrada, mais feliz e mais justa. Em suma, mais civilizada. É um limite a atingir conscientemente. Não uma forma de detenção estática e usufruidora.

Mas não nos esqueçamos de que os seus objectivos, em vez de arrancarem, mais parecem distanciar-se após cada acto eleitoral e cada crise governamental. Paradoxal e perigoso.

Se o jogo não é limpo, não é democrático. Se somos dirigidos por eminências pardas, por poderes ocultos, não é o caminho da democracia que estamos a trilhar.

Fala-se muito e intencionalmente nas ambições dos partidos, ânsias colectivas de, afinal, ver frutificar legitimamente as ideias que se adoptaram. Mas ignoram-se as ambições individuais, quase sempre ilegítimas, quase sempre antidemocráticas, quase sempre deletéricas para uma sociedade em crise de rumo.

Uma democracia meramente formal, em que as palavras continuam a esconder as intenções, será, decerto, o que menos poderemos desejar.

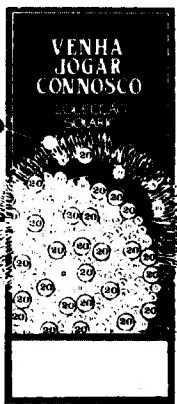
COLECCÃO SOLÁRIO

AS SUAS PÁGINAS DE FÉRIAS

BERLOUQUIN • DUGAS • MYERS • SEISSER

VENHA JOGAR CONNOSCO

LABIRINTOS ENIGMAS TESTES PUZZLES JOGOS DE OBSERVAÇÃO ETC



edições 70

Av. Duque de Avila, 69 - c. Esq. Telef. 55 68 98-57 20 01 — Lisboa-1

Distribuidora: Digilvo, Rua das Chagas, 2 — Lisboa-2

LONDRES 1 SEMANA

FÉRIAS OU NEGÓCIOS

PARTIDAS em avião especial TAP:

SÉRIE «A» Domingos
Agosto 6, 13, 20, 27
Setembro 3, 10, 17, 24
Outubro 1, 8, 15, 22, 29

SÉRIE «B» 5ªs feiras
Agosto 3, 10, 17, 24, 31
Setembro 7, 14, 21, 28
Outubro 5, 12, 19

SÉRIE «C» 3ªs feiras
Agosto 1, 8, 15, 22, 29
Setembro 5, 12, 19

Preços excepcionais desde 6.650\$

Milhares de pessoas dizem com satisfação «Fui a Londres numa das nossas viagens baratas de abreu»

PROGRAMAS E INSCRIÇÕES abreu

fundada em 1940

UMA EMPRESA PRIVADA, DINÂMICA E COMPETENTE AO SEU SERVIÇO
LISBOA Av. 1.ª de Maio, 160 Telef. 371341
PORTO Av. dos Aliados, 207 Telef. 317921
COMBRA Rua da Seta 2 Telef. 27011/2
FARO Rua Cons. Bivar, 65 Telef. 25035/6
FUNCHAL Rua do Gurgulho, 1 Telef. 31077/8

CONSULTE SEU AGENTE DE VIAGENS

Crise mantém-se: Coligação de direita em perspectiva

A decisão final do PS relativamente ao futuro Governo «só será tomada na Assembleia da República, face ao seu programa e às pessoas escolhidas para o constituírem» — afirmou ontem de manhã Jorge Campinos, no final de mais um encontro com o Primeiro-Ministro indigitado, Nobre da Costa.

A delegação do PS, chefiada por Campinos e constituída por Tito de Morais e Pedro Coelho, esteve cerca de uma hora em Catalazete, mas, ainda de acordo com as declarações feitas, no final, aos jornalistas, «nada ficou resolvido neste encontro».

Jorge Campinos explicitaria também que o PS mantém a sua posição inicial de «não participar neste Governo», que considera «uma coligação disfarçada».

Posteriormente o porta-voz da delegação do PS insistiu: «Propuseram-nos cinco independentes, cinco socialistas, três PSD's e dois CDS's. É isso que nós consideramos uma coligação disfarçada».

Quanto à formação do Governo, o dirigente socialista precisou que «se por acaso houver militantes nossos que venham a aceitar eventual convite do eng.º Nobre da Costa, a Comissão Directiva decidirá então se aceita ou não a participação desses militantes».

PS: «EANES NÃO DESEJA A MARGINALIZAÇÃO DOS SOCIALISTAS»

O dirigente do PS explicaria depois que a intransigência do seu partido relativamente à participação no Governo não visa pôr em cheque o Presidente da República.

«Desejamos a sua estabilidade, reforçar a sua autoridade, o seu papel de árbitro e, porque temos um grande respeito e admiração pelo senhor Presidente da República, quando não estamos de acordo com os seus actos dizemo-lo primeiro a ele e depois em público», afirmou Jorge Campinos, acrescentando que «não existe qualquer melindre» entre o PS e o general Ramalho Eanes.

Campinos assegurou ainda que Mário Soares não associou o PR ao «golpe antidemocrático» a que aludiu no domingo, em entrevista à RDP.

«Mário Soares não se referia nem ao PR nem a qualquer outro órgão de soberania, mas a um certo número de forças que vinham desde há muitos meses a tentar a marginalização do PS. Pensamos, aliás, que o general Ramalho Eanes não deseja essa marginalização», afirmou Jorge Campinos.

PSD: PS É O OBSTÁCULO

O PS e o CDS por duas vezes e o PSD uma vez foram os partidos que Nobre da Costa chamou para consultas ao forte de Catalazete nos dois últimos dias.

Segundo Sá Carneiro, que, acompanhado por Meneses Pimentel, teve ontem de manhã novo encontro com Nobre da Costa, a posição do PS está a dificultar a constituição de um Governo nos moldes propostos pelo Presidente da República, isto é, com uma base parlamentar de apoio.

Ao prestar declarações aos jornalistas, no final da entrevista de quarenta e cinco minutos que teve com o Primeiro-Ministro indigitado, Sá Carneiro disse ainda julgar que, face a essas dificuldades, Nobre da Costa «deve ir para um Governo de independentes», acrescentando ser talvez ainda cedo para se saber quem constituirá esse Governo.

«A posição do PSD — disse ainda Sá Carneiro — é de permitir ao Primeiro-Ministro indigitado a formação do III Governo Constitucional, visto que a posição do partido é de total abertura e de desapego ao poder».

O essencial para o líder social-democrata é que «se não inviabilize a solução da formação do III Governo Constitucional tal como foi anunciada pelo Presidente da República e agora está em execução pelo eng.º Nobre da Costa».

CDS: COLABORAÇÃO

«O CDS está disposto a cola-

borar com o Governo que vier a formar-se» — declarou ontem Freitas do Amaral à saída de Catalazete, onde esteve cerca de cinquenta minutos com o Primeiro-Ministro indigitado.

O presidente do CDS acrescentou que a hipótese de formação de um Governo com a participação dos partidos «é neste momento muito difícil ou mesmo impossível», especificando que, na sua opinião, o Governo iria ser constituído por independentes e técnicos, de modo a constituir um Executivo de gestão que prepararia todos os instrumentos necessários para a realização de eleições.

Para Freitas do Amaral, «o problema essencial não é o da participação no Governo, mas sim o do apoio ou não apoio da Assembleia da República a esse Governo».

Sobre a definição dos «independentes» que irão participar no Governo, o presidente do CDS explicou que «temos de distinguir entre a participação dos partidos como partidos e a participação dos partidos através de personalidades dos parti-

dos. Esta participação através de personalidades — acrescentou — foi admitida e foi encarada pelo PSD, pelo CDS e em parte também pelo PS na medida em que o PS até agora ainda não declarou peremptoriamente que proibia os seus militantes de participarem como personalidades no Governo».

NOBRE DA COSTA: CONVITES A PARTIR DE AMANHÃ

Entretanto, o eng.º Nobre da Costa avistou-se ontem ao fim da tarde com o Presidente da República, a quem pôs ao corrente das diligências feitas depois das conversações travadas horas antes com o PS, o PSD e o CDS.

O Primeiro-Ministro indigitado disse aos jornalistas, antes de deixar Belém, que vai começar a convidar pessoas a partir de amanhã. Durante o dia de hoje, receberá os chamados «parceiros sociais».

Nobre da Costa afirmou também que está «a fazer os maio-

res esforços para que os partidos tenham participação e interesse no Governo que se vai formar», embora anteriormente não se dispensasse de dizer que «com socialistas ou sem socialistas o Governo irá gerir o País pelo menos durante o período necessário à aprovação da lei eleitoral e à realização do novo recenseamento», o que levou Marcelo Curto, no final da reunião do Secretariado Nacional do PS efectuada na segunda-feira, a afirmar que «esta posição deixa os socialistas mais à vontade».

Comentando declarações de dirigentes socialistas, segundo as quais o PS não fará obstrução ao III Governo, o Primeiro-Ministro indigitado especificou que, na sua maneira de ver, obstrução significaria «resistência não justificada à acção do Governo».

«Acho por isso lógico — continuou — que digam que a não fará. Aliás, o meu Governo ainda não existe, os nomes dos meus ministros ainda não são conhecidos, o programa do Governo ainda não foi publicado, pelo que não creio que nenhum partido me condene ou aprove».

COMISSÃO PERMANENTE DA ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA REÚNE-SE AMANHÃ

A requerimento do grupo parlamentar do PCP, o presidente da Assembleia da República, Vasco da Gama Fernandes, convocou a Comissão Permanente para uma reunião que se realizará amanhã à tarde no Palácio de São Bento.

O objectivo do encontro é «examinar e deliberar sobre a oportunidade da realização duma sessão suplementar da Câmara Legislativa», a fim de deliberar sobre a realização «duma sessão suplementar da Assembleia em ordem a discutir e votar a Lei sobre o Recenseamento Eleitoral e a Lei Eleitoral».

Entretanto, embora com 40 deputados no Parlamento, o PCP foi o único dos grandes partidos políticos portugueses a não ser convocado ontem pelo Primeiro-Ministro indigitado.

Aquele partido, que reafirmou a sua «disposição de intervir no processo de formação do Governo, promove na próxima sexta-feira

FAÇA COMO 1 MILHÃO DE PORTUGUESES!
FAÇA VOCÊ MESMO COM
Black & Decker[®]
E FAÇA A SUA MELHOR COMPRA DESTE VERÃO:

UM BERBEQUIM PRÁTICO E VERSÁTIL! VÁRIOS MODELOS! MUITAS UTILIDADES!

DNJ 50
899.

DNJ 70
1099.

DNJ 52
1699.

DNJ 64
1899.

Furar em madeira, plásticos, tijolo, azulejo, mármore, vidro e muitos outros materiais. Fazer de serra, lixadora, esmeriladora, torno, etc. com os muitos dispositivos. Raspar, polir, limpar, etc. com os vários acessórios.

COM QUALQUER DELES **1 LIVRO "FAÇA VOCÊ MESMO"**
GRÁTIS **1 CONJUNTO DE ACESSÓRIOS**
10 PLANOS DE CONSTRUÇÃO

PSD: PS É O OBSTÁCULO

O PS e o CDS por duas vezes e o PSD uma vez foram os partidos que Nobre da Costa chamou para consultas ao forte de Catalazete nos dois últimos dias.

Segundo Sá Carneiro, que, acompanhado por Meneses Pimentel, teve ontem de manhã novo encontro com Nobre da Costa, a posição do PS está a dificultar a constituição de um Governo nos moldes propostos pelo Presidente da República, isto é, com uma base parlamentar de apoio.

Sr. Camionista

Muitos acidentes com veículos pesados têm como causa excesso de carga. Respeite sempre os limites.

circulare viver.

LIVRO «FAÇA VOCÊ MESMO»

- Tudo sobre como se usam os berbequins.
- Todos os segredos de fazer furos em qualquer material sem problemas.
- Como montar e utilizar os famosos dispositivos e acessórios.

* Instruções de conservação e cuidado.

CONJUNTO DE ACESSÓRIOS PARA LIXAR E POLIR

- 1 flange de borracha
- 10 discos de lixa grossa, média e fina para desbastar e acabamento em madeira, plásticos, etc.
- 1 boina de polir para dar lustro ao seu carro ou aos seus móveis

PLANOS DE CONSTRUÇÃO

- Esquemas para ajudar a fazer imensas coisas novas para sua casa: armário de sala, mesa de centro, móvel de gavetas, secretária, estante de módulos, etc.
- Completíssimos, com desenhos das peças, medidas, indicação dos materiais a usar e instruções de construção, montagem e acabamento.
- Use-os tal e qual ou apenas como base para as suas ideias

FAÇA VOCÊ MESMO COM Black & Decker ...E FAÇA UMA VIDA MELHOR PARA SI.

HOSPITAIS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA A V I S O

CONCURSO LIMITADO PARA FORNECIMENTO E MONTAGEM DE UM EDIFÍCIO PREFABRICADO A ERGUER NA CERCA DOS HOSPITAIS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA - CONSULTAS EXTERNAS

Avisam-se todas as Firms interessadas, que se encontram, nos Serviços de Aproveitamento dos Hospitais da Universidade de Coimbra, o Concurso Limitado número 242/78/AG, para o fornecimento e montagem de um edifício prefabricado.

As propostas serão recebidas nos referidos Serviços até às 17 horas do dia 7 de Setembro, p.f. e abertas no dia seguinte, pelas 15 horas, perante todos os concorrentes que desejem assistir.

O depósito provisório, ou garantia bancária, é de Esc. - 15 000\$00

Coimbra, 11 de Agosto de 1978

Pel'O Director dos Serviços de Aproveitamento,
(Gilberto Pinto Ângelo)

LABORATÓRIO DE ANÁLISES CLÍNICAS DR. MORTÓ DESSAI, LIMITADA

Certifico que, por escritura de 31 de Julho de 1978, lavrada de fls. 46 a fls. 47v.º do livro de notas para escrituras diversas n.º C-46, deste 11.º Cartório Notarial de Lisboa, foi constituída uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, sob a denominação em epígrafe, a qual se regerá nos termos dos artigos constantes da fotocópia anexa que, com esta se compõe de quatro folhas, e vai conforme ao original na parte transcrita, nada havendo na dita escritura que amplie, restrinja ou condicione quanto se transcreve ou narra.

Lisboa e 11.º Cartório Notarial, aos 10 de Agosto de 1978

O 3.º Ajudante,
(Justino Estêvão da Silva)

PRIMEIRO

A sociedade adopta a denominação de LABORATÓRIO DE ANÁLISES CLÍNICAS DR. MORTÓ DESSAI, LIMITADA, tem a sua sede em Lisboa, na Avenida Columbano Bordalo Pinheiro, número cinquenta e sete, primeiro andar, freguesia de Campolide, teve o seu início em um de Janeiro de mil novecentos setenta e oito e durará por tempo indeterminado.

SEGUNDO

O objecto da sociedade é a realização de análises clínicas, importação e aluguer de materiais, reagentes, equipamentos e outros artigos para laboratório e exercício de outras actividades correlativas.

TERCEIRO

O capital social, integralmente realizado em dinheiro, já entrado na Caixa Social, é de QUATROCENTOS MIL ESCUDOS e é representado por três quotas, pertencendo uma de duzentos e cinquenta mil escudos ao sócio Dr. Mortó Sitarama Naique Pratap Rau Sar Dessai,

uma de cem mil escudos ao sócio D. Hirabai Senai Talaulicar Sar Dessai, e uma de cinquenta mil escudos ao sócio D. Ritabai Sar Dessai.

QUARTO

— Um — A cessão de quotas, total ou parcial, é livre entre os sócios, mas sendo a estranha, fica dependente da autorização da sociedade dada em assembleia geral.

— Dois — Na cessão a estranhos, terão preferência a sociedade e, subsidiariamente, os restantes sócios.

— Três — Se mais de um sócio quiser exercer a preferência, será a quota a adquirir dividida entre eles na proporção das suas quotas, salvo acordo diferente entre eles.

— Quatro — O valor para efeitos de preferência é o resultado do balanço organizado para esse efeito.

QUINTO

— Um — A gerência pertence a todos os sócios, que são dispensados de caução, e terão, ou não, remuneração conforme decisão de assembleia geral.

— Dois — Para obrigar a sociedade é indispensável e suficiente a assinatura do gerente Dr. Mortó Sitarama Naique Pratap Rau Sar Dessai e, na ausência deste, são necessárias as assinaturas conjuntas de dois gerentes.

— Três — Fica vedado aos gerentes obrigar a sociedade em fianças, abonações, letras de favor e outros actos estranhos aos negócios sociais.

SEXTO

A sociedade poderá amortizar a quota de qualquer sócio que seja penhorada, arrolada ou de qualquer modo sujeita a apreensão judicial.

SÉTIMO

As assembleias gerais serão convocadas por cartas registadas dirigidas aos sócios com, pelo menos, cinco dias de antecedência.

Jornal de Angola denuncia campanha do vespertino de Helena Roseta

A sistemática campanha de ataques e insultos à República Popular de Angola, veiculados pelo vespertino dirigido por D.ª Helena Roseta do PSD-PPD, motivaram uma nota do matutino de Luanda, «Jornal de Angola», que, a dado passo, sublinha: «é evidente que os insultos do chamado «Novo» (jornal que é a expressão da mais anclada reacção, e «novo» talvez por defender formas modernizadas de fascismo e revanchismo colonial) nos são úteis por espalhar a dimensão moribunda da frustração do colonialismo derrotado e das veleidades que alimentam».

«Não fosse o dito «jornal

novo» — considera ainda o matutino luandense — não saberíamos, por exemplo, o que fazem pelo mundo os fantoches, já que dentro das nossas fronteiras aparecem, de vez em quando, alguns infelizes que a África do Sul e outros laços do imperialismo armam e descomandam para o assassinio e destruição das populações pacíficas.»

E o «Jornal de Angola» prossegue: «não nos consta, por outro lado, que os homens do sr. Sá Carneiro conhecidos por Savimbi, e mais alguns, tenham estado alguma vez à frente dos bandos de infelizes que enganam e despacham, na hora de combate, dentro das nossas

fronteiras (...) esses factos que o «jornal novo» e o sr. Sá Carneiro não demonstram com nenhuma foto de família em visita a «território libertado angolano», são, na realidade, resultado de frustrações acumuladas, entre as quais o acordo de Bissau se distingue pelas certezas maiores e mais dignas dos povos angolano e português».

Aquele órgão da imprensa angolana assinala, entretanto, o facto de após a assinatura do acordo de Bissau, por Neto e Eanes, ter tido lugar «ligeira pausa» na campanha insultuosa de jornais portugueses (da «parte mais reacção e fascista») contra a RPA e seus dirigentes.

Jornalistas polacos comentam governos post-25 de Abril

Numa emissão do 3.º Programa da Rádio da Polónia dois jornalistas deste país, Janina Palecka e Oskar Sobanski, salientaram os esforços desenvolvidos pelos governos portugueses posteriores ao 25 de Abril, reconhecendo que houve melhorias no nível de vida e eliminação de desigualdades sociais.

Aqueles jornalistas assinalaram ainda o significado «essencial da Reforma Agrária, os progressos culturais (não acompanhados nos ramos da saúde e educação) e concluíram que «a instável situação interna» com

mudanças frequentes de governo prejudicou a preparação de um programa orientado para melhorar a economia portuguesa.

CDS DEFENDE O CAPITAL

MOSCOVO, 16.(F.P) — «Os partidos burgueses da direita tentam minar a confiança das massas populares no regime democrático», declarou a agência Tass em despacho do seu correspondente em Lisboa.

«O Centro-Democrático Social defende os interesses do

grande capital, procura isolar e comprometer o Partido Comunista Português, visando atentar contra as conquistas revolucionárias do povo e o processo democrático» naquele país.

No momento em que o Primeiro-Ministro indigitado Alfredo Nobre da Costa, prossegue as suas consultas com os partidos políticos «O Partido Comunista aponta a necessidade de uma maior compreensão e cooperação de todos os patriotas e democratas, sobretudo dos comunistas e dos socialistas», salienta o correspondente soviético.

GUINÉ-BISSAU

Fanha vai desenhar Centro Cultural português

BISSAU, 17 (Anop) — A inauguração do Centro Cultural Português na capital guineense, cujo edifício começará a ser construído dentro de poucas semanas, deverá ter lugar no princípio do próximo ano, quando o Presidente Ramalho Eanes visitar oficialmente a Guiné-Bissau.

O projecto do edifício é da autoria do arquitecto José Fanha, que agora esteve alguns dias em Bissau para recolher dados indispensáveis ao seu trabalho. Ocupando uma área coberta de cerca de 300 metros quadra-

dos o Centro ficará situado nos terrenos anexos à embaixada e disporá de uma biblioteca, uma sala polivalente para exposições e cinema e diversas salas de aula.

Recentemente, o Ministério dos Negócios Estrangeiros concedeu à embaixada em Bissau um subsídio de 1200 contos destinados à construção e equipamento do Centro. O adido cultural à Embaixada de Portugal em Bissau, Jaime Raposo, que ocupou o seu lugar na semana passada, será também o director do Centro.

OFERTA DE OITO CADEIRAS DE RODAS

Portugal ofereceu à Guiné-Bissau oito cadeiras de rodas destinadas a antigos combatentes do PAIGC mutilados de guerra.

O acto de entrega desta oferta do Governo português ao comissariado de Estado dos antigos combatentes da Guiné-Bissau, realizou-se na Embaixada de Portugal. Entre os dois países decorrem entretanto contactos tendo em vista a possibilidade de alargar a assistência de Portugal aos antigos combatentes do PAIGC inválidos de guerra.

CONTROLADORES AÉREOS FRANCESES

Terminada a greve recomeçam as negociações

Terminou esta manhã a greve de zelo de cinco dias dos 2500 controladores aéreos franceses, sem que nos aeroportos europeus se repetissem as perturbações que tinham marcado a primeira edição deste movimento de protesto, quando das partidas para férias, no primeiro fim de semana de Agosto.

Os atrasos nas partidas e nas chegadas dos voos, não excede-

ram uma média de 30 minutos nos aeroportos franceses.

A redução e desvio do rumo dos voos ao redor da França, desde sexta-feira, parece ter sido o principal motivo porque a greve não conseguiu originar longos atrasos.

Entretanto, o ministro francês dos Transportes, Joel le Theule, anunciou estar pronto a recomeçar as negociações com os con-

troladores até ao fim de semana sobre a exigência de aumento salarial e outras reivindicações. Mas — acrescentou — para as conversações recomeçarem não deverá haver ameaça de nova greve de zelo.

No aeroporto da Portela, para lá dos pequenos atrasos, o movimento de passageiros era o normal nesta época de Verão.

"Onda socialista" na Praia de Mira

O Partido Socialista promove no próximo domingo, dia 20, na Praia de Mira, a festa-convívio «onda socialista», que terá a presença de Mário Soares, dos dirigentes nacionais do partido e de delegações do PSOE e do PSF.

O programa da festa, que o gabinete de Imprensa do PS sublinha, assumir a «maior importância e relevo», inclui banho de mar e concurso de construções na areia, piquenique, na meialaranja com sardinhada, passeio de barco a remos na barrinha, convívio com ranchos folclóricos e variedade com diversos artistas, gaiteiros e marenates do Douro, além de uma intervenção política de Mário Soares.

SOARES CANCELA VIAGEM

Convidado para assistir à cerimónia de posse do novo presidente da República Dominicana, António Guzman, o dr. Mário Soares viu-se obrigado, por motivo da crise política portuguesa a cancelar a viagem.

É o que indica um telegrama enviado pelo dirigente do PS e ex-Primeiro-Ministro, a Guzman. Soares aproveitava ainda para, em nome dos socialistas, desejar felicidades ao mandato de Guzman.

Festa do PCP na Voz do Operário

Hoje, à noite, na Voz do Operário, o Comité Local de Lisboa (1.ª zona) do Partido Comunista Português promove uma festa-convívio integrada na promoção da festa do «Avante!».

Haverá uma intervenção política da deputada Alda Nogueira, do Comité Central do PCP, canto livre com os conjuntos «Unidade» e «Praça Pública» e uma sessão de fados com Manuel Maia e Natércia Aguiar, entre outros.

Os gatunos da capital enriquecem dia a dia

Este fim-de-semana prolongado — para os que conseguiram a «ponte» — permitiu aos gatunos uma «recolha» em valores e dinheiro de alto lá com o charuto.

Assim, de uma firma da Av. Casal Ribeiro, levaram, por meio de arrombamento, oito máquinas electrónicas no valor de 89 contos. Com chave falsa, de uma residência da R. Serpa Pinto, também em Lisboa, jóias avaliadas em cerca de 280 contos e um título bancário de 319 mil escudos. De outra residência da R. Quirino da Fonseca, com furgoneta à porta e tudo, os larapios «desviaram» tantos rolos de tecidos para estofos quantos eram necessários para perfazer 500 contos de material.

Outros roubos de menor importância, quer em residências, quer em estabelecimentos, participados ao piquete da Polícia Judiciária naquela data, somados aos de maior envergadura, atingem em valores totais, a ordem dos 1500 contos.

Nesta «recolha de fundos» realizada sistematicamente pela ladroeira da capital e arredores — que do resto do país temos pouca notícia — nada escapa. Por isso, também o Hospital Pulido Valente teve, uma tentativa de furto, frustrada à última hora, de grande quantidade de material médico-cirúrgico.

ADMITEM-SE 3 PESSOAS PART TIME 11.000\$00

Empresa Nacional, precisa de 3 pessoas de ambos os sexos com mais de 18 anos e Curso Complementar dos Liceus como mínimo, para trabalhar somente em «part-time».

Contactar amanhã, quinta-feira, só às 16 h na R. Duque de Palmela n.º 30-5.º Letra B.

Em ALJUSTREL o **Diário de Lisboa** vende-se no CAFÉ ALIANÇA

Vinte "flippers" apreendidos na fronteira

PORTO, 16 — Vinte máquinas de jogos americanos tipo «Flipper» foram apreendidas pelos serviços de fiscalização da Alfândega do Porto, a bordo de um camião «tir».

Na folha de mercadorias respectiva, a indicação que constava era «peças de mobiliário pertencentes a emigrantes portugueses». No entanto, o aspecto da encomenda levantou as suspeitas dos funcionários do Serviço de Fiscalização que após cuidadosas buscas, depuraram com as máquinas.

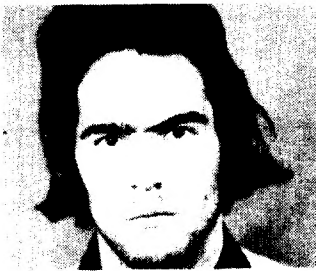
Contactada a Alfândega do Porto fomos informados que o material se encontra a descarregar no armazém de leilões, na sequência da apreensão feita no intuito de ficar garantido o cumprimento da pena de que a empresa transportadora francesa venha a ser objecto.

Comboios de emigrantes com destino à França

PORTO, 16 — Para satisfazer a grande afluência de emigrantes, efectua-se depois de amanhã, dia 18, em Campanhã, três comboios extraordinários, com destino à francesa que partirão daquela estação às 10.50; 13.13 e 17.18 horas.

O "barão" de novo dentro

Revelando evidente apego à «profissão», entretinha-se, na madrugada de ontem, a assaltar uma residência na Travessa da Oliveira, 29 o «Barão» (de seu nome completo António José Abrantes Barão Mendes), quando a polícia o surpreendeu. Um outro quadrilheiro, que aguardava ao volante de um carro, provavelmente roubado, fugiu rapidamente e conseguiu escapar a uma rajada de G-3.



José Abrantes, o «Barão»

Com o «Barão», um dos evadidos de Alcoentre, onde cumpria 16 anos de prisão maior, foi igualmente capturado um dos seus companheiros de fuga: António Duarte Pacheco. Estavam ambos armados de revólveres de calibre 38, mas não chegaram a oferecer resistência aos agentes da PSP.

Dos 124 evadidos de Alcoentre andam agora ainda a monte 44.

Asa do Atlântico no Funchal

FUNCHAL, 16 — Seis aviões FIAT da esquadilha «Asas do Atlântico» comandada pelo tenente coronel Morais Silva, chegaram no dia 21 a esta cidade a fim de executarem, no dia seguinte, um voo de demonstração sobre a cidade.

Este voo, dada a fama de que goza a esquadilha, é aguardado com a mais viva expectativa por toda a população.

A terra voltou a tremer no Algarve e em Lisboa

Pelas 15 horas e 18 minutos, da passada segunda-feira os aparelhos sismográficos registaram um ligeiro tremor de terra que atingiu os graus 3 e 4 no Algarve, ficando-se em Lisboa pelo grau 2 da escala de Richter.

O abalo teve o seu epicentro a cerca de 290 quilómetros a sueste de Lisboa. Elevou-se deste modo a cinco o número de vezes que a terra tremeu em Portugal, desde o início do ano. Os sismos anteriores ocorreram a 7 de Abril, 22 de Maio, 23 de Julho, e 11 do corrente mês. Todos eles passaram praticamente desper-

cebidos. O grande susto dos últimos anos continua a ser o de 28 de Fevereiro de 1969.

Roubados dois mil contos em jóias duma ourivesaria da Baixa

Esta madrugada e sem que ninguém desse por tal, assaltantes que se deslocavam num carro não identificado, penetraram por meio de arrombamento num armazém de ourivesaria da R. dos Douradores, no centro de Lisboa, fazendo uma «colheita» de grandes dividendos.

Na realidade, em diamantes, brilhantes, objectos de ouro, relógios e dinheiro — já agora —, a «surripadela» rendeu qualquer coisa como cerca de dois mil contos. Excelente «safra» e sem problemas.

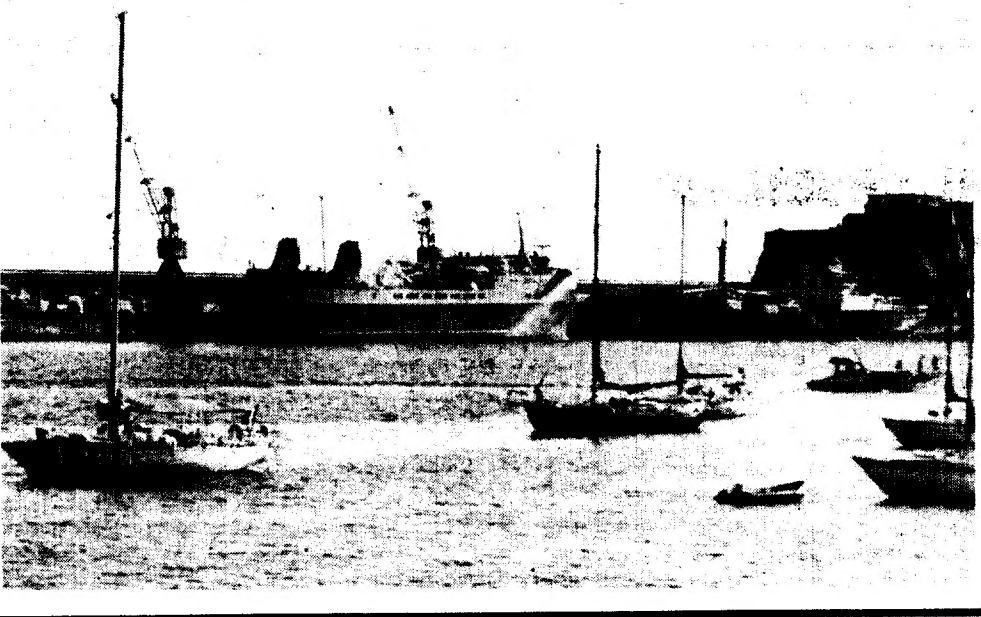
De uma residência da R. Particular à R. Infante de Sagres, entre Alcabideche e o Estoril, a «limpeza» em objectos de luxo, vestuário e documentos valiosos, somou para cima de dois mil e quinhentos contos. É o que se chama «radicalizar».

Igualmente a residência de um oficial superior da Armada, na Av. Estados Unidos da América recebeu a «visita» gulosa dos gatinhos. «Voaram» 169 contos entre objectos de prata e ouro, uma pistola e várias munições calibre de guerra, etc.

Electrodomésticos, uma máquina de filmar e outra fotográfica com teleobjectiva, foi o que os «passarões da noite» levaram de uma outra residência da R. Vila Pery: 102 contos.

"Barco banana" chega a Lisboa

Encontra-se já em Lisboa, o navio norueguês «Bonanza» (na foto) fretado pelo Governo Regional da Madeira, com um carregamento de bananas, que havia ficado retido no Funchal devido à greve da Marinha Mercante. Ao lado de casco escuro, pode ver-se o «Açores» que foi alvo de incidentes, que oportunamente noticiamos, em Ponta Delgada (Açores) no fim de Julho, provocados por terroristas da FLA. Em consequência teve de rumar com destino ao Funchal onde ainda se encontra



Tripulantes roubam carga de navio no Funchal

FUNCHAL, 16 — A Polícia Marítima desta cidade, informada de que os tripulantes do navio cipriota «Heroic Júnior» estavam a roubar partes da carga transportada nesse navio fretado pela CTM, que recentemente chegou a esta cidade, mandou alguns agentes ao molhe da Pontinha onde, efectivamente, encontrou um grupo de indivíduos que estavam a descarregar parte da

carga desse navio a fim de a venderem. Sentindo-se descobertos, alguns dos tripulantes que se encontravam no molhe lançaram ao mar fardos e caixotes que estão a ser recuperados por mergulhadores do porto. De acordo com informações obtidas esta manhã, o comandante do navio, de nacionalidade grega, não está envolvido no roubo que continua a ser investigado.

Esfaqueado e roubado num urinol público

Um cobrador da agência do Banco Português do Atlântico em Famalicão recebeu anteontem seis facadas da parte de dois jovens que o espoliaram do dinheiro que consigo transportava: 200 contos.

Com efeito, quando aquele funcionário bancário, Joaquim Macedo Pinto, de 38 anos, casado, acabava o seu trabalho, dois jovens aparentando idades entre os 18 e os 20 aproximaram-se dele e sob a ameaça de uma pistola obrigaram-no a entrar num urinol público onde não só o aliviaram dos 200 contos como também o esfaquearam.

Encontrado a esvaír-se em sangue Joaquim Macedo Pinto deu entrada no Hospital local onde recebeu tratamento. Em virtude de o seu estado não ser considerado grave, pôde, mais tarde, regressar a casa.

teiro, pedreiro, de Santa Cruz do Bispo, Matosinhos.

Foi conduzido ao hospital de S. João, tendo ali chegado já morto.

Abatido a tiro na praia de Leça

PORTO, 16 — Ontem, ao fim da tarde, foi atingido a tiro, próximo da praia de Leça, por um indivíduo que seguia de automóvel e fugiu. Norberto Marques do Sacramento, de 35 anos, sol-



ARMANDO MARTINS CAMELO
FALECEU

Sua mulher e filha comunicam o falecimento de seu marido e pai, e que o funeral se realiza hoje às 15.30 da Igreja de São Domingos de Benfica para o Cemitério do Lumiar. A Funerária de Palhavã, Telef. 771882.

BICICLETAS "VILAR"

para homem, senhora e criança

DISTRIBUIDORES
CICLO AREEIRO

Av. Alm. Gago Coutinho 3-B Tel. 886870-890342 LISBOA

SINDICATO DOS TRABALHADORES DE TRANSPORTES RODOVIÁRIOS E GARAGENS, POSTOS DE ABASTECIMENTO E OFÍCIOS CORRELATIVOS DO CENTRO E SUL

MOÇÃO

Os trabalhadores do sector de garagens e distribuição de gaz do Sindicato dos Trabalhadores de Transportes Rodoviários e Garagens, Postos de Abastecimento e Ofícios Correlativos do Centro e Sul, reunidos em 12 de Agosto de 1978, manifestam a sua confiança na Comissão Negociadora Sindical do CCTV — Garagens, à qual conferem poderes para levar a cabo as acções que entendam oportunas e necessárias para uma rápida conclusão das negociações do Contrato de Trabalho.

EM FRENTE POR UM CONTRATO DE TRABALHO DIGNO!
UNIDOS E ORGANIZADOS VENCEREMOS!

Lisboa, 12 de Agosto de 1978

APROVADA POR UNANIMIDADE

Alitours

Sinónimo de férias inesquecíveis

Em qualquer dos nossos programas o seu dinheiro vale mais

BUONGIORNO ITALIA 8 dias tudo incluído visitando Roma, Milão, Verona, Veneza, Florença, etc.

CIAO ROMA Uma semana livre em Roma ao sabor da sua imaginação

CIRCUITO DE ITÁLIA Selecção das mais encantadoras cidades italianas

ENCANTOS DE ITÁLIA Uma semana para conhecer os pontos mais célebres de Itália

FLASH DE ROMA a cidade às suas ordens com uma visita a Pompeia e Nápoles

GRANDES FÉRIAS ITALIANAS 9 dias de viagem à descoberta de belezas inigualáveis

VIVA ITÁLIA Numa semana tudo incluído Roma, Florença, Nápoles, Pompeia, Capri, etc.

Intermezzo
à sua passagem por Roma

Alitalia
Faremos ver todo o mundo

consulte Alitalia Av. da Liberdade 225 LISBOA Tel. 536 4316 ou o seu agente de viagens

NOME _____ MORADA _____

Queiram enviar-me programa _____

**M.E.C.
Instituto Português de Oncologia
de Francisco Gentil
AVISO**

Está aberto, perante este Instituto, até 30 de Agosto de 1978, concurso documental para o preenchimento dos lugares adiante indicados no Centro de Lisboa do Instituto Português de Oncologia de Francisco Gentil:

- Auxiliares de Enfermagem, eventuais, a que podem concorrer indivíduos habilitados com o Curso de Auxiliar de Enfermagem.
- Enfermeiros de 2.ª classe, eventuais, a que podem concorrer indivíduos habilitados com o Curso Geral de Enfermagem, ou com o Curso de Promoção (Decretos N.º 346/72, de 30 de Agosto e N.º 440/74, de 11 de Setembro).

Os interessados devem contactar com a Superintendência de Enfermagem do Centro de Lisboa deste Instituto, das 9 às 16 horas de 2.ª a 6.ª, feira onde estarão patentes as condições do concurso.

I.P.O.F.G., 19 de Julho de 1978

O DELEGADO DO MEC
Raul da Costa Dionísio
Major

**MINISTÉRIO
DA HABITAÇÃO
E OBRAS PÚBLICAS**

**Secretaria de Estado
das Obras Públicas**

**DIRECÇÃO-GERAL DOS RECURSOS
E APROVEITAMENTOS HIDRÁULICOS**

**DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS
DE OBRAS HIDRÁULICAS**

**DIVISÃO DE CONSTRUÇÃO
SISTEMA DE ESGOTOS
DA REGIÃO DE ALCANENA**

CONCURSO PÚBLICO PARA ADJUDICAÇÃO DO FORNECIMENTO E MONTAGEM DO EQUIPAMENTO DO POSTO DE TRANSFORMAÇÃO, E CONSTRUÇÃO DO EDIFÍCIO DO POSTO DE TRANSFORMAÇÃO DA ESTAÇÃO DE TRATAMENTO DE ALCANENA

CAUÇÃO PROVISÓRIA 30 900\$00

ALVARÁ EXIGIDO - 8.ª subcategoria da VI categoria, da classe correspondente ao valor da proposta

As propostas deverão ser apresentadas na Direcção-Geral dos Recursos e Aproveitamentos Hidráulicos, na Rua de S. Mamede (ao Caldas) n.º 23, até às 17 e 30 horas do dia 12 de Setembro de 1978.

O acto público do concurso realizar-se-á pelas 15 horas do dia 13 de Setembro de 1978 no mesmo local onde o processo se encontra patente em todos os dias úteis e nas horas de expediente.

Lisboa, em 9 de Agosto de 1978
O ENGENHEIRO DIRECTOR-GERAL
(a) Joaquim Fernando Faria Ferreira

"Atraso no diálogo Lisboa-Pequim" considera o governador de Macau

MACAU, 16 - «A actual crise política em Portugal não tem qualquer repercussão no território de Macau», declarou ao princípio da tarde de ontem o governador Garcia Leandro, quando desembarcou neste território, depois de uma visita de serviço a Portugal, que se prolongou por cerca de um mês.

Garcia Leandro indicou no entanto que «o período de crise, até à queda do segundo Governo Constitucional e depois a queda propriamente dita do Governo, atrasou o diálogo que estava a haver entre Lisboa e Pequim, através dos respectivos embaixadores em Paris com vista ao estabelecimento de relações diplomáticas». Não obstante o mesmo atraso, os resultados fi-

nais - acentuou - não serão prejudicados «até porque o novo Governo não terá uma visão diferente das relações com a República Popular da China» da do anterior gabinete de Mário Soares, pois a política externa, manter-se-á.

O governador de Macau, referindo ao fim do seu mandato em Novembro próximo, anunciou que «já tenho instruções do senhor Presidente da República para iniciar imediatamente consultas à população, através dos seus órgãos representativos, que se efectuarão por várias fases sendo a primeira, a hipótese de ver se a população local está interessada em que o governador de Macau seja um natural do território ou um elemento

aqui radicado há já muito tempo, e em caso positivo, quem». Garcia Leandro indicou que as conclusões serão posteriormente transmitidas ao Presidente da República, para decidir da realização ou de outras fases.

O impasse verificado no estabelecimento do banco emissor de Macau, um dos assuntos que levaram o governador Leandro a Lisboa foi considerado por si à chegada «como completamente resolvido e só o decreto-lei não foi a Conselho de Ministros, porque não, há neste momento, conselho de Ministros, em Portugal».

O governador de Macau lembrou que «havia divergências de pontos de vista entre os dois futuros sócios do banco emissor

de Macau, - o Governo e o BNU - no que diz respeito aos estatutos do futuro banco, mas, após várias reuniões de trabalho, chegou-se a um consenso completo e total sobre os documentos necessários».

O governador disse ainda que posteriormente os mesmos documentos haviam tido também a aprovação do Ministério das Finanças cessante e do próprio Presidente da República que também dera o acordo «E que agora será apenas uma questão de tempo, até que o decreto-lei vá ao Conselho de Ministros», concretizando-se assim a cisão do departamento do BNU de Macau para depois se poder integrar no futuro banco emissor do território.

PARA INCREMENTAR AS EXPORTAÇÕES

Volfrâmios da Borralha passam de mão em mão

A produção de volfrâmio das minas da Borralha, que desde 1967 se encontrava em declínio, situando-se presentemente nas duzentas e cinquenta toneladas por ano, poderá dentro em breve atingir as quatrocentas toneladas anuais. Este aumento da produção resultará dos investimentos que se vão realizar em prospecção de novas áreas, na aquisição de equipamentos modernos e na introdução de aperfeiçoamentos tecnológicos, no material existente. Estas medidas surgem na sequência de um protocolo assinado sob a égide do Ministério da Indústria e Tecnologia, através da secretaria de

Estado das Indústrias Extractivas, que permite à sociedade francesa Mines de Borralha, SA, ceder acções à empresa inglesa Beral Tin and Wolfram (Portugal), SARL, que por sua vez, integrando capitais a da administração cautelar dos bens da Companhia dos Diamantes de Angola (bens situados em Portugal), vai passar a explorar os jazigos existentes, e iniciar pesquisas para localizar novos fios.

A secretaria de Estado das indústrias extractivas e transformadoras, estabeleceu, por outro lado, as bases para a instalação em Portugal de uma indústria de

aproveitamento metalúrgico dos minérios de tungsténio.

Desde há muito que se perseguia este objectivo para o sector mineiro, de molde a promover a industrialização do tungsténio nacional, podendo-se graças às suas qualidades concorrer nos mercados internacionais, ao mesmo tempo que contribuirá para aumentar o volume das exportações portuguesas e para criar condições mais favoráveis à balança de pagamento.

No entanto, dada a capsulação do mercado internacional e a especialização do «know-how» para Portugal tal meta parecia impossível.

Recorreu-se por intermédio da Beral Tin and Wolfram à Union Carbide e à Boart Internacional, bem como à administração cautelar dos bens da Companhia de Diamantes de Angola, e dessa forma se poderá instalar em Portugal uma indústria para o aproveitamento metalúrgico dos minérios de tungsténio. Assim, - dada as ligações internacionais - a indústria portuguesa fica com a possibilidade de facilmente colocar esses minérios, o que agora lhe estava vedado, por dificuldades técnicas e por protecções aduaneiras existentes nos países produtores.

AÇORES

Controlo de identificação nas entradas e saídas

Numa comunicação feita ontem pela RTP, o presidente do Governo Regional dos Açores, Mota Amaral, anunciou a criação de um sistema de controlo de identificação nas entradas e saídas da região. Garantiu o chefe do Executivo açoriano: «Vamos ter indícios mais seguros para saber quem nos agride, quem nos está a destruir quem recorre ao terror e à violência na nossa sociedade». Para Mota Amaral a necessidade de estabelecimento deste «controlo» está ligada ao facto de, no continente, fugirem «presos das cadeias, cadastrados perigosíssimos, de uma só vez mais de uma centena, e as autoridades policiais encontram-se mercê de diversas razões, em dificuldades graves para reprimir os autores das práticas criminosas».

Depois destas demãos a tintas carregadas sobre a situação no Continente nos domínios criminal e policial, Mota Amaral sem qualquer referência às actividades da organização separatista FLA, a qual tem sido acusada de não ser estranha aos últimos atentados contra sedes e militantes de partidos progressistas, confirmou que «a prática do terrorismo tem vindo a verificar-se com uma insistência revoltante, depois de termos passado um período em que actos dessa natureza estiveram completamente banidos das nossas ilhas».

No discurso que dirigiu aos açorianos, Mota Amaral abordou ainda a problemática da autonomia e o alcance do primeiro Congresso das Comunidades, que amanhã começa em Ponta Delgada.

Associação de Desalojados "anuncia" empréstimo internacional de 700 milhões de dólares

A Associação Projecto-I garante que se o Governo quiser há 700 milhões de dólares que virão para Portugal. Este empréstimo insere-se no conjunto de acções que têm vindo a ser desenvolvidas junto de instituições bancárias internacionais com o objectivo de angariar empréstimos destinados a dar solução ao problema dos desalojados das ex-colónias.

Actuando numa posição medianeira entre o Governo Português e os desalojados, a Associação «Projecto I» conseguiu que uma cadeia de bancos alemães, belgas, franceses, e holandeses esteja na disposição de conceder a Portugal, a curto prazo e em condições vantajosas (garantem que em condições mais vantajosas que o recente empréstimo do FMI), uma soma que poderá ir até 700 milhões de dólares.

O referido empréstimo, já anunciado e a aguardar uma decisão do Governo, será processado à taxa de juro de oito por cento no primeiro ano e de quatro por cento nos anos subsequentes. O prazo para a liquidação vai de 10 a 20 anos.

De acordo com os estatutos da Associação, a acção visa a integração social dos desalojados, especialmente nos domínios da habitação e do trabalho; combater a tendência da formação de sociedades isoladas de portugueses desalojados e ainda estudar o problema das indemnizações em colaboração com os interesses do Governo.

De acordo com o «Projecto I» os dólares serão convertidos em escudos, ao câmbio de 1973, a fim de eliminar o sistema inflacionário da nossa economia e

evitar assim, a constante alteração da taxa de correcção. Segundo declarações dos dirigentes da Associação, o Governo não tem nada que pagar as indemnizações o que tem é o dever «de defender o património dos seus cidadãos».

MEDEIROS FERREIRA CONTRA SOARES: Eanes é o "garante da democracia"

Ouvindo pela RTP, Anop e RDP, o ex-ministro dos Negócios Estrangeiros

Medeiros Ferreira, considerado um dos «presidencialistas» do PS mais hostis a Mário Soares, afirmou ontem que «haverá democracia em Portugal depois da exoneração do dr. Mário Soares» e declarou que o general Eanes «é o mais alto garante» da democracia portuguesa.

Companheiro de viagem e perspectivas de António Barreto e Sousa Tavares, no famigerado conclave de Mateus o ex-exilado de Genebra, entende nas citadas declarações que se têm «multiplicado as investidas de personalidades da actual direcção do PS contra alguns dos seus membros, que há muito, e nos locais mais variados, dentro e fora do partido, vêm defendendo posições independentes das do Secretariado».

O dr. Medeiros Ferreira considera ainda que os dirigentes do PS podem, com «algumas das suas atitudes» conduzir o partido para um «beco histórico», e sugere que há intenção de Soares e Zenha em afastá-lo do PS. «Parece - diz o ex-ministro - não admitirem que outros possam

Além do empréstimo dos 700 milhões de dólares, a Associação salienta estar em vias de pôr ao serviço do Governo todas as suas relações a nível nacional e internacional estando pronta a colaborar em todos os projectos necessários.

APENAS O CARTÃO...

As declarações de Medeiros Ferreira, prontamente escutadas pelos citados órgãos de informação, são interpretadas como resposta a afirmações de Mário Soares numa entrevista à RDP. O secretário-geral do PS, sublinhou na citada entrevista, haver no seu partido «duas ou três pessoas que se evidenciam pelo facto de se afirmarem dessa corrente presidencialista», tendo ainda acrescentado que, tais elementos, se recusam a ir «desde há vários meses; às comissões dirigentes de que fazem parte, não têm ido às reuniões».

«Estão portanto - concluiu Mário Soares - num pendor que permitirá dizer que talvez ainda tenham o cartão do Partido Socialista, mas não têm com certeza o coração no Partido Socialista (...) estão a seguir o seu caminho, penso que isso é com eles... é uma opção como qualquer outra, mas que poderá considerar-se bastante ilógica, dados os antecedentes, os pontos ideológicos de que partiram».

Salários em atraso na "Enobra"

Os trabalhadores da "Enobra" reuniram-se em plenário ao princípio da tarde de hoje, na escola do Bonfim (Porto), para debater a grave situação em que se encontram.

A iniciativa do plenário coube ao Sindicato dos Trabalhadores da Construção Civil, Madeiras, Mármore e Pedreiras do Distrito do Porto, em consequência de centenas de trabalhadores daquela empresa receberem os seus salários, há alguns meses, a «conta-gotas».

Os vencimentos de Julho ainda não foram pagos, «apesar dos esforços desenvolvidos pelos Sindicatos no Ministério do Trabalho e outros organismos oficiais e junto da Administração da empresa», frisa o Sindicato da Construção Civil do Porto em comunicado.

MHOP CONCLUI

A empresa J. Pimenta pode sobreviver

•AC: a viabilização é possível

A falência da empresa J. Pimenta, «solução liminarmente lógica, na óptica financeira, viria criar novas questões de solução impossível ou extremamente onerosa, podendo acarretar para o Estado maiores prejuízos do que o esforço financeiro, naturalmente relevante, que implicará a decisão de recuperar a empresa, para a qual existem factores positivos que não poderão ser esquecidos».

Esta é uma das conclusões que o Ministério da Habitação e Obras Públicas (MHOP) retira do estudo efectuado pelos serviços competentes sobre a situação daquela empresa, ainda interveniente, e que de certo modo vem ao encontro dos pontos de vista expressos pelos trabalha-

dores ao longo do período de gestão estatal.

Num comunicado agora distribuído à imprensa, o MHOP dá conta das principais conclusões apuradas quanto às empresas, J. Pimenta e AC Trabalhos de Arquitectura e Construção, cuja situação, é, «sob o ponto de vista financeiro, extremamente delicada».

No que se refere à J. Pimenta, a tarefa de viabilização afigura-se bastante «complexa», já que se verifica «nas principais sociedades do grupo uma linha de tendência de degradação sucessiva da situação económica e financeira». Afirma o MHOP:

«Desejando um lugar representativo no sector, a Empreendimentos Urbanos e Turismo, J. Pimenta SARL não logrou a sua reconversão como empreiteira em termos satisfatórios, apresentando uma quebra acentuada de produtividade, um relevante acréscimo das responsabilidades e um avolumar de prejuízos. Não obstante, a empresa dispõe de um potencial produtivo, designadamente no domínio da construção de habitações, e um património considerável, que poderão ser, se bem utilizados, garante da sua recuperação económica».

O MHOP reconhece ainda que são de acautelar os interesses do «elevado número de investi-

dores e promitentes-compradores, na sua maioria pessoas de pequenos e médios recursos que colocaram as suas poupanças na empresa», com destaque para os emigrantes. A solução que se encontre necessitará, no entanto, de prévio acordo do Ministério das Finanças e do Plano.

Já quanto à empresa, AC o MHOP afirma taxativamente que a viabilização, neste momento, é possível, «desde que a sua desequilibrada estrutura financeira, seja corrigida, o que poderá ser obtido através de esquemas de saneamento financeiro» (consolidação e bonificação de passivos, conversão dos mesmos, emissão de obrigações). A AC, antes da intervenção, trabalhava para um único cliente: a Torralta. Posteriormente foi reconvertida, orientando as suas actividades para a execução de obras públicas, e evidenciando «uma recuperação sensível».

As conclusões apuradas sobre as duas empresas foram em parte prejudicadas na sua eficácia imediata pela actual crise governativa, que impede a «formação do necessário consenso interdepartamental, indispensável a uma deliberação do Conselho de Ministros» sobre o regime de cessação da intervenção estatal.

CONFLITO NA MARINHA MERCANTE Sindicato espanhol apoia trabalhadores portugueses

Organismos representativos de trabalhadores de vários sectores, quer a nível nacional quer internacional, continuam a expressar solidariedade e apoio aos trabalhadores do mar pela luta que vêm desenvolvendo por melhoria de condições de trabalho.

Entre as últimas manifestações de organizações estrangeiras, a Federação dos Sindicatos do Mar recebeu uma saudação do Sindicato Livre da Marinha Mercante, de Espanha, o organismo mais representativo deste sector, no país vizinho, devido ao elevado número de trabalhadores que representa, afectos a organizações diversas como, por exemplo as Comissões Obreiras.

A Federação dos Sindicatos dos Trabalhadores de Transportes, com sede em Londres, tem

também acompanhado, através de manifestações várias, a luta dos trabalhadores do mar portugueses.

No sector de transportes nacional também diversos organismos têm manifestado a sua solidariedade e apoio a esta luta, enaltecendo a coragem e firmeza destes trabalhadores que foram já sujeitos a requisição civil pelo Governo cessante. Entre esses organismos contam-se comissões de trabalhadores, comissões sindicais e sindicatos.

A resolução do conflito continua em compasso de espera, apesar de os sindicatos terem entregue um memorando na Presidência da República e insistirem na sua disposição para o diálogo, mas sem condições prévias.

"SINAGA"

Resolvido o conflito

A fábrica de açúcar da Sociedade de Indústrias Agrícolas Açorianas, Sinaga, retomou o ritmo de laboração normal depois de um compromisso assumido pela administração da empresa e o assumido pela administração da empresa e os trabalhadores ter posto fim ao conflito de trabalho que ali se verificou recentemente.

Quatro dos 7 Sindicatos representativos dos trabalhadores (Indústrias Transformadoras, Fogueiros, Agentes Técnicos, Agrários e Engenheiros Técnicos Agrícolas) acordaram com a empresa que a partir de 1 de Janeiro próximo serão pagos salários superiores em cerca de 25% aos actuais, sendo metade

do aumento pago a partir de 1 de corrente. A partir de Janeiro de 79 a empresa deverá pagar não só o resto dos aumentos referentes aos meses de Agosto até Janeiro, como o total dos retroactivos desde Abril passado.

Assim, o salário mínimo, auferido por 85 trabalhadores da fábrica, passa a ser de 5700 escudos.

A resolução do conflito permitiu não só o regresso da fábrica à laboração normal como ainda a normalização do abastecimento de açúcar a todo o arquipélago açoriano, produto cuja escassez vinha já a fazer-se sentir, de acordo com informação da ANOP.

Por uma
solução democrática
para a crise
**GRANDE
COMÍCIO**
ÁLVARO CUNHAL
6ª feira 18 Agosto 21h.
CAMPO PEQUENO



PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

Todos ao Comício

DE AGREDIDO A AGRESSOR

«Sou, guarda de obras há quinze anos, e nunca ninguém me bateu».

Ao Rosalino de Jesus Sousa nunca ninguém bateu, até há poucos dias. Segundo conta, foi ameaçado, empurrado e agredido pelo patrão (José Matias, da Sociedade Anónima do mesmo nome, empreiteiro) e por um seu fiel empregado. Teve de tratar-se no hospital. E acabou por ser despedido.

O conflito começou quando o Rosalino pretendeu ser esclarecido sobre a exacta natureza do seu trabalho e protestou contra as condições em que desempenhava as suas tarefas. No regresso de férias (estávamos em Julho), foi-lhe comunicado que ficaria inactivo, à espera de colocação. Até que no dia 6 desse mês, quando pretendia informar-se sobre o que se estava a passar, a conversa degenerou em pancada.

A nota de culpa que precedeu o despedimento imputa-

lhe — a ele, note-se — «provações», tentativas de agressão, «insultos» e «obscenidades». Mas — pergunta o Rosalino —, poderia ele ficar indiferente perante a injustiça, ficar inerte perante a agressão?

Perdeu o emprego, e agora aguarda uma solução dos tribunais. Sente-se com direito a que o indenizem. E recorda as cerca de 700 horas extraordinárias não pagas, feitas ao longo da sua permanência na empresa, trabalhando por vezes noites a fio, velando pela segurança de coisas que não são nem nunca serão suas.

Aleijado de nascença, com uma irmã doente a seu cargo, meio de idade, indiferenciado para o trabalho, como poderá ele viver daqui em diante? Foi com esta preocupação angustiante que se nos dirigiu um dia destes para contar o seu problema. Porque as delongas da justiça nem sempre se compadecem com as exigências do estômago.

AUMENTOS NAS F.A.

Sindicatos da Função Pública desmentem notícias falsas

As Direcções dos Sindicatos dos Trabalhadores da Função Pública do Norte, Centro e Sul desmentem a notícia inserta num semanário segundo a qual «o Sindicato da Função Pública» (não se dizendo qual deles) estaria a boicotar a nível do Ministério das Finanças a aprovação de um Decreto-Lei sobre os aumentos das Forças Armadas.

Considerando tal notícia uma calúnia aos trabalhadores da Função Pública e aos seus Sindicatos, aqueles organismos decidiram esclarecer o público pois embora «não passando de um amontoado de incongruências» a notícia é susceptível de confundir quem a leu.

Esclarece, portanto o comunicado, que nenhum dos Sindicatos signatários tomou qualquer posição sobre os referidos au-

mentos e que, além disso, quando se diz na notícia que o decreto dos aumentos dos militares se encontra retido no Ministério das Finanças esperando a promulgação referente à Função Pública, «não sabe — ou não quer saber — o referido jornal que os vencimentos da Função Pública foram aprovados pelo Decreto-Lei n.º 106/78, promulgado em 17 de Maio e publicado no E.R. em 24 desse mesmo mês».

«Fica assim claro quem pretende «desestabilizar as Forças Armadas», manipular a opinião pública e lançar novas achas para a fogueira da crise que vivemos!» declaram os Sindicatos dos TFP que acrescentam: «os trabalhadores portugueses aprenderam ao longo de 4 anos de Revolução, a distinguir quem está a seu lado ou contra si!».



CÂMARA MUNICIPAL DO SEIXAL EDITAL

EUFRAZIO FILIPE GARCEZ JOSÉ, presidente da Câmara Municipal do concelho do Seixal, em cumprimento do disposto no n.º 1 do artigo 13.º do Decreto-Lei n.º 794/76 de 5 de Novembro torna público que, por força do Decreto-Regulamentar n.º 20/78, de 4 de Julho, publicado no «Diário da República» n.º 151, I série, ficou sujeita a MEDIDAS PREVENTIVAS pelo prazo de dois anos a parcela de terreno delimitada por uma linha poligonal que se desenvolve com o seguinte percurso:

Com início no cruzamento da estrada nacional n.º 10 com a estrada nacional n.º 378, estrada para Sesimbra, segue ao longo desta na extensão aproximada de três quilómetros até atingir o marco rodoviário n.º 7, infectando daí e para Poente, segundo o caminho denominado Rua dos Cavaquinhos, na extensão aproximada de dois quilómetros, até à intercepção deste caminho com o caminho do Pinhal do Marquinho; segue por este, para Sul, até ao Marco do Grilo, contornando pelo Norte, as instalações existentes e limitadas como referem os decretos n.ºs 12/72, de 11 de Janeiro e 168/74 de 25 de Abril, segue depois pela estrada do Marco do Grilo, de Sul para Norte, limitando a Nascente toda a parcela de terrenos até atingir a estrada nacional n.º 10 a Norte de Coia; segue finalmente, pela estrada n.º 10, no sentido Nascente-Poente, até atingir um ponto de intercepção desta com a estrada nacional n.º 378, próximo do Fogueteiro, fechando o percurso.

Do mesmo modo se torna público que pelo Decreto-Regulamentar em causa compete à Câmara Municipal fiscalizar a observância das proibições inerentes à nova situação da área e constantes do artigo 8.º do aludido Decreto-Lei n.º 794/76:

- a) Criação de novos núcleos populacionais;
- b) Construção, reconstrução ou ampliação de edifícios ou outras instalações;
- c) Alterações importantes, por meio de aterros ou escavações, à configuração geral do terreno;
- d) Instalação de explorações ou ampliação das já existentes;
- e) Derrube de árvores em maciço;
- f) Destruição do solo vivo e do coberto vegetal.

A Câmara Municipal do Seixal, autarquia cuja razão de ser está na protecção dos interesses próprios das populações locais, manifesta publicamente a sua estranheza por mais esta decisão da Administração Central que afecta uma vasta área do concelho e para a qual nem sequer foi consultada. Mais uma vez não são fornecidos meios à autarquia para cumprimento de uma determinação do aparelho central, fazendo crer que os problemas concretos, algum dia poderão ser resolvidos apenas com trabalho de gabinete, desfazendo das realidades locais e das dificuldades técnicas e financeiras com que se debate o Poder Local.

Apesar de tudo, cumpre-nos informar a população da determinação do aparelho central relativamente à matéria em causa.

Pagos do Concelho do Seixal, aos dez dias do mês de Agosto de mil novecentos e setenta e oito.

O PRESIDENTE DA CÂMARA
a) Eufrazio Filipe Garcez José



As Florestas são uma riqueza nacional.

O descuido de um fumador pode ser o início de um incêndio.

Um cigarro mal apegado é um fogo começado.

NÃO FAÇA LUME

PROTEJA AS FLORESTAS



Maria da Fonte tem mais um monumento

A partir de ontem Maria da Fonte, a iniciada do levantamento popular das mulheres, ocorrido há 132 anos na Póvoa do Lanhoso, tem um monumento na sua terra natal.

Da autoria do escultor bracarense Jorge Ulisses, o monumento importou em mais de três centenas de contos, reunidos por subscrição pública iniciada há dez anos pelo semanário local «Maria da Fonte» e por uma comissão de

emigrantes. O Governo Civil de Braga, a Câmara Municipal e a Casa do Povo da Póvoa de Lanhoso deram, também, o seu contributo.

O monumento a Maria da Fonte — «mulher revolucionária, orgulho de todos os povoenses», como disse dela, na cerimónia inaugural, o proprietário do jornal «Maria da Fonte» — foi descerrado pelo presidente do Município da Póvoa de Lanhoso, Amândio Basto Oliveira.

CULTURA

Instituídos os prémios

Vitorino Nemésio e Jorge de Sena

A atribuir pela Associação Portuguesa de Escritores com o apoio da Secretaria de Estado da Cultura foram instituídos os prémios Vitorino Nemésio e Jorge de Sena destinados a galardoar dois estudos inéditos sobre a obra de cada um dos autores.

Os prémios, no valor de trinta contos cada, serão atribuídos em data próxima do dia 15 de Dezembro do corrente ano devendo os candidatos enviar seis cópias dactilografadas dos originais para a APE (Rua do Loreto, 13-2.º, em Lisboa), até ao próximo dia 15 de Outubro.

Os candidatos poderão concorrer aos dois prémios literários. Findo o prazo de entrega dos originais, será nomeado para cada prémio um júri com a seguinte constituição: um representante da SEC, nomeado pelo Secretário de Estado da Cultura; um representante da APE; dois críticos literários e ainda um ensaísta.

A APE poderá facilitar os contactos com as Editoras aos autores dos originais premiados. A decisão final de publicação caberá, no entanto, ao autor, e será de sua responsabilidade.

Festival Internacional de Cinema no Algarve

PORTIMÃO, 16 — Organizado pelo Grupo Juvenil de Cinema do Boa Esperança Atlético Clube Portimonense terminou, ontem, nesta cidade a apresentação dos filmes premiados no VIII Festival Internacional de Cinema Não Profissional do Algarve.

Na categoria de «iniciados» foram premiados os filmes «O Cesteiro» de Júlio Capela, «Acordar com o Douro em Casa», de Luís Vilça e «Makro Corpus» de Carlos Soares.

Na categoria de «veteranos»

foram premiados «O Som da Montanha» «Apontamentos Sobre o Agro-Pastoril do Barroso», ambos de Nuno Pereira e ainda «Make-up» do alemão H. Lutz. As menções honrosas foram atribuídas ao alemão C. Olazabal autor de «Table, Chair and Paper» e a «Barro e Barrista» de Carlos Manuel.

Constituíram o júri, o dr. Américo Santa Cruz, Gentil Marques, eng. Lemos Pinheiro, Moraes Gouveia e João Braz.

Escola Prática de Mafra comemorou Dia de Infantaria

Com a presença de altas individualidades militares, celebrou-se na passada segunda-feira, na EPI de Mafra, o Dia da Infantaria. Na circunstância, o director da Arma, general João Nunes Igreja, proferiu uma breve arenga, sublinhando a dado passo: «Sempre, e hoje mais do que nunca, cada um de nós tem de ter consciência dos seus deveres e da exigência imperiosa de se subordinar ao interesse geral para reerguer a Pátria, em todos os campos ao nível da dignidade que ela exige».

Após a guerra colonial foi necessário actualizar e reformular o Exército. O seu trabalho de normalização, contudo, que «exige cooperação e esforços de todos» foi, entretanto, agravado, segundo o general João Igreja, por «um período de transformação política e social que teve incidências negativas nas Forças Armadas, condicionando o cumprimento da sua missão fundamental — o interesse da Pátria». Mas, «tudo está passando», concluiu o general.

Entre outras considerações tecidas pelo director da Arma da Infantaria refira-se: «A Pátria está em paz mas travando uma batalha consigo próprio que há que vencer». Sobre o Exército disse: Apesar de ainda há pouco sobre ele se ter abatido «uma forte tempestade», o Exército «continua de pé, firme nos pro-

pósitos de disciplina e coesão, orgulhoso dos conceitos de dignidade, honra e amor próprio que são linhas mestras da sua conduta».

Nas cerimónias, que foram presididas pelo chefe do Estado-Maior do Exército, estiveram representadas todas as unidades de Infantaria do Continente e das regiões autónomas dos Açores e da Madeira. Depois da alvorada festiva e do içar da bandeira, uma companhia e três pelotões comandados pelo capitão Lomba prestaram honras militares ao chefe do Estado-Maior que se encontrava acompanhado pelo director da Arma de Infantaria, general João Igreja; ex-director, general Ribeiro Faria; governador militar de Lisboa, general Oliveira Rodrigues; brigadeiros Salazar Braga, Hugo dos Santos e Soares Carneiro; os conselheiros da Revolução, brigadeiro Pezarat Correia, coronel Firmino Miguel, major Vítor Alves e capitão Marques Junior.

Estavam também presentes delegações da GNR e da Armada e ainda os adidos militares das embaixadas de Espanha, Roménia e Estados Unidos, bem como o governador civil de Lisboa e outras individualidades convidadas.

Seguiu-se a formatura em parada, um desfile de dois batalhões, exercícios com «Chaimites» e outros carros de combate



vindos recentemente dos Estados Unidos da América. Finalmente, foi inaugurado o

Museu da Infantaria e distribuídas condecorações a militares da Escola Prática de Mafra.

Santos Barros (deputado socialista) defende a entrada do PCP para a área governamental

A entrada do Partido Comunista para a área governamental é defendida pelo deputado socialista Santos Barros em entrevista que concedeu ao «DL».

As declarações de Santos Barros, que serão sem dúvida polémicas, principalmente no interior do seu próprio partido, que até agora se tem oposto terminantemente, a tal possibilidade, abrangem também outros aspectos da actual crise política e ainda um pouco de História. Na sua maioria desconhecida, referente à sua participação na guerra civil, espanhola e na resistência ao franquismo.

Segundo defende este transmontano, antifascista, com pergaminhos e provas, dadas, a resolução das crises políticas de Santos Barros, que serão sem dúvida polémicas, principalmente no interior do seu próprio partido, que até agora se tem oposto terminantemente, a tal ponto, antifascista, com pergaminhos e provas, dadas, a resolução das crises políticas em Portugal tem pecado pelo demasiado secretismo. Afirmou-nos que «não é

com reuniões restritas, almoços e jantares que se resolvem estas coisas». Paradigma, como método de trabalho, seria o processo seguido quando se tornou necessário aprovar a Lei da Reforma Agrária, vulgo lei Barreto — o debate na Assembleia da República, entre os representantes eleitos pelo povo. Poderiam constituir-se comissões especiais, ou mesmo reunir o plenário da AR, para que os deputados e através deles, os partidos, decidissem quais as plataformas de acordo possíveis, quais as combinações desejáveis. Seria, segundo Santos Barros, uma forma de prestigiar as instituições parlamentares e, por outro lado, de «poupar» a figura do Presidente

ações antecipadas que vêm sendo exigidas pelos mais diversos sectores, «seriam um erro terrível, com a economia no estado em que está». Para além do aspecto económico, que aconselharia a sua não realização, outro problema é levantado: «Poderiam existir muito mais abstenções, se bem que os resultados não fossem muito diferentes dos anteriores. O povo está cansado e quer pão. Para o povo, em nome de quem todos querem falar, a liberdade, hoje é o pão!».

Falando da crise política e dos ataques que têm sido feitos ao Presidente da República, tanto o PSD, e outras formações de direita, como pela Igreja, Santos Barros pensa que eles têm origem no encontro de Ramalho Eanes com Agostinho Neto em Bissau, atitude que não teria agradado àqueles sectores. Se-

partido a favor de algumas forças da reacção».

Voltando a falar do Presidente Eanes, Santos Barros salientou que o Presidente «não deve ser de nenhum partido», nem mesmo do PS, mas «uma figura que nos merece todo o carinho e respeito e que tem de estar acima dos partidos».

A actual crise, que tem a sua origem última no facto de «as forças revolucionárias não terem aproveitado os momentos formidáveis que tiveram e em os «revolucionários» do «pandeiro» terem feito tanto barulho para espantarem toda a gente e não realizarem nada», poderá ser resolvida com os processos indicados — nomeadamente com a actividade da Assembleia da República, na discussão da situação política, segundo palavras de Santos Barros.

ESPAÑHA

Outro assunto, ventilado durante a conversa que mantivemos com Santos Barros foi a Espanha. Não a Espanha em vias de democratização ou a Espanha do franquismo. Mas sim aquela em que todas as esperanças eram permitidas, e que foi condenada pela aliança conjugada dos rebeldes franquistas, dos exércitos alemães e italianos e da passividade das democracias ocidentais, que nada fizeram para ajudar a República.

Em Espanha, Santos Barros foi, logo nos primeiros anos da República, membro do executivo nacional da Juventude Socialista, passando depois para idêntico órgão das Juventudes Unificadas Socialistas e Comunistas. Dirigente da parte militar desta organização foi destacado para o Norte de Espanha (País Basco) logo que se iniciou, em 1936, a Guerra Civil. Ali desempenhou cargos importantes, chegando a atingir a patente de coronel, aos 27 anos e tornando-se também comandante do 14.º Corpo do Exército da República.



da República.

E este seria o momento — palavras do deputado socialista — de se lembrar que existem mais partidos na Assembleia da República, para além do PSD e do CDS. Esta lá também o PCP, e ele poderia vir a apoiar o Governo que saísse do Parlamento.

Para Santos Barros, as elei-

gundo nos afirmou «A reacção quer «arrumar», o Presidente da República e a própria Constituição, ou seja condenar a vontade popular que foi quem elegeu o Presidente da República».

«A Igreja, salientou, «não tem a mínima razão de queixa do povo e das forças políticas portuguesas, e apesar disso, tem tomado

CONTRA A EXPLOÇÃO DEMOGRÁFICA NO TERCEIRO MUNDO

Redistribuição dos recursos e novos esforços na educação

O tema da explosão demográfica — um dos problemas mais sérios que se têm vindo a colocar ao Terceiro-Mundo — tem mais possibilidades de se ver solucionado através de uma distribuição mais equitativa dos recursos — ainda que escassos — e dos esforços estatais em matéria de educação do que por intermédio do controlo da natalidade e de pouco prováveis «Goms» económicos — afirmou o sociólogo Nortcliffe, perito internacional em assuntos demográficos num recente artigo publicado na revista «Populi», revista essa pertencente ao Fundo das Nações Unidas para Actividades de População.

Desafiando as clássicas concepções sobre a questão, Nortcliffe, baseando-se num estudo efectuado na Índia, no Estado de Kerala (onde cerca de 22 milhões de pessoas vivem num espaço que não ultrapassa os 550 quilómetros quadrados), contraria, com efeito, a concepção clássica na matéria e que, baseada na experiência europeia, diz que com um baixo nível de rendimentos e sem um rápido crescimento industrial, as populações dos países pobres crescem de forma alarmante, por causa dos muitos filhos por família.

No respeitante a esta tese europeia, os remédios correntemente propostos são os programas de controlo de natalidade mediante o uso maciço de anti-concepcionais e esterilização e fruto de onerosas campanhas de propaganda quando não, em certos países, de coacção.

«Kerala, no entanto, experimentou nos últimos 15 anos uma baixa de natalidade de 39 para 26 mil — a média na Índia é de 35 por mil. O que se verificou em Kerala nunca foi conseguido, com programas ou sem eles, em qualquer país em desenvolvimento» — assinala Nortcliffe que também foi ex-assessor do Banco Mundial da Índia.

O êxito de Kerala não pode ser atribuído, segundo o perito, aos programas «deficientes» de controlo da natalidade actualmente vigentes na Índia, já que a tendência se iniciou naquele Estado seis anos antes dos mesmos terem entrado em vigor.

Para o especialista norte-americano a raiz da mudança do comportamento de reprodução dos naturais do Estado de Kerala está nas transformações sócio-económicas verificadas naquela

região. Com efeito, a sua base não é o crescimento irracional da economia mas sim uma melhor distribuição do rendimento e critérios equitativos na inversão e prestação de recursos e serviços educacionais, conjuntamente com uma alta participação política.

«Neste Estado — diz Nortcliffe — verificou-se nos princípios da década dos anos cinquenta uma reforma agrária que, através de um processo de redistribuição de terras, diminuiu notavelmente as diferenças sociais». E acrescenta: «Neste Estado, politicamente bastante diferente dos restantes Estados indianos, existem os mais altos salários da União Indiana embora o rendimento «per capita» — 80 dólares anuais — seja muito menor que a média nacional, ou seja, 120 dólares. Por outro lado, Nortcliffe assinala que não se verificou no Estado de Kerala qualquer «boom» económico.

No concernente à prioridade dada à educação, o técnico norte-americano revela que ao contrário do resto da Índia ela foi dirigida ao nível primário e médio. Assim, Kerala apenas destinou 11 por cento do orçamento do Ministério da Educação ao ensino superior, tendo em conta o pressuposto que mais vale fazer campanhas de alfabetização do que formar elites universitárias. O resultado é excepcional: 60 por cento dos naturais de Kerala, sejam eles homens ou mulheres são letrados, estando incluída nessa percentagem a população entre os cinco e os quinze anos.

Também a participação política da população é geral e é acompanhada por uma forte organização sindical e caponesa rompendo com o esquema clássico de «baixo desenvolvimento

económico igual a reduzida participação política».

«Estes elementos — explica Nortcliffe — modificaram substancialmente a sociedade do Estado de Kerala, apesar da pobreza da sua economia. As mulheres, por exemplo, têm alternativas à tradicional ocupação doméstica, com uma actividade social muito grande. Por outro lado, a idade dos matrimónios aumenta e o número de filhos por família baixa» — acrescenta o perito das Nações Unidas.

Nortcliffe vinca ainda que aquilo que até agora só parecia ser possível obter mediante o consumo e o crescimento industrial, se verificou no Estado de Kerala graças à mudança das

relações sociais e de uma maior igualdade no acesso a recursos, embora limitados.

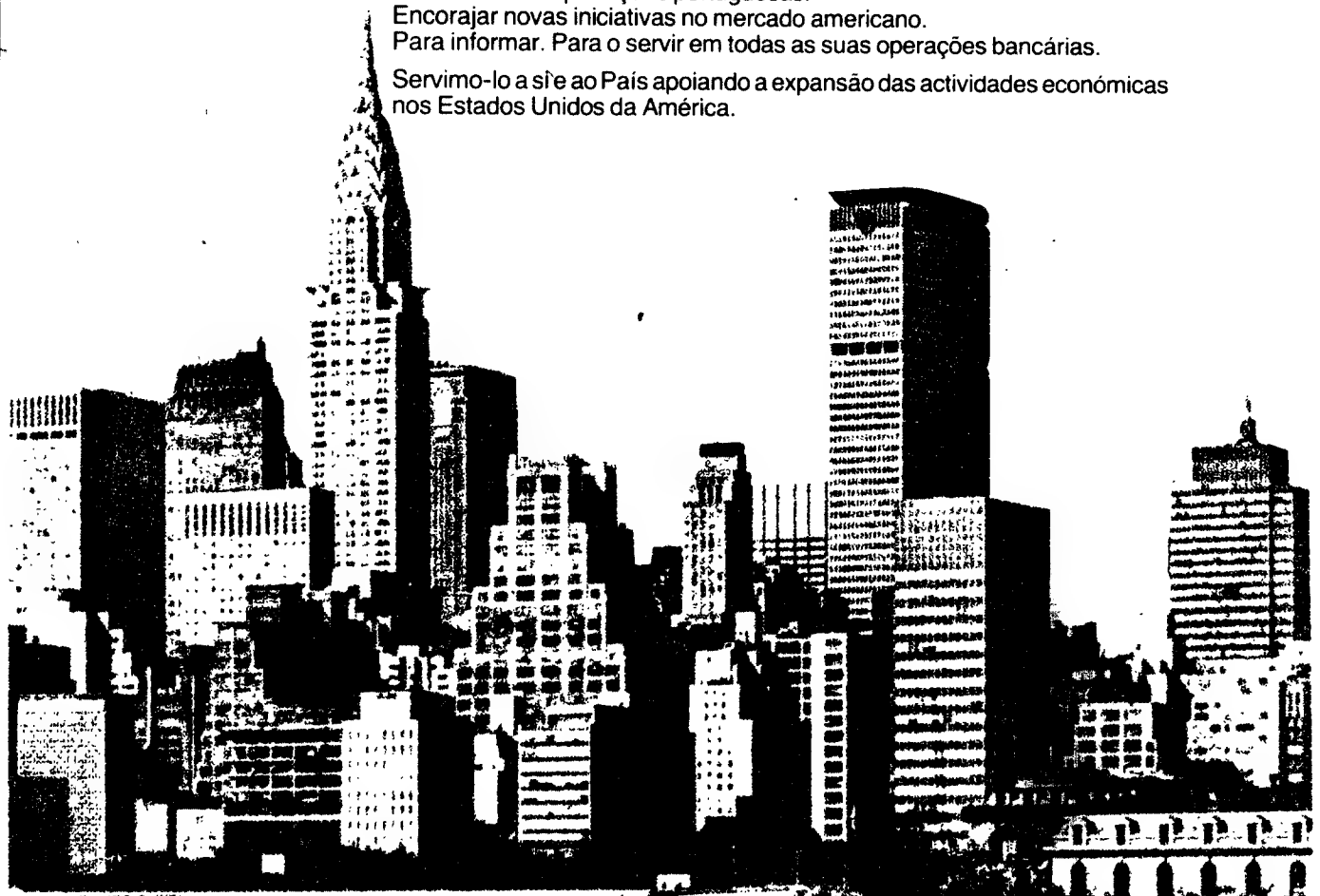
Por último, o artigo assinado por Nortcliffe assinala que Kerala é um exemplo para o terceiro-mundo já que demonstrou que a solução para obstar à explosão demográfica não é o manipular do comportamento de reprodução mas sim mudanças institucionais para satisfazer as necessidades básicas humanas. Em resumo: para Nortcliffe a saída está uma estratégia de desenvolvimento baseada em princípios de distribuição equitativa dos recursos e esforços e não num crescimento económico irracional que acentue as desigualdades.



A partir de Setembro o BPA está em Nova York

Em Wall Street no centro financeiro de Nova York o BPA está presente com uma Agência para apoiar os seus negócios. Promover as Exportações portuguesas. Encorajar novas iniciativas no mercado americano. Para informar. Para o servir em todas as suas operações bancárias.

Servimo-lo a si e ao País apoiando a expansão das actividades económicas nos Estados Unidos da América.



ALCATIFA EM SALDO
Desde 90\$00 o metro quadrado
PESTANA E COUCEIRO, LDA
Lgo Dr. António Sousa Macedo, 6-A/B
(Ao fundo da Calçada do Combro)
Tel. 675948

TEM FALTA DE ESPAÇO EM SUA CASA?

Nós podemos resolver-lhe este problema, pois temos oficinas próprias para a execução de móveis por desenho, de todas as medidas.

REQUINTE — MÓVEIS E ESTOFOS

AV. ALMIRANTE REIS, 110 — TEL. 82 28 91
(Defronte da Cervejaria Portuguesa)



As Florestas são uma riqueza nacional.
Compete a todos defendê-las e protegê-las.
Não faça queimadas.

NÃO FAÇA LUME
PROTEJA AS FLORESTAS



BANCO PORTUGUÊS DO ATLÂNTICO

2, Wall Street - Nova York - Tel. 212-732-3440

EUA

Proposta de auxílio externo aprovada na C. dos Representantes

A Câmara dos Representantes aprovou uma proposta de auxílio externo de 7,3 bilhões de dólares apesar dos esforços de advogados da Administração Carter para reduzir as contribuições americanas para agências de empréstimos internacionais.

A proposta foi aprovada por 223 votos contra 167 após ser derrotada uma resolução para reduzir em 584 milhões de dólares as verbas para duas agências de desenvolvimento — o Banco de Desenvolvimento Interamericano e a Associação de Desenvolvimento Internacional.

Em vez disso foi aprovada uma redução quase simbólica de 24,9 milhões de dólares.

A proposta de auxílio externo começou inicialmente com um pedido de 8,4 bilhões de dólares mas este foi reduzido ao longo de prolongados debates.

Antes da votação, o presidente da Câmara, Thomas O'Neill, declarou que havia recebido uma carta do antigo secretário de Estado Henry Kissinger, advertindo que novas reduções prejudicariam a capacidade da América para conduzir a sua política externa.

Entre os cortes à proposta figuravam 90 milhões de dólares em assistência económica à Síria — uma acção criticada pelo Departamento de Estado como prejudicando os esforços da Administração para alcançar a paz no Médio Oriente.

Na proposta final ficaram intactos um bilião de dólares em créditos para Israel 8,5 milhões de dólares para a Jordânia e 2,5 milhões de dólares para o Líbano.

Uma cláusula proíbe que fundos americanos sejam atribuídos ao Vietname.

AUXILIO AO ZAIRE?

Entretanto a Secretaria norte-americana de Estado decidiu libertar um auxílio de 26 milhões de dólares ao Zaire, que anteriormente estava retido — anuncia o «Washington Post».

Acrescenta que a decisão foi tomada como manifestação de apoio ao modo como o Zaire e Angola têm procurado resolver pacificamente os seus problemas, depois da última invasão do Zaire.

Não foram, no entanto, tomadas quaisquer medidas de apoio a Angola, a falta de reconhecimento da vontade daquele país em melhorar as relações com a República do Zaire e em desencorajar a repetição de ataques fronteiriços. No entanto, afirma, citando funcionários da Secretaria de Estado, que tem sido manifestada a Angola a aprovação norte-americana das últimas medidas tomadas, e que não é de afastar a hipótese da concessão de auxílio material pelos Estados Unidos, caso prossiga o movimento de aproximação com o Zaire.

CARTER CONTRA URSS

A Administração Carter pediu aos seus aliados europeus e japoneses que não vendam computadores à agência soviética TASS para a cobertura dos Jogos Olímpicos de Moscovo em 1980, indicou terça-feira, em Washington, o porta-voz do Departamento de Estado, Hodding Carter.

AMÉRICA LATINA

Presidente eleito toma posse na República Dominicana

DEZ MIL MINEIROS EM GREVE no Perú efectuaram uma manifestação no centro da capital peruana para exigirem a readmissão de 400 colegas despedidos.

O presidente eleito da República Dominicana, António Guzman, candidato apoiado pela Internacional Socialista (organização a que o seu partido pertence) é hoje empossado como sucessor de Joaquín Balaguer. A cerimónia assiste o secretário norte-americano de Estado, Cyrus Vance. O secretário geral do Partido Socialista Português, Mário Soares, que projectava deslocar-se à República Dominicana, para assistir à cerimónia, não o fez, devido à crise política.

Administrador de propriedades agrícolas, sem títulos universitários, a única experiência governativa de Guzman limitou-se à do cargo de ministro

Denunciados os laços

África do Sul — Israel

A URSS apelou para a Conferência Anti-Racismo das Nações Unidas condenar o que afirmou serem os crescentes laços militares e políticos de Israel com a África do Sul.

Alexander Dzasochov, o principal delegado soviético à Conferência de 100 nações, acusou também os EUA de discrimina-

No mês passado, o presidente Carter tinha oposto o seu veto, à venda de um computador «Sperry Univac» no valor de quatro milhões de dólares à agência noticiosa soviética numa medida de represália contra as condenações dos dissidentes Anatoly Charkov e Alexandre Ginzburg. «Pedimos à Alemanha Federal, à França, à Grã-Bretanha e ao Japão, que adoptem uma atitude similar, acrescentou Hodding Carter. Até agora, indicam no Departamento de Estado, os governos contactados ainda não deram a conhecer as suas posições.

Luther King

James Earl Ray, cumprindo uma pena de 99 anos de cadeia pelo assassinio de Martin Luther King, é levado hoje sob forte guarda de um lugar secreto em Washington para responder a perguntas de congressistas que investigam a morte, em 1968, do dirigente negro dos direitos civis.

Um apertado dispositivo de segurança rodeia a audiência, que será televisada. Apenas 14 lugares, de cada vez, são distribuídos ao público. Ray é a testemunha principal do terceiro dia de audiências da comissão de assassínios da Câmara dos Representantes.

Uma equipa de médicos informou essa comissão de que a bala que matou Martin Luther King poderia ter sido disparada por outra pessoa que nada tinha a ver com James Earl Ray.

CAOS EM MEMPHIS

Ocorreu esta manhã uma série de roubos em Memphis quando um corte de energia mergulhou na escuridão esta cidade já agitada pela presença de numerosos simpatizantes de Elvis Presley e a braços com greves de polícia e dos bombeiros.

Os simpatizantes de Elvis têm estado a afluír à cidade para assinalar hoje o primeiro aniversário da morte do «Rei do Rock».

MUNDO SOCIALISTA

Hua Kuo-feng chegou hoje a Bucareste

O dirigente chinês, Hua Kuo-feng, inicia hoje uma visita oficial à Roménia, retribuindo, deste modo, a visita que o dirigente daquele país, Nicolau Ceausescu, fez no ano passado a Pequim. Hua Kuo-feng, na sua digressão de duas semanas pela Europa, visitará também a Jugoslávia, cujo presidente no ano

passado foi igualmente à China.

A visita de Hua Kuo-feng é a primeira que um dirigente chinês faz à Europa, desde que o falecido Mao Tse-tung visitou a URSS, em 1957. Por outro lado, confirma as boas relações que Pequim se empenha em manter com Belgrado e Bucareste, depois das históricas acusações que tiveram curso em Pequim

CIÊNCIA

Fonte ilimitada de energia descoberta nos EUA

Cientistas norte-americanos ser estudado, prosseguiu. «Falta afirmar ter dado um passo gigante na descoberta de uma fonte ilimitada de energia, ao mesmo tempo que se chegar ao dia em que dominarem o poder medonho estejam a operar com centrais de contido em bombas de hidrogénio para produzirem electricidade», acrescentou.

O dr. Harold Furth, o director de Pesquisas do Laboratório de Plasma Físico da Universidade de Princeton conseguem criar uma temperatura de 60 milhões de graus centígrados — quatro vezes a temperatura calculada no centro do Sol.

A notícia sensacional registou-se um mês depois de cientistas do Laboratório de Plasma Físico da Universidade de Princeton conseguem criar uma temperatura de 60 milhões de graus centígrados — quatro vezes a temperatura calculada no centro do Sol.

Tal temperatura foi criada na Terra apenas na forma descontrolada da fusão nuclear de uma bomba de hidrogénio.

O dr. Stephen Dean, director da Divisão de Plasma Físico do Departamento Norte-Americano de Energia, disse que não havia a mínima dúvida de que a teoria da fusão nuclear controlada fora agora provada.

O aspecto económico da nova fonte de energia tinha agora de

ser estudado, prosseguiu. «Falta afirmar ter dado um passo gigante na descoberta de uma fonte ilimitada de energia, ao mesmo tempo que se chegar ao dia em que dominarem o poder medonho estejam a operar com centrais de contido em bombas de hidrogénio para produzirem electricidade», acrescentou.

O dr. Harold Furth, o director de Pesquisas do Laboratório de Plasma Físico da Universidade de Princeton conseguem criar uma temperatura de 60 milhões de graus centígrados — quatro vezes a temperatura calculada no centro do Sol.

Ao utilizá-lo para satisfação das suas próprias necessidades, o Homem pode tornar-se independente de combustíveis minerais e fósseis da Terra.

Como essa energia se conseguiria também a ela própria, o problema cada vez maior do que a mínima dúvida de que a teoria da fusão nuclear controlada fora agora provada.

plamente, deixaria de haver tais desperdícios.

contra aqueles dois países. Hua Kuo-feng, seguindo as tradições de «clausura» dos dirigentes chineses, só ainda fez uma viagem ao estrangeiro à Coreia do Norte no ano passado.

De regresso da Jugoslávia, Hua visitará também o Irão.

As agências salientam a coincidência desta visita com a data do aniversário da entrada

das forças do Pacto de Varsóvia na Checoslováquia. Por outro lado, Hua Kuo-feng vem à Europa, depois de assinado o tratado sino-nipónico, considerado «tendencialmente» anti-soviético.

A Roménia prepara uma recepção calorosa ao dirigente chinês, para retribuir aquela que Ceausescu recebeu em Pequim.

ASIA

Caça ao homem e mais motins no Irão

Registaram-se ontem novos motins em diversas regiões do Irão, nomeadamente na capital, na região de Chiraz, em Ispahan, em Gazvin e em Qom, segundo se soube hoje de fonte não oficial. Os estabelecimentos da região a Sul do Teerão continuavam fechados hoje de manhã, segundo as mesmas informações que ainda não receberam confirmação oficial.

A Imprensa de Teerão, que se encontra sob apertada censura e não pode relatar incidentes que ocorram no país, dá hoje um largo relevo aos «comícios de operários» em que foram condenados os motins. A Imprensa revela também que as autoridades iniciaram uma verdadeira «caça aos cabecilhas que provocaram os motins».

Segundo as informações veiculadas pela Imprensa «os processos de 113 pessoas detidas em Chiraz foram transmitidos a tribunais militares e 96 outras serão julgadas pelos tribunais civis».

O Festival Artístico de Chiraz e o Festival Folclórico de Ispahan, previstos para Setembro foram anulados «devido a incidentes», segundo informações dos meios oficiais.

Os jornais sublinham também a medida de amnistia tomada pelo Xá do Irão e que beneficiou 711 detidos, dos quais «612 eram acusados de actividades subversivas». Esta amnistia ocorre por ocasião da comemoração do aniversário do regresso do soberano ao trono e da queda de Mossadegh, em 19 de Agosto de 1953.

Conjura esmagada no Congo

As autoridades congoleesas fizeram gorar uma conjura para derrubar a comissão militar que se encontra no poder — anunciou o presidente Joachim Yhombi Opango, numa emissão de Rádio Brazzaville captada na

capital zairense. O golpe, que deveria ter sido desenhado no dia 14, envolvia uma invasão de mercenários e o assassinato dos dirigentes militares — declarou a agência zairense AZAP.

Noticiário em colaboração com as agências ANOP, France Presse, Inter Press Service, Novosti, Prensa Latina e Reuter.

AO EMIGRANTE

Se sabe ler e escrever e necessita da carta de condução, pois o seu exame será antecipado!

Dirija-se à ESCOLA DE CONDUÇÃO MONUMENTAL

Av. Manuel da Maia, 11-13 LISBOA
Telefs. 572535 539712

Crítica
de Teatro

CARLOS PORTO

Saint-Exupéry em teatro
no Júlio de Matos

Júlio de Matos: a grande solidão dentro dos muros de Lisboa.

«O (MEU) PEQUENO PRÍNCIPE», adaptação do conto de Saint-Exupéry. Orientação: João Silva. Luzes: José Azevedo. Música: Luís P. Faro (G.A.C.) Cenografia: José Azevedo. Pontos: António Castela, Isabel Carvalho, Noélia Canudo. Assistentes de realização: José Azevedo, Isabel Carvalho, Noélia Canudo. Guarda-Roupa: Maria Cândida. Interpretação: A. Lemos, J. Carvalho, Pedro V. Carvalho, I.D. Pereira, Susete Salgueiro, Fátima Teixeira, Carlos Conde, António Henriques, Virgínia L. Pimentel,

Gomes Fernandes, Dinis Pombo, Leonel Silva, Cândida Gomes, Joaquim L. Teixeira. Grupo de Teatro Terapêutico do Hospital Júlio de Matos. Julho de 1978.

A partir de quatro adaptações feitas por outros tantos elementos do grupo, o colectivo deste fez um trabalho sobre a célebre obra de Saint-Exupéry que apresentou numa sala do Hospital Júlio de Matos.

O espectáculo foi seguido de colóquio e um e outro demonstraram a evidência a vantagem e interesse de experiências deste tipo que



Saint-Exupéry: uma política redescoberta como terapêutica.

permitem o desbloqueamento de relações a vários níveis: entre os doentes, entre estes e os que os tratam, familiares, e aqueles que o não são ou supõem não o ser.

Esse desbloqueamento passa necessariamente pelo trabalho prévio de desbloqueamento de cada um si mesmo, o que foi sublinhado por uma das interventoras no colóquio (estudante de psicologia e também participante no espectáculo), que relatou haver entre os intérpretes, quando se iniciaram os ensaios, pessoas que tinham enorme dificuldade em

exprimir-se, dificuldade que em grande parte superaram.

Não se discute, pois, o valor terapêutico e humano destas iniciativas. E quaisquer reservas de outro tipo que se pudessem pôr a esta função como realidade estética, a que não aspira, esbarrariam com essa outra realidade que aqui interessa especialmente sublinhar.

A existência deste espectáculo é, por si só, qualquer coisa que vale a pena, independentemente de quaisquer outros juízos, como já se entendeu.



A estreia de «Till Eulenspiegel» é no próximo dia 24

Campolide
sempre arranca

Resolvido finalmente o problema do material eléctrico cedido pela SEC, o Grupo de Campolide vai conseguir estreiar o seu anunciado espectáculo «As Aventuras de Till Eulenspiegel», quinta-feira, dia 24, na Academia Almadense.

Com encenação de Joaquim Benite, cenários e figurinos de Mário Alberto, e música original de Bernardino Nascimento, «As Aventuras de Till Eulenspiegel» conta com um elenco de 24 actores, estando os principais papéis a cargo de Alda Rodrigues, Argentina Rocha, Maria Henriqueta, Alberto Quaresma, Alfredo Sobreira, António Assunção, além de cinco músicos que

acompanham, ao vivo, o espectáculo.

Situada na época dos perseguições religiosas e da revolta dos «Gueux» (Maltrapilhos) contra o poder espanhol, a obra é composta por uma recolha de anedotas populares e acontecimentos históricos. O texto teatral é da autoria de Virgílio Martinho que o extraiu do mundialmente famoso romance de Charles de Coster, escritor belga do séc. XIX.

O mesmo romance serviu de base a numerosos trabalhos teatrais, deu origem no cinema a um filme de Gérard Philipe, «Aventuras de Till», e na música, a uma ópera de Richard Strauss.

IV FESTIVAL
DE MÚSICA
DA COSTA DO ESTORIL

ORGANIZAÇÃO DA JUNTA DE TURISMO
COM A COLABORAÇÃO DA:



SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA
DIRECÇÃO-GERAL DO TURISMO

CINE-TEATRO S. JOSÉ

CASCAIS

Quinta-feira, 17 de Agosto
21.30 h

17th August

maestro OWAN ARWELL HUGHES (*)
violoncelo: KARENE GEORGIAN
ORQUESTRA SINFÓNICA DA RDP

FREITAS BRANCO

Poema Sinfónico

PROKOFIEFF

«Solemnia Verba»

BRAHMS

Concerto Sinfónico

op. 125 (*)

Sinfonia n.º 3

PALÁCIO NACIONAL

QUELUZ

Sábado, 19 de Agosto

21.30 h

flauta: MARIANNE CLEMENT
guitarra: RAUL SANCHEZ

DIEGO ORTIZ

Quatro peças

LUÍS MILAN

Três Pávanas

BACH

Sonata em Mi maior

Suite em Lá menor

Fantasia em Mi menor

Dois Andamentos

Deux Airs (*)

Tre Capriccetti

VENDA DE BILHETES:

JUNTA DE TURISMO • ESTORIL

COMISSÃO MUNICIPAL DE TURISMO • SINTRA

TEATRO S. JOSÉ • CASCAIS

PALÁCIO NACIONAL • QUELUZ

CÂMARA MUNICIPAL DA MOITA
A N Ú N C I O

Concurso público para arrematação
da empreitada de obra de construção
da Creche e Jardim de Infância
de Alhos Vedros

Preço base: 8 742 906\$00

Caução provisória: 218 573\$00

Alvará exigido: 1.ª Subcategoria da I Categoria e Classe correspondente ao valor da proposta.

Local, dia e hora limite para a entrega das propostas: Na sede da Comissão, Avenida Duque de Ávila, 169-3.º-Dt.º, em Lisboa, em 31 de Agosto de 1978, até às 18 horas.

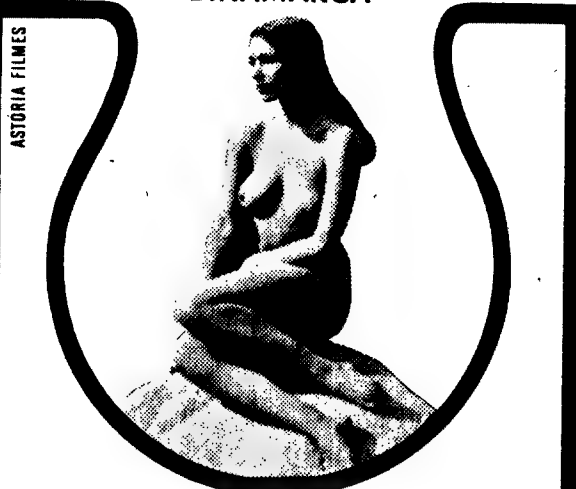
Local, dia e hora do acto público do concurso: Na sede da Comissão, na morada acima indicada, em 1 de Setembro de 1978 às 15 horas.

Local, e horário de consulta do processo: Na sede da Comissão, na morada acima indicada, todos os dias úteis das 14.30 às 19 horas, e na Câmara Municipal da Moita nas horas normais de funcionamento.

Paços do Concelho da Moita, 7 de Agosto de 1978

O PRESIDENTE DA CÂMARA
(Fernando José Madeira Ribeiro)

a forma de amar da sociedade
escandinava mais evoluída:
DINAMARCA



no país
do amor livre

realizador

RENZO RAGAZZI

produção

DINO DE LAURENTIIS

Amor
estrein

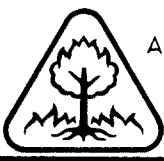
estúdio ÀS 21.30 h

444

SLUPE
COLORADO

As Florestas são uma riqueza nacional.

Ajude a protegê-las não acendendo fogueiras.



NÃO FAÇA LUME
PROTEJA AS FLORESTAS

Hoje

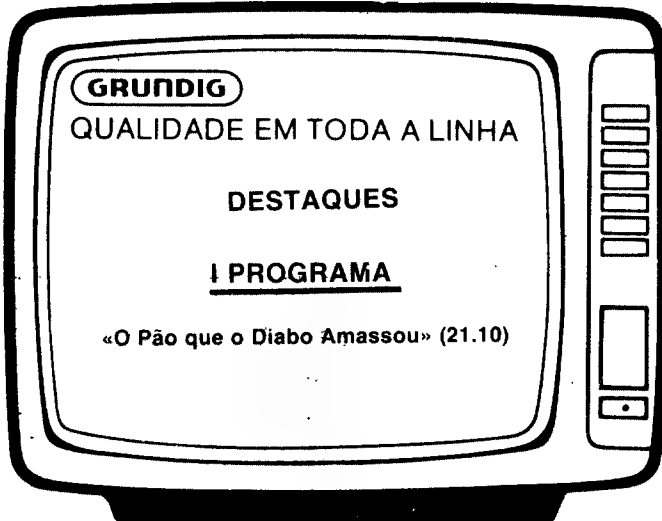


Dois dos intérpretes da Série «O Pão que o Diabo Amassou»

PROGRAMA

18.25 Telejornal - 1.ª edição.
18.30 «Issi Noho»
18.40 «Paddington»
19.00 «Corrida ao Ouro»
19.25 Tempo de Desporto
20.00 Telejornal - 2.ª edição.
20.30 Telecinema
21.05 O Tempo
21.10 «O Pão que o Diabo Amassou»
22.50 Este Portugal que Somos
23.30 Telejornal - 3.ª edição.
23.40 Fecho

TUDOR
BATERIAS · PILHAS



Amannã

PROGRAMA

18.25 Telejornal - 1.ª edição; 18.30 Ténis; 19.00 Ideias e Mãos; 19.30 Colectividades; 20.00 Telejornal - 2.ª edição; 20.35 «Mandrian, Bandido e Gentil-Homem»; 23.45 Volta a Portugal em Bicicleta; 00.00 Telejornal - 3.ª edição; 00.10 Fecho.

PARA REPARAÇÃO DO SEU **TV**
SOS-CLÍNICA DE TELEVISÃO
COM RADIO-TELEFONE PARA MAIOR RAPIDEZ E EFICIÊNCIA
DESLOCAÇÃO E ORÇAMENTO GRÁTIS — SERVIÇO PERMANENTE

Telefs. 88 27 86 - 89 98 26

Avenida S. João de Deus, 13-B - Rua Macau, 8

Canal da Crítica

AS AMIGAS VÃO-SE MORDER DE RAIVA

MARIO CASTRIM

Mais uma semana que passou. Daqui a pouco, mais um mês. Estamos mais velhos. Mas de qualquer maneira, vamos pensar na culinária, que a culinária é que nos ajuda a viver, porque é dos alimentos que comemos que nós conseguimos viver.

Não comecem para aí a pensar de que velhos alfarrábios ou de que sebenta de filosofia desenterrei as linhas acima. Nada disso. Apenas me limitei a transcrever o início de mais uma emissão de culinária transmitida ontem.

D. Filomena fala muito, o que nos obriga a tremendos esforços para lhe acompanhar as aventuras gastronómicas. Mas isso até seria um pormenor não em absoluto significativo se D. Filomena ajustasse as regras do seu trabalho ao mundo onde vivemos. D. Filomena está fora da realidade social (a grande maioria dos telespectadores não se inclui no número daquelas que podem cumprir receitas como são em geral as suas); está fora da vida quotidiana (não importa fazer pratos para dias festivos, mas sim integrá-los nas dificuldades e possibilidades de todos os dias); está fora de uma base educativa da alimentação (nessas emissões nada transparece quanto ao valor ou à importância dos alimentos); e finalmente D. Filomena faz da culinária uma competição entre velhas-senhoras-que-recebem, num espírito social cada vez mais caído em desuso.

Ouçamos mais este brinco de discurso: Isto é um prato para um dia festivo, não é um prato para todos os dias. É um dia que uma dona de casa queira apresentar um jantar mais composto, portanto, quer fazer sempre uma coisa que as amigas não saibam fazer ou que as amigas não experimentaram fazer. Agora, muitas senhoras telespectadoras

podem ficar a saber, portanto, já não passa a ser novidade. De qualquer maneira, pode a amiga ainda não ter experimentado e então aquela que experimentou primeiro é a que faz mais figura.

Aqui está a mola real de uma culinária: a arte de botar figura na sociedade...

A culpa não é de D. Filomena. Ela não faz mais do que incluir a televisão na sua roda social. A culpa é de uma televisão que se presta a isso. Uma televisão que se demite das suas obrigações para com uma audiência de milhares de pessoas.

Uma televisão que, com mais ou menos gordura, não deixa de ser ridícula. E irresponsável.

POBRE LÍNGUA...

Impõe-se mais do que nunca a defesa da nossa Língua. Na televisão portuguesa, em cada dia que passa, vibram-se punhaladas nas costas da desgraadinha.

Sinal de maior inconsciência transparecia naqueles anúncios para locutores de TV: a condição essencial, para além da idade, era a de que os concorrentes, no lote das línguas alemã, francesa e inglesa, deviam conhecer pelo menos duas. Nem sequer se punha como condição-base a de conhecer bem a sua. E não me digam que tal condição está implícita, pois é público e notório o desconhecimento da Língua portuguesa no reino do Lumiar.

Desconhecimento e desrespeito. Que outra coisa, senão desrespeito significa aquele *slow motion* na boca do apresentador da Volta a Portugal? Certamente depois falou em termos de «câmara lenta», mas a toleima fora mais forte. Aliás, já não é a primeira vez que tal acontece.

A vida continua. Uns a pedalar

para a frente, outros a pedalar para trás.

OS INDEPENDENTES

Prepara-se então, como se disse no Telejornal de ontem, um Governo com «os elementos chamados independentes...»

Jorge Campinos interroga, com acerto, o que vem a ser isso de independentes. A política — diz ele — não é descarnada, a política tem um conteúdo.

Na realidade, nesta questão de independentes, há que distin-

guir. Há os que não são pardidários — e então merecem galões de independência; mas esses tais optam por determinado modelo já optado por determinado partido e nessa altura onde está a independência?

Nobre da Costa não é (ou não teria sido despartidarizado como os ministros do CDS do Segundo Governo Constitucional?) deste ou daquele partido. Mas devolveu a FACAR aos carvalhos. Mas mandou perpetrar um autêntico crime social na Mundet. Mas. Mas. Mas...

Independente, pois claro...

GIH
GRUPO TEATRO HOJE
TEATRO DA GRAÇA
Tr. S. Vicente 11 - 875626
PORTA FECHADA
(HUIS-CLOS)
de JEAN-PAUL SARTRE
(«Um espectáculo que merece ser visto.» — MARIA HELENA DA MESQUITA «A Capital»)
ANNA PAULA ■ JOAQUIM ROSA ■ JOSÉ MANUEL ROSADO ■ LIA GAMA
ENCENAÇÃO: JORGE LISTOPAD
DIARIAMENTE, 21.45
DOMINGO SÓ 18.30
FOLGA 2.ª-FEIRAS
INTERROMPE DIA 6
RECOMEÇA DIA 15

OLHE O PERIGO DE FRENTE!
Na estrada caminha sempre pelo seu lado esquerdo
Circule e viva.

LEIA O ANÚNCIO DE AMANHÃ DO
ADOQUE teatro
Tel. 87 44 76
Bilhetes à venda para
"FARDOS E GUITARRADAS"
A REVISTA MAIS OCIDENTAL DA EUROPA
ATENÇÃO
Leia os artigos 190, 193, 194 e 195 da Constituição para melhor compreender a rabula telefónica
"O CHAMPAS LIGOU"
Interpretada por Henrique Viana
Não acons. men. 18 anos

JOGOS DE AMOR
- LOVE PLAY
Como todas as jovens, ela sonhava com o seu primeiro romance...
com **ASTRID KILIAN**
HORST HEUCK-MONICA MARC
um filme de JURGEN SCHINDLER, Colono
HOJE ESTREIA ÀS 21.30
EDEN
INTERDITO A MENORES DE 15 ANOS

SM
AS SUPER FÊMEAS
VERA FISCHER
PERRY SALLES
WALTER STUART
LIBERO RIPOLI
GEORGIA GOMIDE
UM FILME DE **ANIBAL MASSAINI NETO**
a super fêmea tem aquele algo mais... ela excede!...
Hoje estreia às 21.30 H.
ASTORIA FILMES **ODEON** **EASTMANCOLOR**
INTERDITO A MENORES DE 13 ANOS

FUTEBOL

Campeões nacionais batidos em Vigo

Estreia infeliz do C.P. Porto para o «Troféu Cidade de Vigo» não só pelo resultado mas, especialmente, conforme diria Pedroto no final da partida, pela grave lesão de Octávio (fractura da tibia e perónio) que o levou a abandonar o terreno em maca. Inatividade para meses e reflexos imediatos na equipa do Porto que terá ficado abalada com a saída forçada do «pequeno-grande» centro-campista, vítima dum choque acidental, com Nelinho iam decorridos 22 m. de jogo. Até aos 18 m. em toada de parada e resposta, Oliveira havia cobrado um pontapé de canto directamente, a barra da baliza do Cruzeiro de Belo Horizonte com Luís António a «ver a banda passar». Depois aconteceu o primeiro gol dos brasileiros e o Porto embora lutando em plano de igualdade não conseguia criar situações de grande perigo junto da baliza adversária. Após o intervalo e os 2-0, o Porto continuou a batalhar de igual para igual, tendo apenas conseguido



Zandonair, o novo brasileiro do Sporting, que faz parte da comitiva que se encontra na América

amenizar o resultado, o qual, aliás, se aceita, tendo em conta o maior número de ocasiões de gol criadas pelos brasileiros, embora o empate não escandalizasse. A arbitragem foi imparcial, sendo facilitada pela correcção dos contendores.

No Estádio de Balaidos, em Vigo, perante cerca de 10 mil espectadores, as equipas alinharam:

CRUZEIRO — Luís António; Nelinho, Zezinho, Mariano e Flamarión; Marquinhos, Eduardo e Paulo Luciano; Roberto César, Erivelto e Joãozinho.

F.C. PORTO — Fonseca; Gabriel, Simões, Freitas e Vieira; Rodolfo, Octávio e Costa; Vital, Oliveira e Gomes.

ÁRBITRO — Saiz Elizondo (Espanha).

Golos: 1-0 por Nelinho, aos 29 m. na execução de um livre. Pontapé fortíssimo que levou a bola a bater nos pés de Freitas, o que a desviou o suficiente para que Fonseca lhe pudesse tocar apenas com a ponta dos dedos, sem hipóteses de evitar a inauguração do marcador. Aos 65 m. de novo Nelinho de Penalty, a castigar falta sobre Joãozinho, elevou para 2-0. Finalmente, 2-1, por Vital aos 69 m. Isolando-se, na afa do cruzeiro e atirando para o melhor lado, quando Luís António saía ao seu encontro.

Substituições: Frasco para o lugar de Octávio, aos 22 m. Aos 64 m. saíram Vieira e Frasco, entrando Óscar e Duda.

Cartão amarelo para Gabriel aos 39 m. por agarrar Joãozinho.

No Porto, Oliveira, Fonseca e Costa e no Cruzeiro, Nelinho, Mariano, Eduardo e Joãozinho, foram os melhores.

No outro encontro do Torneio,

o Celta de Vigo, que venceu o Nottingham Forest por penalties, após empate a um gol no período regulamentar, defronta hoje os brasileiros na final, em jogo que é antecedido pelo encontro entre os campeões portugueses e ingleses, para atribuição dos 3.º e 4.º lugares.

MANUEL LEITÃO

BOAVISTA DERROTADO

A equipa de futebol do Shashtior, da União Soviética, derrotou o Boavista, por 1-0, em jogo de carácter amigável ontem disputado no Estádio do Bessa.

O único tento da partida foi marcado aos 38 minutos por Staruhin, no seguimento de um livre indirecto, e depois de uma tabela com Mischin.

Sob a direcção do árbitro Américo Borges, do Porto, as equipas alinharam:

BOAVISTA — Matos (Serafim, 65 minutos); Babalito, Carolino (Artur, 65), Amândio e Tai (Nogueira II, 72); Eliseu (Vitor Pereira, 65), Almeida (Vaqueiro, 62) e Jorge Gomes (Barbosa, 46); Júlio, Nogueira e Salvador.

SHASHTIOR — Schanov; Varnavski, Rudakov, Kondrativ (Safonov, 46), e Pjanhi; Sokolovski, Rogovski e Mischin; Staruhin (Resnik, 46), Fedorko e Latish.

A equipa do Shashtior, finalista da Taça da União Soviética e representante do seu país na Taça das Taças, mostrou-se, apesar do cansaço da viagem, demasiado forte para o Boavista, que ainda não possui a necessária ligação entre os sectores e que não conseguiu encontrar soluções de ataque para ultrapassar a defensiva soviética.

V. SETÚBAL NOVA DERROTA

O Vitória de Setúbal perdeu por 3-1 com o Salamanca no encontro para o terceiro lugar do Troféu Cidade de Almería.

Após o intervalo, o resultado era já de 2-1, favorável à equipa espanhola.

Os golos do Salamanca foram marcados por Amiano (27 e 83 minutos), e Oswaldo (42). O tento do Vitória de Setúbal foi marcado por Narciso (30 m).

Sob a arbitragem de Monte Espigares, que expulsou Formosinho e Vitor Baptista e que mostrou o cartão amarelo a Amiano, as equipas alinharam:

SALAMANCA — Pereira; Pedra, Bustillo, Felix e Joaquin; Tome, Pino (Cristo) e Pepe; Oswaldo (Juanito I), Juanito II (Baez) e Amiano.

VITÓRIA DE SETÚBAL — Aveilino, Quim, José Mendes (Formosinho), Martin e Caica; Pedrinho, João e Narciso; Vitor Baptista, Palhares e José Luis.

JUVENTUDE BATE ESTORIL

A equipa de futebol do Juventude de Évora, derrotou o Estoril Praia por 2-1 em jogo de carácter particular, ontem à noite, disputado em Évora, no Estádio Sanches de Miranda. Marcaram pela Equipa de Évora, Barrinha (60m) e Luís Filipe (75), enquanto que Fonseca aos 67 minutos marcou o ponto de honra dos estorilistas.

BELENENSES EM ESPANHA

A exemplo de outras equipas portuguesas também o Belenenses viaja por Espanha tentando ganhar rodagem para as duras tarefas que o esperam a nível nacional.

A sua primeira actuação terá lugar, hoje, em Bilbao, contra a equipa local, no jogo do Torneio de Verão daquela cidade espa-

nhol. Neste Torneio participam também o Fluminense e o PSV Eindhoven (Holanda), sendo o segundo jogo dos azuis no dia 18, com um ou com outro consoante os resultados que se verificarem nos dois primeiros encontros.

Para esta deslocação que termina no dia 25, data do regresso a Lisboa, o técnico Medeiros fez deslocar os seguintes jogadores: Rui Paulino e Delgado (guarda-redes); Sambinha, Guilherme, Luís Horta, Carlos Pereira e Alinho (defesas); Eurico, Hertz, Esmoriz e Isidro (médios); Cepeda, Clésio, Amaral, Linclon e Vasques (avancados). Fazem ainda parte da caravana além do técnico o médico dr. Camacho Vieira, o massagista, António Fontes, o roupeiro Luís Ramos, e os dirigentes, Fernando Ferreira e Joaquim Jorge.

BENFICA, HOJE NA LUZ

Depois da sua presença no Torneio de Roterdão, onde se classificou em terceiro lugar, com uma derrota (Feyenoord, 0-2) e uma vitória (Brugge 6-0), o Benfica apresenta-se esta noite (às 21.30) ao seu público, frente aos uruguaios do Nacional, de Montevideo.

Tarefa difícil aquela que espera o conjunto encarnado, pois a equipa visitante é uma das melhores do seu país, e integra nas suas fileiras 10 internacionais.

Restará saber como é que o Benfica vai actuar e como se vão portar as suas novas vedetas, Alves e Reinaldo, que no segundo jogo do Torneio de Roterdão foram espectáculos.

SPORTING, NOVA VIAGEM

Mal chegados da Alemanha, onde efectuaram o seu início de preparação com vista à nova época, jogadores do Sporting arrancam para nova viagem, desta feita até ao outro lado do Atlântico, para cumprirem um programa de quatro jogos em cinco dias, por terras dos Estados Unidos e do Canadá. Esta digressão ficou adiada desde o fim da temporada passada, como consequência da repetição da final da Taça de Portugal, o que impediu o Sporting de se apresentar no continente americano, a quando da sua digressão pela China.

O Sporting que partiu ontem, havia chegado no domingo, jogando hoje em New Bedford, com a selecção do LASA, seguindo depois para Toronto, onde na sexta-feira defronta o First Portuguese, para actuar sábado em Montreal frente ao Montreal Castors, terminando a digressão no domingo em British Port tendo como adversário o Vasco da Gama.

XADREZ

Luís Santos campeão nacional

Luís Santos foi o vencedor da fase preliminar do Campeonato Nacional Individual de Xadrez, que terminou em Lisboa.

Luís Santos totalizou 6,5 pontos, num máximo possível de nove, terminando com meio ponto de vantagem sobre os seus mais directos rivais — António Pereira dos Santos, Martinho Lopes, Fernando Sequeira, Silvino Santos e Pedro Palhares.

No sétimo lugar, com 5,5 pontos, classificaram-se António Fernandes, Luís Ochoa, Renato Pereira, António Ferreira, Arlindo Vieira e José Morgado.



O benfiquista Reinaldo no regresso da Holanda. Logo à noite actuará no seu Estádio, frente ao Nacional de Montevideo

Campeonatos Nacionais

Começaram os campeonatos nacionais de futebol de vários países. Eis os resultados da jornada inaugural:

NA ALEMANHA

Schalke 04-Eintracht Frankfurt, 4-0; Duisburg-Arminia Bielefeld, 1-1; Borussia Dortmund-Bayern Munique, 1-0; Hamburger S V-Borussia Moenchengladbach, 3-0; Fortuna Duesseldorf-Werder Bremen 3-1; Nuremberg-Bochum, 0-2; Kaiserslautern-Stuttgart, 5-1; Darmstadt, 98-Hertha BSC 0-0; Eintracht Braunschweig-F C. Cologne 1-0.

NA BULGÁRIA

Levski-Silven, 3-1; Lokomotive (Sofia)-Botev, 1-1; Slavia Sofia, 1-1; CSKA (Sofia)-Beroe, 2-0; Spartak-Tchernomoret, 0-0; Tchernomoret-Trakia, 0-0; Lokomotive (Plovdiv)-Haskovo, 1-1; Marek-Pirine, 0-0.

NA ESCÓCIA

Dundee United-Hibernian, 0-0; Hearts-Aberdeen, 1-4; Morton-Celtic, 1-2; Motherwell-St. Patrick, 0-1; Rangers-St. Mirren 0-1.

NA SUÍÇA

Chiasso-Bale, 2-1; CS Chenois (Genebra)-Lausana, 4-1; Young Boys (Berna)-Nordstern (Bale) 2-1; Servette (Genebra)-Saint Gall, 4-1; Grasshoppers (Zurique)-Sion 4-2; FC Zurique-Neuchatel Xamax, 1-1.

NA SUÉCIA

Resultados dos encontros disputados a contar para o campeonato de futebol da primeira divisão sueca: Landskrona-Orebro, 1-1; Norrköping-Goteborg, 4-1; Vasteras-Halmstad, 1-0; Elfsborg-Atvidaberg, 3-1; Oster-Malmoe, 1-0. Classificação: Malmoe e Oster, 19 pontos; Norrköping, 15; Kalmar, 14; Elfsborg, Goteborg e Halmstad, 13; Djurgard e Landskrona, 10; Orebro, 9; Aik,

8; Etvidaberg, Hammarby 7

NA ARGENTINA

Resultados da 21.ª jornada do Campeonato de Futebol da Argentina: Platense-Chacarita, 1-1; San Lorenzo-Huracan, 3-2; Independiente-All Boys, 1-1; Quilmes-Rosario Central, 0-0; Estudiantes de la Plata-Union, 1-1; Colon-Gimnasia y Esgrima, 0-0; Racing-Argentinos Juniors, 4-2; Velez Sarsfield-River Plate, 0-0; Newell's Old Boys-Boca Juniors, 1-1; Atlanta-Estudiantes de Buenos Aires, 3-2. Classificação: Boca Juniors, 29 pontos; Racing e Quilmes, 26; Newell's e Gimnasia, 25; River Plate e Colon, 23; Union e Rosario Central, 21; Velez Sarsfield, 20; Independiente, Atlanta e San Lorenzo, 19; Estudiantes de la Plata, Argentinos Juniors e Barmfield 18; Estudiantes de Buenos Aires, 15; Platense, 14; All Boys, 13 e Chacarita Juniors, 10.

O Clube Chacarita Juniores enviou um telegrama à Federação Argentina de Futebol impugnando a continuação do Campeonato argentino.

O pedido de impugnação deve-se ao facto de duas equipas argentinas, o Huracan e o River Plate, estarem a utilizar «equipas de emergência», já que as suas principais formações se encontram em digressão pela Europa.

Segundo o Chacarita Juniores, as «equipas de emergência», não conseguem manter o nível das primeiras equipas o que vai beneficiar os clubes que nesta altura têm de jogar contra elas.

Por outro lado, o Chacarita está em pé de desigualdade pois só defrontará o Huracan e o River Plate, de acordo com o calendário, depois do regresso das primeiras equipas da Europa, o que equivale a dizer que perderá esses jogos, fazendo perigar a sua permanência na 1.ª Divisão.

MODALIDADES EM DESFILE

ANDEBOL

A equipa de andebol de sete do F.C. do Porto, parte no dia 16 Agosto de autocarro para a Alemanha Federal a convite dum empresário de Dusseldorf, a fim de disputar vários jogos em diversas cidades.

O programa está assim estabelecido: dia 18 — em Kamp-Lintfort; dia 20 em Koenigswinter, com o Bonn; dia 22 — em Bilken, com o Borussia de Moenchengladbach; dia 23 — em Colónia; dia 24 — em Krefeld; dia 26 — em Mettmann; dia 27 — em Felbach.

No regresso à cidade do Porto, há ainda a possibilidade da equipa nortenha realizar alguns jogos em Paris. Esta deslocação é custeada pela direcção e os alojamentos serão pagos por cada um dos clubes que o F.C. Porto defrontar.

Chefia a comitiva azul-e-branca, o chefe da secção, Fernando Aires, e dela fazem parte o treinador António Cunha e os jogadores: Amorim, Bourbon, Pinho, Monteiro, Remelhe, Agostinho, Rocha, Laranja, Mário, Vitor, Montenegro e Areias.

É de salientar que fazem a viagem com a equipa os novos reforços com vista à próxima época, à excepção de Hernano (ex-Belenenses), Jorge (ex-Sporting), José Manuel (ex-Belenenses), e Ricardo (ex-CDUP).

Os reforços que seguem viagem são: Montenegro, Areias e Bourbon, todos ex-Académico, sendo o primeiro internacional A.

VELA

O grego George Andreadis venceu o Campeonato Europeu de Vela para embarcações da classe de «Lightning», depois de conquistar o segundo lugar na sexta e última regata.

Andreadis totalizou no final do campeonato 10 pontos, enquanto o suíço Christoph Luthy, com 20 pontos, foi o segundo.

A terceira posição foi ocupada pelo norte-americano John Schneider, que, competindo extra-campeonato, somou 24 pontos. O suíço Dupasquier foi o terceiro melhor europeu, terminando no quarto lugar com 26 pontos.

Por sua vez sueco Hans Wallen venceu o Campeonato do Mundo de Vela da classe Dinghy, que se disputou em Copenhaga.

A sexta e última regata foi ganha pelo francês Johan Bouic, e Walle classificou-se na setxa posição.

O vencedor totalizou 34,7 pontos, menos sete que o segundo classificado, o seu compatriota Jonas Haeggbon.

CRUZEIROS Calypso



VISITANDO:

MARROCOS • COSTA DEL SOL
PALMA MAIORCA • ITALIA

PARTIDA DE LISBOA EM 7 SETEMBRO
8 OU 11 DIAS DE VIAGEM.

PREÇOS DESDE:

27.600\$00
(TUDO INCLUIDO)

FESTAS E DIVERSÕES A BORDO
EXCURSÕES FACULTATIVAS EM
TODOS OS PORTOS DE ESCALA
INFORMAÇÕES E RESERVAS

VISA

AGÊNCIAS DE VIAGENS E TURISMO

LISBOA - R. Rodrigues Sampaio, 43

574512-574560-574569

PORTO - R. José Falcão 82 Tel. 310533

FARO - R. Conselheiro Rivas 58 Tel. 22906

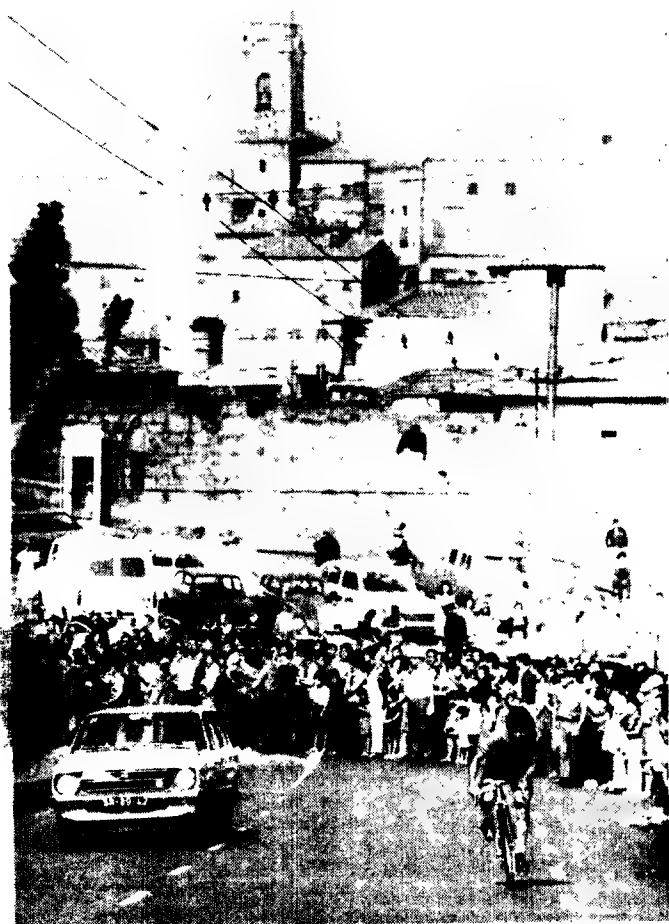
LOULÉ - Pr. República 24 26 Tel. 62235



VOLTA A PORTUGAL EM BICICLETA



Nervos à flor da pele



A «Volta» passou no Porto e Raul Carvalho foi o primeiro a atravessar a cidade

JOSÉ SOARES (DIRIGENTE):

Filha de Mendes à Benfica

Em Vila do Conde, para uma roda de amigos (e não só) o dirigente benfiquista José Soares, responsável principal pela turma da Luz, proclamava, alto e em bom som:

— O Benfica orçamentou 400 contos para a secção de ciclismo mas, até ao momento, já estão gastos 600 e, se calhar, 800 não chegam.

— Se tivéssemos o Fernando Mendes connosco, como ele sempre pretendia, já tínhamos a «Volta» ganha e ele andava de «amarelo». Note que a família dele ainda continua a ser tão do Benfica, que a mulher me pediu uma camisola «à Benfica» para a filha vestir quando chegarmos a Águeda. Mandeí-a vir de Lisboa e

Fernando já a têm em seu poder: quero que toda a gente saiba que o Mendes é e será sempre do meu clube, embora esteja agora ao serviço do F.C. Porto.

Continua, em desabafo vindo do íntimo:

— O Mendes só não está no Benfica porque o sr. José Ferreira Queimado (presidete do clube) assim o desejou. O rapaz queria que um grupo de futebolistas do Benfica fosse a Vila da Feira fazer uma exibição: temos por lá tanta gente que, mais uma viagem para uma dúzia deles, não seria problema, até porque eu não me importava de pagar as viagens, só para o Mendes ficar com a gente este ano...

Aconteceu em Agrela. Talvez porque, em Quaios, um indiscutível lapso de organização prejudicou dois ciclistas que pedalavam (jubilosamente) a caminho da Figueira da Foz, ontem, de manhã, alguém se lembrou de tirar desforço no carro do director da corrida, arremessando contra Jorge Lara e o seu condutor pedras e ovos que, para além de terem quebrado vidros e flagelado o «capot» do carro, feriram Jorge Lara nos lábios e atingiram o motorista Coimbra no ombro direito.

Não calhou, por mero acaso, acidente com dano maior. Mas (diz-se, consta) está prometida tarefa mais grave na rampa da Senhora da Graça, hoje, pela fresquinha, quando a caravana demandar Mondim de Basto...

Verdadeiramente incrível, se recordarmos que (ciclicamente) incidentes desta ordem têm maculado algumas «Voltas a Portugal» em bicicleta. Estamos, por exemplo, a recordar uma viagem tristemente assinalada no local dos Carvalhos, quando do exacerbado despique entre Ribeiro da Silva e Alves Barbosa. Dementes, que deviam (na altura) ter vestido a pele de energúmenos, serão hoje (quem sabe?) pais de família, avós, honestos e calmos sujeitos com vida constituída e respeito em seu redor. Gente (de certo) arrependida e envergonhada de um acto passado em momento de desvario.

Em Vila do Conde, pela tarde de ontem, novamente Jorge Lara

tornou a morar na crista da onda. No instante do «sprint» final, parece que o portista Manuel Gomes terá sido tocado pelo alpiarense Alexandre Ruas. Acaso? Acto preconcebido? Atitude gravosa? Obra de um reflexo ou de uma irreflexão?

Só o homem de «Águias/Clok» poderá dizer de sua justiça, em confissão feita de serenidade e, eventualmente, marcada como acto de contrição. A verdade, a única certeza, é que, perturbado pelo gesto de Ruas (ou por outro motivo qualquer) Gomes cedeu no último arranque e, lado-a-lado com o rapaz que veste a camisola amarela, sugerindo dúvidas divididas a respeito do autêntico triunfador, surgiu o benfiquista José Amaro. Ruas levantou o braço. Amaro também ergueu as mãos. Um e outro se imaginaram triunfantes, senhores da etapa. Mas o júri, que não tem ao dispor «foto-finish», que se encontrava num palanque fronteiro a um risco que a multidão pisara depois de ter saltado das suas normais acomodações, julgou Alexandre Ruas como vencedor, enquanto um bloco de assistentes, euforicamente, já rodeava Amaro, saudando-o como grande triunfador.

Gerou-se uma confusão diabólica, com centenas de pessoas em bulício, enervadas, totalmente fora de si, cada qual com sua verdade, todos a perderem razão no torvelinho desencadeado, gestos de ameaça e de agressão a saltarem na estrada,

NEVES DE SOUSA nosso enviado especial

corridas e pontapés e murros e cabeçadas num pandemónio que só visto. No meio da confusão, meia dúzia de agentes da autoridade e alguns amigos lá conseguiram salvar os alvos maiores da ira da multidão: Alexandre Ruas e Jorge Lara. Este por, no cargo de director da corrida, não ter interferido naquilo que consideraram deficiente juízo dos controladores de chegada.

Negro epílogo de tarde bonita. Que fica, aborrecido e plúmbeo, a empalidecer uma bela jornada desportiva. Homens e actos inscrevem-se na história. Que cada qual, daqui a anos, seja o sereno e impoluto avaliador da sua consciência.

A VER COMO PARAVAM AS MODAS

Duas tiradas (Espinho - Guimarães e Circuito de Vila do Conde) nada adiantaram ou travaram na definição das grandes cartadas: os da frente continuaram lá, os «rasteiros» tombaram em fosso maior. Só que, na ligação entre a praia e o castelo onde nasceu este país, três rapazes mereceram o pão que ganharam: João Sampaio (Coelima), Raul Carvalho (Coimbrões) e Jacinto Paulinho (Manique), chegando isolados à pista de Guimarães, encontraram em prémios valiosos o desfecho para um esforço alongado em longa escapada.

Corrida à média de 38,602 km/hora, a etapa entre Espinho e Guimarães largou da areia com bom tempo. Resultados negativos nos controlos «anti-doping» realizados até Loulé deram tranquilidade no pelotão.

Um «furo» de Carlos Raimundo (Braga), algumas tentativas de fuga prontamente anuladas e, por duas vezes, avarias mecânicas no camisola amarela Alexandre Ruas, a obrigarem o pupilo de Francisco Valada a esforço multiplicado para recolha pronta junto dos maiores. Mais tarde, um salto de corrente de Manuel Carvalho (Coimbrões), Floriano, Marçalo e Marco Chagas sempre nos duplos reboques do ocasional chefe de fila e, no Picoto, bloco totalmente esfrangalhado. Manuel Martins (Coelima) com a perna esquerda numa miséria. Marco Chagas queixando-se de uma rotura na coxa direita. E, entre os «cavalões», Adelino Teixeira (Lousa), Fernando Mendes (porto) e Firmiano (Lousa) comandando as operações de teste ao valor de Alexandre Ruas. Todavia, na Senhora do Monte, quando o alpiarense se juntou, a passividade tolheu novamente o poder de vibração da serpente prateada.

A TRIUNFANTE ESCAPADA

Na trepadela para Vila Nova de Gaia, foi a vez de Manuel Car-

Continua na pag. 17

METAS



Caldas Vizela — Raul Carvalho

A ETAPA DE AMANHÃ

A etapa de amanhã leva o que resta da caravana voltista até ao Nordeste, cumprindo-se um percurso de 142km, tantos quantos os que estabelecem a ligação MONDIM DE BASTO-MACEDO DE CAVAI FIROS.

A partida terá lugar às 15.30, para depois os corredores passarem em Cerva (16.00), Alvite (16.02), Mourão (16.11), Alto de Santa Eulália (Prémio GALP: 1.ª

categoria), Portela de Santa Eulália, (16.21), Vila Pouca de Aguiar (Meta EFS-16.43), Alto de Jales (Prémio GALP: 2.ª categoria - 16.50), Levandeira (17.30), Murça (17.41), Miranda (Meta volante - 18.34), Vila da Ledra (18.47), Romeu (18.54), Meta 5 kms (19.12), Macedo de Cavaleiros (19.20). A meta está instalada na Av. Nuno Álvares Pereira, frente ao n.º 426.

INTERVALO

— Casimiro Coelho Lima (da Associação de Ciclismo do Minho e da Coelima):

— Acho que foi uma asneira da Federação contrariar o regulamento, aceitando que os ciclistas queiram correr sem capacete. Ainda no «Grande Prémio do Minho, perto de Tadmim, um rapaz deu um tombo dos diabos e, se não tem levado capacete, poderia ter ido desta para melhor. Mesmo assim, ainda levou 12 «pontos» na cabeça...

— Visitas à «Volta» na ligação entre Espinho e Guimarães, com o «circuito» em Vila do Conde: o benfiquista Fernando Martins (um dos candidatos à presidência do seu clube, nas últimas eleições da colectividade) Fernando Paixão e Idalino Freitas (dirigentes federativos que, por

razões de saúde têm estado afastados destas andanças). Igualmente, vindo de França com novidades a respeito de viagens para ciclistas portugueses, esteve na corrida Bruno Santos.

— Francisco Valada (técnico do Águias/Clok) continua a dizer:

— Ter o Ruas de amarelo foi o pior que nos podia acontecer...

— Garantido por Américo Silva:

— Nesta «Volta» já perdi 10 quilos!

— Na Mealhada, a camisola de «leader» da montanha foi vestida a Belmiro Silva (Coimbrões) pelo representante do «DL» na prova.

— Manuel Martins (Coelima) faz hoje, dia 16, 22 anos.



Alexandre Ruas e José Amaro. Qual dos dois venceu? A decisão provocou «sururu»

QUE FRESQUINHO...

Nem só os preços do TOP ROSS

são «fresquinhos»,

lá dentro está-se mesmo bem.

Agora sim, que fresquinho.

Rossio, 85 Tel. 365018

EVITEM TELEFONAR

Para não estarmos a sobrecarregar as linhas telefónicas, informamos o nosso horário para a venda dos artigos de Verão a preços «frescos»

2.ª a 6.ª feira

das 9 h 30 m às 19 h 30 m

sábado das 9 h 30 m às 13 h 00 m.

TOP ROSS, Rossio 85 Tel. 365018



VOLTA A PORTUGAL EM BICICLETA



ELES COM A PALAVRA

RAUL CARVALHO: FILHO DE PEIXE

Raul de Carvalho é um jovem de 23 anos que, este ano, se apresentou na «Volta» com a camisola do Coimbrões e na etapa para Guimarães foi um dos que mais contribuiu para o êxito de João Sampaio. Diz-nos:

— Sou da Pousada de Saramagos, aqui perto, e queria ganhar, mas o Sampaio também é daqui e foi melhor na etapa final. Comecei na Coelima, em 1972, mas, na época passada, fui para a Venezuela, onde corri integrado no União Ciclista de Portugal. Este ano, resolvi regressar para correr na «Volta» mas, quando cheguei, o Coelima já estava completo. Procurei então o Fafe mas, à última da hora, disseram-me também que não iam à «Volta». Daí a razão porque fui bater à porta do Coimbrões, embora com uma proposta da Coelima para voltar».

Raul Carvalho era serraleiro mecânico da Coelima, antes de ir para a Venezuela. Veio para o ciclismo pela mão do pai, o «rei da montanha» Carlos Carvalho, numa altura em que este desempenhava

funções de técnico na equipa da Pousada de Saramagos. Casado (e com uma filha de dois anos e meio) Raul Carvalho quer apenas ajudar o Belmiro na montanha, porque sabe bem.

ALEXANDRE RUAS: «O GRANDE DIA»

Poucos quilómetros adiante da partida de Espinho, Alexandre Ruas, «camisola amarela» há 48 horas, sofria o primeiro precalço e, consequentemente, viu o seu símbolo de guia perigar.

A explicação do sucedido veio no final da etapa:

— Logo à partida, parti um raio da roda de trás, o que me obrigou a parar para mudar de roda. O pelotão reagiu e, quando iniciava a perseguição, verifiquei que a roda estava empenada. Perdi mais tempo e só não fiquei «arrumado» porque o Marco Chagas me emprestou a sua bicicleta. Depois com a ajuda dos meus colegas, lá consegui aproximar-me do pelotão mas, como eles já estavam estoiados, tive de ser eu sozinho a perseguir, até recular. Foi um esforço muito grande!

Aproxima-se a «montanha», com a etapa para Mondim de Basto.

— É como diz: amanhã (hoje) é o grande dia! Vai ser muito difícil manter a «camisola amarela». Bem vê: não sou trepador. No entanto, espero chegar lá acima como os outros e, se possível, com ligeira vantagem. Em princípio terá de ser o Andrade a tomar conta da corrida. Pela minha parte, não prometo nada. Sinto-me bem mas confesso-lhe que não sei se estarei à altura de responder aos ataques dos trepadores.

Manuel Neto



João Sampaio (Coelima) foi o primeiro em Guimarães

= CLASSIFICAÇÕES ESPECIAIS =

CAMISOLA Black & Decker (AMARELA) — Alexandre Ruas

CAMISOLA GALP (AZUL) —

Belmiro Silva

CAMISOLA



(COMBINADO) —

Alexandre Ruas

No dia da grande decisão

Continuação da pag. 16

valho (Coimbrões) tentar a «chance» justamente quando a bicicleta de Manuel Gomes «fura».

Um admirável serviço de ordem mostrava que a cidade do Porto, inteiramente na rua para ver os homens do pedal, continha tranquilamente a sua paixão, muito embora o melhor azul-brando (Gomes) viesse lá para trás, em luta pela reciclagem no melhor exercício.

Na Rua Faria de Guimarães, azar para José Amaro: «furo» na roda traseira do benfiquista. E aos 32 quilómetros, o salto de Raul Carvalho (Coimbrões) a quebrar uma monotonia que parecia fruto do receio da montanha, a ater hoje à porta da capacidade física e anímica dos atletas.

Em Gandra, um minuto de avanço: o incentivo de outros aventureiros. Jacinto Paulinho escutou o apelo: Manique passava a ter nome na primeira fila.

O bombarralense João Duarte, que aproveitara o dia de descanso na Mealhada (segunda-feira) para ir visitar a mulher, procurou (sem êxito) saltar também mais para a frente. E a vantagem de Carvalho e de Paulinho (já então juntos) ampliava-se para o pelotão do início da Serra da Agrela, quando João Sampaio (Coelima) decidiu igualmente ir à vida e, em poucos segundos, logo apanhou a dupla fronteira para, em triunvirato de absoluta coligação, procurar a meta em Guimarães.

Prémio da monatanha, contagem «Galpb7», 3.ª categoria: Carvalho, Sampaio, Paulinho e, só bastante depois, Ruas, à frente do pelotão mais abalizado para soberanos voos. Em Paços de Ferreira, 2m e 45 segundos era pécúlio bem amealhado pelos fugitivos. Mal esse tempo é anunciado ao pelotão, eis que, como flecha, Armindo Barradas (Almodôvar/Matimar) se despe da espreguiçadela e dá ao canelo com força e aplicação. Tal como, daí a instantes, a saída do bracarense António Ol-

iveira era, igualmente consentida pelos donos da festa, que se preocupavam apenas em cumprir a prova escrita sabendo que a primeira oral só esta tarde teria lugar na galopada para Mondim de Basto.

Guimarães, de riso aberto, viu um homem daquelas beiras ganhar o último esticão. Depois escalonados como lhes apetecesse, vieram companheiros de odisseia e parceiros enrolando a manita. Nada se transformava, tudo continuava de né atrás.

NEM CARNE, NEM PEIXE

Vila do Conde, dentro do trivial, foi mero pró-forma, simples «carroucel» para o Povo ver de perto os seus moços. Abel Coelho (Lousa) venceu a 1.ª volta, em 4m21s, temho logo batido por José Sá (S. Jorge/Daviga), com o quadrilátero vencido em 3.44. E, por aí fora, até José Sousa Santos (Bombarralense), à média de 45.653, ser o melhor na 15.ª volta e o bracarense Américo Silva averbar quatro lugares cimeiros. Depois, o último «sprint», o tal da indecisão, dos nervos à flor da pele, do «diz tu, direi eu», da tremenda salga-lhada que não permite ao cronista, em visão imparcial, ter certeza alguma perante um tribunal. O júri entendeu que Alexandre Ruas foi 1.º, que José Amaro e Manuel Gomes foram os mais próximos. Seja feita a sua vontade, aqui na terra como nos céus.

AGRESSÃO

Verdadeiramente lamentável o que aconteceu ontem no final do Circuito de Vila do Conde com o público a invadir a pista e a travar-se de razões com quem encontrava à mão. O mais atingido foi o dirigente do Bombarralense, Afonso Henriques, que se encontra irreconhecível, em Farnalhão, para onde foi transportado após receber tratamento em Vila do Conde, guardando repouso absoluto.

ESPINHO- -GUIMARÃES

1.º J. Sampaio (Coelima), 2.36.59; 2.º R. Carvalho (Coimbrões/Arbo), m. t.; 3.º J. Paulino (Manique/Da Viga), m. t.; 4.º A. Barradas (Almod./Matimar), 2.39.39; 5.º Ant.º Oliveira B/Lameirinho), 2.41.59; 6.º José Sá (S. Jorge/Da Viga), 2.43.06; 7.º J. Pinheiro (FCP/Sandeman), 2.44.30; 8.º Belmiro S. (Coimbrões/Arbo), 2.44.34; 9.º Alex. Rua (Aguas/Clok), m. t.; 10.º A. Cardoso (S. Jorge/Da Viga), m. t.; 11.º C. Santos (Benfica), m. t.; 12.º Elias C. (Lousa/Trinaranj), m. t.; 13.º Fernando M. (FCP/Sandeman), m. t.; 14.º Fernando M. (FCP/Sandeman), m. t.; 15.º M. Martins (Coelima), m. t.; 16.º Mel. Oliveira (Benfica), m. t.; 17.º Terêncio (Bombarr/Unirov), m. t.; 18.º Mel. Carvalho (Coimbrões/Arbo), m. t.; 19.º Mel. Gomes (FCP/Sandeman), m. t.; 20.º Ant.º Castro (Facar), m. t.

CIRCUITO DE VILA DO CONDE

1.º Alex. Rua (Aguas/Clok), 1.21.22; 2.º José Amaro (Benfica), 1.21.22; 3.º Manuel Gomes (Porto/Sandeman), m. t.; 4.º C. Santos (Benfica), m. t.; 5.º Miguel Silva (Calói), m. t.; 6.º Elias Campos (L./Trinaranj), m. t.; 7.º J. L. Pacheco (Dram./Lusotex), m. t.; 8.º Bilm. Silva (Coimbrões/Arbo), m. t.; 9.º Arm. Lúcio (Lousa/Trinaranj), m. t.; 10.º M. Oliveira (Benfica), m. t.

11.º L. Teixeira (Coelima), m. t.; 12.º Amér. Silva (Braga/Lameirinho), m. t.; 13.º F. Mendes (Porto/Sandeman), m. t.; 14.º Firm. Bernardino (Lousa), m. t.; 15.º Raul Carvalho (Coimbrões/Arbo), m. t.; 16.º M. Pereira (Benfica), m. t.; 17.º J. Madeira (Benfica), m. t.; 18.º M. Rêgo (Coelima), m. t.; 19.º João Sampaio (Coelima), m. t.; 20.º Adelino Teixeira (Lousa), m. t.

PRÉMIO «GALP» (3.ª CAT.)

ALTO DA AGRELA

1.º — 42 — Raul Carvalho, (Coimbrões), 4 pontos; 2.º — 20 — João Sampaio (Coelima), 3 pontos; 3.º — 30 — Jacinto Paulinho (Manique), 2 pontos; 4.º — 61 — Alexandre Ruas (Aguas/Clok), 1 ponto.

GERAL (INDIVIDUAL)

1.º Alex. Rua (Aguas/Clok), 36.32.36; 2.º Armindo L. Lousa/Trinaranj), 36.33.00; 4.º Manuel Gomes (FCP/Sandeman), 36.34.05; 5.º Manuel Oliveira (Benfica), 36.34.54; 6.º Luis Teixeira (Coelima), 36.35.06; 7.º Américo Silva (Br/Lameirinho), 36.35.13; 8.º Fernando M. (Porto/Sandeman), 36.37.35; 9.º Firmo B. (Lousa/Trinaranj), 36.37.36; 10.º Raul Carv. (Coimbrões/Arbo), 36.37.51; 11.º Mel. Pereira (Benfica), 36.39.38; 12.º Francisco M. (Bombarr/Unirov), 36.39.48; 13.º Joaq. Andrade (Aguas/Clok), 36.40.02; 14.º Carlos Santos (Benfica), 36.40.10; 15.º José Madeira

(Benfica), 36.40.11; 16.º José S. Santos (Bomb/Unirov), 36.40.11; 17.º Joaq. S. Santos (Bomb/Unirov), 36.40.12; 18.º Manuel Rêgo (Coelima), 36.40.21; 19.º João Sampaio (Coelima), 36.40.27; 20.º Floriano Mendes (Aguas/Clok), 36.41.00; 21.º Adelino T. (Lousa/Trinaranj), 36.41.16; 22.º Elias C. (Lousa/Trinaranj), 36.41.27; 23.º Marco Chagas (Aguas/Clok), 36.44.03; 24.º Ant.º Fernandes (FCP/Sandeman), 36.44.48; 25.º Venceslau F. (FCP/Sandeman), 36.44.53; 26.º Mel. Gonçalves (Benfica), 36.45.49; 27.º Ant.º Oliveira (Br/Lameirinh.), 36.45.56; 28.º João Costa (Almod./Campinense), 36.46.31; 29.º Abel Coelho (Lousa/Trinaranj), 36.48.12; 30.º J. L. Pacheco (Dramat/Luxotex), 36.48.29; 31.º José Lima (CALOI), 36.49.11; 32.º R. Terêncio (Bomb/Unirov), 36.49.13; 33.º Jacinto Paul Manique/Da V.), 36.49.21; 34.º Mel Martins (Coelima), 36.51.00; 35.º L. Gregório (Sangalhos/Orbita), 36.51.48; 36.º Joaq. Silva (Coimbrões/Arbo), 36.55.10; 37.º Alf. Gouveia (Aguas/Clok), 36.55.25; 38.º Mel Carvalho (Coimbrões/Arbo), 36.55.41; 39.º Joaq. Colaço (Almod./Matimar), 36.56.14; 40.º João Marta (Bombarr/Unirov), 36.56.54; 41.º Arm. Barradas (Almod./Matimar), 36.57.01; 42.º Herculan S. (Sangalh/Orbita), 36.57.07; 43.º Ant.º Marçal (Aguas/Clok), 36.58.46; 44.º João Duarte (Bomb/Unirov), 36.59.55; 45.º Domingos B. (Br/

Lameirinho), 37.01.13; 46.º José Sá (S. Jorge/Da Viga), 37.01.38; 47.º J. Pinheiro (FCP/Sandeman), 37.01.53; 48.º Miguel Silva (Caloi), 37.03.16; 49.º Américo Card. (S. Jorge/Da V.), 37.05.21; 50.º Aldomiro N. (Campinense/Mani), 37.05.53; 51.º C. Raimundo (Braga/Lameirinho), 37.08.53; 52.º Ant.º Castro (Facar), 37.10.20; 53.º José Amaro (Benfica), 37.21.18; 54.º José Monteiro (Facar), 37.40.41.

GERAL (POR EQUIPAS)

1.º Benfica 109.43.15; 2.º Lousa/Trinaranj 109.46.28; 3.º Águas/Clok 109.52.44; 4.º Coelima 109.54.12; 5.º F.C.P./Sandeman 109.54.12; 6.º Bombarralense/Unirov 109.57.57; 7.º Coimbrões/Arbo 109.59.09; 8.º Almodovar/Campinense 110.17.30; 9.º Braga/Lameirinho 110.18.41; 10.º S. Jorge/Da Viga 110.39.18.

GERAL (PONTOS)

1.º Alexandre Rua (Aguas/Clok) 65; 2.º José Amaro (Benfica) 29; 4.º Carlos Santos (Benfica) 21; 5.º João Sampaio (Coelima), 18.

GERAL (MONTANHA)

1.º Belmiro S. (Coimbrões/Arbo) 14; 2.º Firmo B. (Lousa/Trinaranj), 12; 3.º José Lima (Caloi) 11.

COMBINADO

1.º Alexandre Rua (Aguas/Clok) 8; 2.º Belmiro S. (Coimbrões/Arbo) 15; 3.º Firmo B. (Lousa/Trinaranj), 17.

EUROPEIA

**A EXPERIÊNCIA
AO SERVIÇO DO TURISMO**

LISBOA

PRAIA DA ROCHA

**Habite em ambiente
de férias todo o ano nas**

**Andares de 3 e 4 assoalhadas
prontos a habitar**

**Excepcional vista panorâmica
sobre a Cidade e Tróia**

**PREÇOS DESDE
800 CONTOS**



RENTIFIX

ATENDE NO LOCAL TODOS OS DIAS
NA AV. MIGUEL BOMBARDA 133 - 1.ª A
TELEF. 3.121.53.8.98 - LISBOA

FUNDOS FIDES E FIA

Regulamentada remuneração aos ex-titulares

O Ministério das Finanças e do Plano através do Decreto-Pe n.º 231/78, hoje publicado no «Diário da República», estabelece as condições regulamentares em que é concedida aos ex-titulares de participações dos fundos de investimentos FIDES e FIA uma remuneração aos respectivos capitais.

O citado documento concede, a título provisório, uma remuneração relativamente ao semestre que decorreu de 15 de Julho de 1977 a 14 de Janeiro de 1978, pagável a partir da entrada em vigor do decreto-lei e calculada na base de uma taxa anual de 6,5 por cento, «que corresponderá considerados os convenientes arredondamentos, às importâncias de 10\$10 e 14\$10, respectivamente, a cada participação FIDES e FIA».

Os serviços relacionados com esta remuneração ficam a cargo da Junta de Crédito Público, que, antes da data estabelecida para o início do pagamento, entregará a cada instituição de crédito a quantia necessária para proceder à liquidação das importâncias a que os respectivos titulares têm direito. A remuneração a pagar fica sujeita ao desconto de 5 por cento de imposto sobre sucessões e doações por avença.

ROTEIRO CULTURAL

Agosto continua a fazer vítimas «culturais» nesta cidade que morre lentamente comida pelo calor e pela «ausência» dos lisboetas em gozo de férias: com a saída de cena de «O caso da mãozinha misteriosa», o teatro cidadão ficou ainda mais pobre do que estava. Apesar do estilo e do «fechar de portas» que caracteriza o mês temos, porém, uma boa notícia para todos, sobretudo para os que gostam de teatro e não se resignam com isto de terem de esperar até Setembro pelo reencanto da cidade: amanhã estreia uma peça na SPA. Trata-se de «A Procura de Alberto», de Gilberto Lautier, que foi traduzida e adaptada por Helena Domingos para a actriz Zita Duarte. De acordo com esta actriz, a peça trata do problema da solidão feminina e do que a mulher tem de fazer para passar o tempo. Mais informações: a peça tem cerca de 90 minutos de duração e a cenografia da versão que amanhã sobe à cena é de Cristina Reis. Inútil será dizer que a SPA vai estar a abarrotar e que Zita Duarte — uma actriz que leva todos os colaboradores deste Roteiro ao teatro — Pode vir a ter mais um

sucesso na sua carreira.

Está a terminar o curso internacional de teatro de amadores que tem estado a decorrer em Santarém. Quando, há coisa de uns dias, os alunos deste curso vieram a Lisboa e visitaram o D. Maria II, alguém comentou ao vê-los entrar, às dezenas na Casa de Garrett: «Continua a haver mais actores do que espectadores...»

Não queremos ser indiscretos nem transformar este Roteiro numa coluna de «ora digo eu, ora dizes tu», mas parece que, a seguir ao «Felizmente há Luar», que estreia no dia 22 de Setembro, o D. Maria leva à cena «As alegres comadres de Windsor». Outra notícia: o actor Rogério Paulo, já refeito de um acidente de viação em que esteve envolvido um dia destes, ingressou na companhia do Nacional e começa a trabalhar no dia 1. Será verdade que o Teatro Aberto abre a temporada com um novo original português provisoriamente intitulado «O bem intencionado»?

O Festival de Música da Costa do Estoril prossegue, amanhã, com um concerto da

Orquestra Sinfónica da RDP no Cine-Teatro de Cascais. Dirige a orquestra o maestro inglês Owen Hughes. De

novo, a primeira audição, em Portugal, do concerto para violoncelo e orquestra de Prokofiev.

Durante cinco dias, a partir de hoje, o grupo «The Pa'amey Aviv dance group» estará no Teatro Monumental onde interpretará peças do folclore israelita. Trata-se de uma iniciativa destinada a comemorar o 30.º aniversário do estado de Israel, que tem o patrocínio da Embaixada de Israel em Lisboa.

Se ainda não leu o «labirinto da saudade» de Eduardo Lourenço e o «Coleccionador de absurdos» de José Gomes Ferreira, está na altura de o fazer. Como sabe, este Roteiro não tem intuítos publicitários nem está vinculado a editores, de forma que os seus conselhos têm um único objectivo: dar-lhe a conhecer o que realmente interessa dentro da actividade cultural portuguesa. Quando lhe recomendamos estes dois livros é porque entendemos que vale a pena lê-los.

Não há qualquer motivo para que este Roteiro não sirva de elo de ligação entre os seus leitores interessados em actividades culturais. Aqui vão dois apelos que nos chegaram recentemente às mãos. Se está interessado na formação de um grupo de teatro cuja actividade deverá começar em Outubro, na área de Alcácer do Sal, escreva-nos antes do fim do mês. Se tem, ou se sabe onde existem, fotografias do general Correia Barreto (António Xavier Correia Barreto) que foi ministro da Guerra do Governo Provisório da 1.ª República, contacte-nos.



Zita Duarte, que estreia amanhã um espectáculo na SPA

A CÓLERA

Continuação da pag. 3

no seio de populações que estavam em pânico».

Foi assim que em N'Djanema foram vacinadas em três dias cento e oitenta e nove mil pessoas. Nesta hipótese, diminuir o potencial bacteriano mesmo que seja para metade, já é apreciável, tanto mais que os doentes já tinham sido objecto de uma quimioterapia maciça. Esta dupla técnica conseguiu evitar o pior no ano de 1970 em Bamako, em 1971 e 74 em Djanema, em 71 em Niamey, em 71, 72 e 73 no Senegal, em 70 e 71 nas cidades lacustres do Benim, etc. Este tipo de acção mobiliza todos os recursos sanitários de países, de resto muito pobres, onde uma

epidemia de cólera seria uma catástrofe, mesmo que só fosse uma catástrofe económica.

É o que pensa o professor Marc Gentilini, chefe dos serviços de parasitologia e de medicina tropical da Pitié-Salpêtrière. Segundo ele «uma epidemia de cólera é um fenómeno imediatamente politizado, a que os Governos não podem abster-se de responder com medidas de urgência. A cólera mata hoje muito menos do que o paludismo. Mas o paludismo é um mal tão corrente que as populações do Terceiro Mundo aprenderam a viver e a morrer com ele. Sem dizer nada...»

(Le Monde)

tempo

SITUAÇÃO DO TEMPO ÀS 09.00 H.

Céu geralmente limpo vento fraco, havia neblina ou nevoeiro na faixa costeira ao norte do Tejo.

TEMPERATURAS DO AR

VIANA DO CASTELO	24°
BRAGANÇA	24°
VILA REAL	15°
PORTO	15°
P. DOURADAS	16°
COIMBRA	16°
PORTALEGRE	22°
LISBOA	22°
ÉVORA	22°
SINES	22°
BEJA	22°
SAGRES	28°
FARO	25°
P. DELGADA	25°
FUNCHAL	21°

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR	BAIXA-MAR
0.57 3,8 m 6.42 1,1 m	13.20 4,1 m 19.14 0,9 m
Dia 17	
1.52 4,0 m 7.33 0,9 m	14.13 4,3 m 20.03 0,7 m
Dia 18	
2.42 4,2 m 8.21 0,8 m	15.01 4,5 m 20.50 0,6 m

PREVISÃO DO TEMPO ATÉ ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Céu geralmente limpo, temporariamente muito nublado na faixa costeira a norte do Cabo Mondego, neblinas ou nevoeiros matinais na orla costeira ocidental. Vento geralmente fraco.



NASCE AS 6.52
OCASO AS 20.29



Dia 18 Dia 25 Dia 2 Dia 10

rádio

1.º Programa

18.00: Música portuguesa; 18.30: Temas de saúde; 18.45: 15 minutos com os Aquaviva; 19.00: Um solista; 19.15: O mundo é a nossa casa — fados de Coimbra; 20.00: Jornal da noite; 20.30: Melodias; 21.00: 14.º episódio do folhetim «As Desencantadas»; 21.30: Diário da «Volta»; 21.50: Contraponto; 00.00: Último jornal; 00.20: Música variada; 01.00: Música na noite.

2.º Programa

17.25: Uma obra duas interpretações; 18.40: Peças para cravo de Rameau; 19.00: Ciclo Janacek (7.º programa); 20.00: Música de câmara; 21.15: Canções de Schubert; 21.40: O maestro Herbert Von Karajan; 22.35: Sonata n.º 7, de Prokofiev; 23.00: Inter-câmbio musical; 23.27: Quarteto n.º 3, em lá maior; 00.00: Seleção da oratória «O Messias», de Haendel; 01.00: Fecho.

3.º Programa Nacional e Regional (294m)

18.00: Vertical; 18.20: Prevenção e saúde; 19.05: Teatro trágico; 20.15: A lei em que vivemos; 21.30: Quando o telefone toca; 22.00: Suplemento; 22.05: Quando o telefone toca; 24.00: Suplemento; 00.05: Suplemento desportivo; 00.15: Dia a dia como o passado; 01.05: Tempo internacional; 01.10: Ver cinema; 02.00: Fecho.

3.º Programa Local (187,5m)

18.00: Convite; 18.00: Compasso; 18.15: Sal e pimenta; 18.30: Ídolos do cinema; 20.10: Hoje convidamos; 20.40: Serviço de agenda; 21.00: Fecho.

4.º Programa Emissão Total em Estereofonia

16.00: Gong — música popular do Brasil; 19.00: Em órbita; 20.00: Fórum; 22.00: Auditório; 22.05: A RDP divulga jazz; 00.00: Prisma; 02.00: Fecho.

RÁDIO RENASCENÇA

18.08: Apelos; 18.15: Igreja em notícia — palavra do dia; 18.30: Transmissão do terço do Externato do Parque; 19.00: Programa da Liga dos Amigos de Rádio Renascença; 20.00: Objectivo; 20.53: Apelos; 21.05: Pentagrama; 21.30: O som da noite; 22.00: Quando o telefone toca; 22.30: Temas vivos; 23.30: Textos e pretextos — Fecho.

palavras cruzadas

COM PROVÉRBO

PROBLEMA N.º 12 116

HORIZONTAIS

- 1 Mortandades. Carta de jogar.
- 2 Pronome pessoal. Rei dos Israelitas, filho e sucessor de David e Betsabé.
- 3 Falha. Oceano. Basta.
- 4 Filho de Panopeu, construtor do famoso cavalo de madeira por meio do qual os Gregos entraram em Tróia. Aparelhar.
- 5 O mais.
- 6 Prancha que os acrobatas percorrem para formar o salto.
- 7 Encolzarais. Preposição e artigo (pl).
- 8 Amplio. Um dos pontos cardeais.
- 9 Extremidade do braço. Colocou.
- 10 Pronome pessoal. Agarrara (Fig.).
- 11 Guarneceras de asas. Numeral cardinal.

VERTICAIS

- 1 Introduz. Pronome demonstrativo. Em a.
- 2 Esconderíamos.
- 3 Marque o peso da tara em. Aplana.
- 4 Ouro (s.q.). Feiteiro.
- 5 Nosso Senhor. Suco narcótico extraído de certas papoilas. Deus dos pastores.
- 6 Leito. Osmio (s.q.). Patas.
- 7 Levantar. Uma das Espórades.
- 8 Rio de Portugal. Sentidas Condições.
- 9 Armaduras para a cabeça. Preposição latina que designa movimento.
- 10 Canoa de casca de árvores com a proa e a popa achatadas. Bata.
- 11 Ressoria. Esquadrão.

Resolva completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o PROVÉRBO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 8176

HORIZONTAIS

- 1 Rapariga. Amalgamas.
- 2 Cidade da antiga Caldeia. Sirga da Nigéria britânica.
- 3 Preposição e artigo (pl). História.
- 4 Campos.
- 5 Eduquem. Preposição e artigo.
- 6 Tribos indígenas do Pará. Amónio (s.q.).
- 7 Para barlavento. Tiras de ligado temporadas e fritas.
- 8 Apagadas. Pronome reflexo.
- 9 Rema para trás. Oráculos.
- 10 Rusticas.
- 11 Sadios Tosto.

VERTICAIS

- 1 Que é da raça dos mús. Espadela.
- 2 Rezo. Uni.
- 3 Tímulo.
- 4 Átomo. Liga.
- 5 Salários.
- 6 Deus dos pastores. Almirante veneziano que se distinguia na luta contra os piratas barbarescos. Lavram.
- 7 Nesse lugar. Planta têxtil.
- 8 Vestígio. Distrito da ex-Índia Portuguesa.
- 9 Cordas de rebocar. Actínio (s.q.). Primeira das três palavras que formam o nome de uma freguesia do concelho de Anadia.
- 10 Naquele lugar. Misturas.
- 11 Ilha do mar Jónico. Catedral. Livro de cersos de António Nobre.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 12 115

HORIZONTAIS:

- 1 QUEM SABE
- 2 Um DAR Er
- 3 Arruaceiros
- 4 Ião. Vaga. To.
- 5 SC Caçar Al
- 6 As Moca Re
- 7 Op. Sós. It
- 8 Orças Bar
- 9 Alava Ma
- 10 Alvas III
- 11 Asou SABE

VERTICAIS:

- 1 QUAIS TOMAR.
- 2 Urraca.
- 3 Eiró. Socava
- 4 Palas
- 5 Davam. Siso.
- 6 Macacos.
- 7 Regaço. VI
- 8 Iaras Ais
- 9 Aer Ia
- 10 Brotaniam
- 11 Soletira

Provérbo: QUEM SABE DAR SABE TOMAR.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 8175

HORIZONTAIS:

- 1 Var Fão. Mal
- 2 Iman Soca
- 3 Nadaras
- 4 Anho. Te. Cás.
- 5 São. Lepira.
- 6 Usai Ois.
- 7 Azoto ML Se
- 8 As Haia
- 9 Imas Pura
- 10 Tasca Dá AS
- 11 Atoa Câmara

VERTICAIS:

- 1 Vigas Agita
- 2 Ao. Naus Mat
- 3 Ranhososo Aso
- 4 Não Atasca
- 5 Lios
- 6 Abate
- 7 Repolhuda
- 8 Sa. Rimaram
- 9 Moscas. lo
- 10 AC Sanar
- 11 La. Some Asa

Lisboa

TURNO 64
Até às 22 horas

ANDRADE — Rua do Alecrim, 125. Tels. 322328-323443. **ASCENSO** — Pr. Norte, 11-A (B.º Encarnação). T. 311216. **BENFILIZ** — Estr. Benfita, 444-A Tel. 782606. **CARRONDO** — Rua Padre Senna de Freitas, 10-A Tel. 842518. **CONCEIÇÃO** — Calç. D. Gastão, 30-32 Tel. 381279. **DOURO** — Alameda. Linhas de Torres, 93-A-B Tel. 791131. **EDUARDO A. CÉSAR** — Rua das Trinas, 102 Tel. 662631. **ESTEFÂNIA** — R. Pascoal de Melo, 90 Tel. 44438. **FRAZAO** — Rua Portas de Santo António, 70 Tel. 328180. **GOMES, SUCR.** — Rua da Junqueira, 326 Tel. 638193. **INFANTE SANTO** — Rua do Olival, 290 Tel. 661003. **MARLUZ** — C.º da Picheleira, 140-B-C Tels. 720703-728395. **NOVA** — Rua de Campolide, 297-C Tel. 687475. **NUNES** — Rua Ângela Pinto, 32 Tel. 549756. **OLIVAIS (dos)** — R. Alves Gouveia, 19 Tel. 311237. **PINHEIRO** — Rua Campo de Ourique, 131-133 Tel. 686640. **RIO DE JANEIRO** — Av. Rio de Janeiro, 4-C Tel. 721409. **RONIL** — Rua Rodrigo da Fonseca, 153 Tel. 683438. **SA DA BANDEIRA** — Rua Marquês de Sa da Bandeira, 36-42 Tel. 54672. **SALUTAR** — Rua Conde Redondo, 9-B Tel. 533411. **SANTA MARIA** — Av. 5 de Outubro, 283-A Tel. 763016. **SANTO ANTONIO** — Rua Leite de Vasconcelos, 72-C Tel. 862333. **S. BARTOLOMEU** — V.º Paulo Jorge, 1 Tel. 790969. **UNIAO** — Rua Saraiva de Carvalho, 145-F Tel. 683643. **S. MAMEDE** — Rua Escola Politécnica, 82-B Tel. 660280. **VERA CRUZ** — R. Afonso Pereira, 2-B Tel. 72494. **ZIL** — Av. da Igreja, 9-D Tel. 891780.

Permanente

ASCENSO — P.º Norte, 11-A (B.º da Encarnação). Tels. 311216-310172. **ESTEFÂNIA** — Rua Pascoal de Melo, 90 Tel. 44438. **FRAZAO** — Rua Portas de Santo António, 70 Tel. 328180. **GOMES, SUCR.** — Rua Junqueira, 326 Tel. 638193. **PINHEIRO** — Rua Campo de Ourique, 131-133 Tel. 686640. **RIO DE JANEIRO** — Av. Rio de Janeiro, 4-C Tel. 721409. **RONIL** — Rua Rodrigo da Fonseca, 153 Tel. 683438. **SALUTAR** — Rua B. 75-A-B (B.º da Liberdade) Tel. 683694. **SANTO ANTONIO** — Rua Leite de Vasconcelos, 72-C Tel. 862333. **S. MAMEDE** — Rua Escola Politécnica, 82-B Tel. 660280.

NOTA — As farmácias que não estão de serviço permanente encerram das 13 às 15 horas para almoço.

Outra Banda

ALMADA — Silva Júnior, Av. Frederico Ulrich, 9-2.º piso E (T. 2768030). **COVA DA PIEDADE** — Morgado, R. Cabo da Boa Esperança, 25-A (T. 2767356). **LARANJEIRO** — Moderna, R. Dr. António Elvas, 84 (T. 2490305). **COSTA DA CAPARICA** — Carlos, Av. do Mar, 34, A, Quinta de St.º António. **SE-SIMBRA** — Lopes, R. Cândido dos Reis, 21 (T. 2233028). **BARREIRO** — Avenida, Av. Alfredo da Silva, 88 (T. 2073212). **SEIXAL** — Godinho, L. da Igreja, 51 (T. 2218580). **MONTIJO** — Higien, R. José Joaquim Marques, 142 (T. 2310370). **MOITA** — Silva Rocha, P. da República, 16 (T. 239029). **ALHOS**

VEDROS — Portugal, Av. da Bela Rosa, 8 (T. 204250). **ALCOCHETE** — Gamela, L. António dos Santos Jorge, 15 (T. 234100).

Linha de Cascais

ALGÉS — Dias e Saraiva; **ALCARRI-DECHÉ** — Carvalho. Até às 21 horas; **PORTO SALVO** — Ferreira Bastos. Até às 21 horas; **CAXIAS** — Nova, R. Bernardino Ribeiro, 1-A (T. 242839). Até às 24 e das 0 às 9 horas; **OEIRAS** — Alcântara Guerreiro, P. Residencial Dr. Augusto de Castro, lote 10 (T. 24300691). Até às 22 horas; **NOVA ODEIRA** — Leal. Até às 21 horas; **CARCARELOS** — Central. Até às 22 horas; **VILAR** — Até às 24 e das 0 às 9 horas; **S. DOMINGOS DE RANA** — Godinho da Silveira, Av. Sabóia, 29-B (T. 260085). Até às 21 horas; **PAREDE** — Alair, Av. Gago Coutinho, B. das Caixas de Previdência. (T. 2472948). Até às 24 e das 0 às 9 horas; **Junqueiro Mendes** — Até às 21 horas; **AMOREIRA** — Amoreira (T. 262313/267314). Até às 22 horas; **ESTORIL** — Marques dos Santos, R. Ferreira J. A. 15 (T. 260116). Até às 24 e das 0 às 9 horas; **CASCAIS** — Cordeiro, Av. Comb. G. Guerra, 40 (T. 280170). Até às 21 horas; **A. Costa** — R. Freitas Reis, 24-C (T. 280214). Até às 24 e das 0 às 9 horas.

Linha de Sintra

AMADORA — S. Jorge, R. Pedro Del Negro, 5, Reboleira (T. 938703). Permanente; **Campos** — R. Elias Garcia, 185 (T. 930072). Até às 22 horas; **DAMAIA** — Damais, P. Alexandre Gusmão, 9-A (T. 970523); **QUELUZ** — Correia, L. do Mercado, 3 (T. 950906); **CAMARATE** — Nova, R. Cidade de Lisboa, 94 (T. 2518726); **CACÉM** — Garcia, Av. dos Missionários, 2 (T. 2942181); **ALGUEIRÃO** — Rodrigues Rato (T. 2912038). Permanente; **AGUALVA-CACÉM** — Mira Sintra, P. N. Torre, 310. Até às 20.30. **MERCES** — Claro Russo. Até às 21 horas; **RIO DE MOURO** — R. moura, Av. Oscar Monteiro Torres, 8 (T. 2960194). Até às 23 horas; **SINTRA** — Marrazes, Estefânia (T. 2930058). Permanente; **COLARES** — Abreja (T. 299088).

Porto

(De dia e só até às 22 horas)

CANAVARRO — Rua da Restauração, 53 T. 60750. **PADRAO** — Rua de Santo Ildefonso, 342 T. 52149. **FIGUEIREDO, LDA.** — Rua de Cedeifeita, 125 Tel. 21620. **PARENTE** — Rua das Flores, 114 Tel. 21611. **SOUSA SOARES** — R. de Santa Catarina 141 Tel. 22145. **VITÓRIA** — Rua de S. Roque da Lameira, 756 Tel. 52225. **SANIL** — Rua do Paraíso, 214. Tel. 23935.

(De dia e toda a noite)

RAMOS — Praça do Exército Libertador, 91 T. 64935. **FERREIRA DE CARVALHO** — Rua do Bonjardim, 354. Tel. 27640. **CONSTITUIÇÃO** — Rua da Constituição, 93. Tel. 490813.

Coimbra

(Das 9 horas às 9 do dia seguinte)

UNIVERSAL — Praça 8 de Maio, 35. Tel. 23744.

CINE

803055

Centro Cultural de Alvalade

Sala A — As 14.30, 16.30, 18.30
21.30 e 23.45 h

LABIRINTO DE VIOLENCIA
Int. men. 13 anos

Sala B — As 15, 17, 19, 21.30 e 23.45
NA IDADE DA INOCENCIA

ALVALADE

897480

Av. de Roma

15.15, 18.15 e 21.30

O REGRESSO DE SHANGAI JOE
com Klaus Kinski e Cheen Lie
Não acons. men. 13 anos

APOLO

763319

Av. João Denis, 10-A

As 13.30, 15.30, 17.30, 19.30 e 21.30

BEIJOS ROUBADOS
Um filme de François Truffaut
Não acons. men. 13 anos

Hop às 23.30 h. — «Ficção Científica» (18 anos)

O MUNDO DO OESTE

AVIS

547163

Av. Duque D. Avila, 45

As 15.30, 18.30 e 21.30

MULHERES E RECRUTAS
Com Gianni Morandi

Maiores 12 anos

BERNA

776098

Av. Marques de Tomar

4.ª semana
As 14.00, 16.30, 19 e 21.30 h

O GENDARME EM NEW YORK
Com Louis de Funes

Um filme de Jean Girault
Para todos — Colômbio

CALEIDOSCOPIO

795093

Campo Grande

A partir de hoje
as 14, 16.30, 19 e 21.30 h

Johnny Weissmuller
e Maureen O'Sullivan

TARZAN E A COMPANHEIRA
Um filme de Cedric Gibbons
Para todos

CASTIL

580194

Rua Castilho

15.30, 18.30 e 21.30 h

CUIDADO COM A AVÓ...
Não acons. men. 13 anos

O estranho caso das «velhas assassinas» que vos fará morrer de riso!

CINEBOLSO

573407

Rua Actor Taborda, 27-B

As 12.30, 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30

O amor. A aventura. A paixão. O desejo

LUXURIA
Int. men. 18 anos
Pornográfico

As 24 — Não acons. men. 13 anos

MASH

CINE CAMÕES 324194

Rua do Loreto, 15

Sessões às 14.15, 16.30 e 21.30 h

Int. a men. 13 anos

OS MACHOS
Um filme de Giles Carle

Antologia do Cinema
Semana «Visconti»

As 18.45 h

OS MALDITOS

CITY CINE

Rua Tomas Ribeiro, 34

As 14.30, 16.45, 19 e 21.30 h

O HOTEL DA PRAIA
Não acons. men. 13 anos

As 23.45 h — Cinemacento

A LADY E O MOTORISTA
de Alan Bridges

com Louis de Funes

CONDES 327523

Av. da Liberdade, 2

As 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

(10 anos)

A MANIA DAS GRANDEZAS

com Louis de Funes

DOIS MIL 2100055

Av. Bombeiros Voluntários

Lote 113 — Alges

As 15.30 e 21.30 h.

A FUGA NO ESPAÇO

Int. men. 13 anos

D. JOAO V 971794

Praça Centro Comercial — Damais

Amanhã às 21.15

Não acons. men. 18 anos

UM AGENTE NA SOMBRA

Int. men. 13 anos

EDEN 320768

P. dos Restauradores, 21

As 14, 16.30, 19, e 21.30

VOLUNTARIOS A FORÇA
com Franco Franchi e Cicco Ingrassia

Não acons. men. 13 anos

ESTUDIO 555135-5

Al. Afonso Henriques, 35

As 14.45, 18.15 e 21.30

O filme começa após o início das sessões

Não acons. men. 13 anos

Ryan O'Neal, Marisa Berenson e a obra prima de Stanley Kubrick

BARRY LYNDON

4 Oscars

ESTUDIO 444 779095

Av. Defensores de Chaves, 83

As 15.30, 18.30 e 21.30

Int. a men. 13 anos

O DIA DA VERGONHA

com Claudia Cardinale e Franco Nero

2.ª semana

EUROPA 661016

R. Almeida e Sousa, 35

As 15.15 e 21.15

Não acons. a men. 13 anos

ADEUS AMIGO

IMPERIO

555134-5

Al. Afonso Henriques, 35

As 15, 18.15 e 21.30

YANG-TSE EM CHAMAS
com Steve McQueen e Candice Bergen

Maiores 18 anos

LONDRES

801313

Av. de Roma, 7-A

As 14.15, 16.30, 18.45 e 21.30

O OVO DA SERPENTE
com Liv Ullmann e David Carradine

Int. a men. 13 anos

2.ª semana

MONUMENTAL

555131

P. Duque de Saldanha

As 15.15, 18.15 e 21.30 h

CAVALGADA DOS DESTEMIDOS
com Kirk Douglas e Bruce Dern

Int. men. 13 anos

MUNDIAL 538743

R. Martens Ferrao, 12-A

As 15.15, 18.30 e 21.30 h

ASSASSINIOS POR COMPUTADOR
com Jean-Louis Trintignant

e Mireille Darc

Int. men. 13 anos

NIMAS

574367

Av. 5 de Outubro, 42-B

15.18 e 21.15 horas

5.ª semana

NASHVILLE
de Robert Altman

Int. menores de 13 anos

NOVOCINE 840678

Av. General Rodadas, 7

As confidências de uma vedeta de filmes

pornográficos!

EXIBIÇÃO
com Claudine Beccarie

e Beatrice Hamois

Int. men. 18 anos

A empresa considera este filme

pornográfico

ODEON 326283-4

R. Condes, 12 a 20

A 15.15, 18.15 e 21.15 h

O DESTINO MARCA A HORA
Com Tony de Matos

Grupo B — 10 anos

(Reposição de um filme português)

PATHE 821933

R. Francisco Sanches, 122

As 14.15, 16.30, 18.45 e 21.30 h

Sanjay, Zeenat Aman, Deven Verma, em

SOMBAS DO PASSADO
um filme de B. R. Chopra

Eastmancolor

2.ª semana

Não acons. men. 13 anos

POLITEAMA 326285

R. Portas de St.º Antão

As 14.15, 16.30, 19 e 21.30 h

O MAIS QUENTE ESPECTÁCULO DO MUNDO
Interdito a men. 18 anos

(Contém cenas eventualmente

chocantes)

QUARTETO 771378

R. Flores do Lima, 16

SALA 1 — As 14.30, 16.45, 19, 21.15

e 23.30 h

Não acons. men. 18 anos

BONNIE E CLYDE

SALA 2 — As 14.30, 16.45, 19, 21.15

e 23.30 h

FRANKENSTEIN JUNIOR</

DL

RENASCENÇA GRAFICA, S.A.R.L.
ADMINISTRAÇÃO: RUA CASTILHO 185-1
TELEFONES 65431/2/3
REDACÇÃO: PUBLICIDADE E SERVIÇOS
TECHNICS: RUA LUZ SORIANO 44
TELEFONES 321154/5, 320271/2/3
320229, 312781/2
SERVIÇO DE NOITE: DEPOIS DAS 21
PORTUGAL 321154, PUBLICIDADE 368/40
MENSAGENS GRAVADAS 320279
ENDERECO TELEGRAFICO DIBDA, TELEX 12363
LISBOA - PORTUGAL

Sindicato denuncia exclusão de mais de quatro mil professores

De acordo com um comunicado do Sindicato dos Professores enviado aos órgãos de informação, 4139 professores foram excluídos do concurso de provisorios e eventuais para o ano lectivo de 1978/79.

Ainda de acordo com o comunicado, foi violado o principio de abertura do concurso que estabelece apenas cinco motivos de exclusão. Na prática, «não bastam as 24 letras do alfabeto para arranjar razões de exclusão de candidatos algumas tão absurdas que deixam pasmado, mesmo quem não entenda muito das lides do ensino», ainda de acordo com o referido comunicado.

Exemplificando as forçadas razões de exclusão, o sindicato denuncia a expulsão de 400 candidatos com o pretexto de que «o Conselho Directivo da escola onde o candidato obrigatoriamente entregou a documentação, não após o selo branco ou o carimbo a óleo sobre o boletim». Face a este motivo de exclusão o sindicato pergunta: «a quem pertence a responsabilidade de tal omissão? Porque fazê-la recair sobre quem não tem culpa e que desse modo fica no desemprego?».

Produtores esta manhã em "greve da pera" no Mercado Abastecedor do Cais do Sodré

Esta manhã no Mercado Abastecedor de Fruta do Cais do Sodré, não havia peras: apareceram algumas, mas muito poucas. Em contraste com as outras frutas que marcam presença no Mercado, as ausentes foram, hoje, mais procuradas do que nunca.

Os produtores cumpriram a sua promessa: não viriam ao mercado com elas. Fizeram, portanto, uma espécie de greve das peras. E têm lá as suas razões...

«Faz-se greve por tantas razões, por que não havemos nós de fazer greve por causa das peras?» Eis uma questão levantada por João Augusto Lourenço, agricultor da zona de Mafra, dono de quarenta hectares de terra, a maior dos quais ocupados com aquele fruto.

Descontentes com a Portaria da Junta Nacional, que fixa um preço para a fruta em função de uma determinada calibragem, os produtores tinham admitido a hipótese de faltarem com as peras no Mercado Abastecedor.

No que toca à carapinha, uma variedade, pequena e curta mas muito doce, fez-se letra morta das tabelas. A questão aliás prende-se com esta variedade de peras que por não atingirem os 55 milímetros da «lei» teriam de ser vendidas a um preço que segundo os produtores «não compensa». E para além do mais este tipo é dos «mais apreciados pelo consumidor» — de acordo com as declarações dos produtores, retalhistas e mandatários que contactámos no Mercado Abastecedor de Fruta.

«Está mal. Pretendem fazer o mesmo que fizeram com as batatas», comenta o produtor João Lourenço. E acrescenta: «Mas nós aguentamos firmes nem que seja uma semana. Nem que as peras apodreçam. Se vem um ano bom de fruta estabelecem tabelas sem jeito e depois nos anos maus não marcam nenhuma tabela. Entretanto, sobem os adubos, os pesticidas...»

Na verdade a portaria começa a funcionar a partir de hoje, dia 15. Mas os produtores mostram-se na disposição de «não trazer peras» enquanto as entidades competentes não resolverem uma situação que consideram injusta. E tanto mais que, segundo José Gabriel Ribeiro, um outro produtor da zona de Mafra, o Governo «não protege a agricultura». Até agora

ainda não se tomaram medidas no sentido de defender os interesses daqueles que produzem nos campos aquilo que comemos.

«Com a pera pérola (comprida e fina) passa-se o mesmo: fica abaixo dos 55 milímetros» — Para os retalhistas as novas tabelas também não são motivo de entusiasmo. Aham que a margem de comercialização aplicada a certas frutas não lhes permite ter um lucro aceitável. Como, por exemplo, no caso das uvas.



Medidas da JNF prejudicam consumidores, produtores e retalhistas...

na Junta Nacional das Frutas (em quem não confiam) ou nas Cooperativas que referimos. Cooperativas que não são cooperativas mas «corporativas».

OS PONTOS NOS IS

Estêvão, mandatário no Mercado Abastecedor de Fruta do Cais do Sodré, antes de tudo, quis pontos nos iis.

«Um mandatário não é um intermediário como geralmente a imprensa (escrita e falada) tem dito, induzindo, assim, em erro, opinião pública do nosso País. O mandatário representa a produção: pequenos e médios agricultores; associação de produtores UCPs e ainda alguns intermediários que se servem do mandatário para colocar o material que adquiriram na pro-

JNF era a da repressão e da prepotência. Nunca teve outra. Agora mostra o rosto ambíguo de quem não sabe o que anda a fazer.

«Só fazia apreensões: umas vezes com motivo e outras injustificadamente. E se nós não concordávamos com as suas tomadas de posição, ainda nos ameaçavam levar toda a fruta com o argumento de não estar capaz. Chegaram a apreender fruta fechada apenas porque pertencia ao produtor onde tinham detectado uma caixa menos boa.»

O mandatário Estêvão, também produtor de fruta, critica a forma como a JNF adquire os gêneros que vende nos seus postos. Muitas vezes não compra directamente à produção mas sim no Mercado Abastecedor como qualquer retalhista.

«E tenho conhecimento da JNF ter feito uma oferta, a uma União de Cooperativas Agrícolas da zona da Reforma Agrária, muito abaixo do preço estabelecido. Queriam comprar morangos a 30 escudos quando estes estavam a 50 e 80 escudos o quilo.»

O desemprego e o regresso dos colonos trouxeram uma proliferação de intermediários que de certa maneira fazem concorrência à JNF junto da produção. Isto evidentemente acentua ainda mais a «má imagem» da JNF no meio dos produtores.

TABELAS

Estêvão Ramos não está contra as tabelas. Considera, no entanto, que a «coisa» deve ser planificada e sem se perder de vista os interesses da produção.

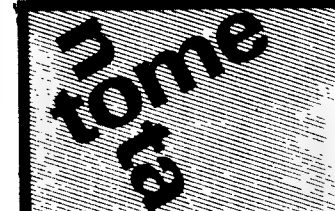
«Com as tabelas, o pequeno agricultor fica amedrontado. E como não possui calibradores entrega-se nas mãos dos in-

termediários ou da Junta. Veja-se o funcionamento da JNF com a batata em Moimenta da Beira. Deixou a batata apodrecer e mandou para lá um funcionário vendê-la a cinco tostões o quilo. É necessário que a produção tenha assegurado um preço mínimo de garantia estabelecida com o seu consenso. Se os produtores pudessem dar o seu parecer já não se viam perante situações difíceis. Desta forma também os intermediários seriam travados.»

Quanto às peras teria de ser abolido, de certa maneira ou pelo menos encarada com maleabilidade, a questão de calibragem. Há peras com grande valor comercial e que pelo facto de não terem o calibre estabelecido acabam por ser vendidas a um preço demasiado baixo. Em função disto, Estêvão sustenta que num futuro próximo certa variedade de peras tem tendência a desaparecer. Sem falar nos conflitos sociais que vão surgir com os retalhistas.

«No respeitante às uvas com a quebra que elas dão por serem um produto delicado e ainda devido às despesas de transporte (cerca de 1\$50 por caixa) a margem de comercialização de 4\$50 fica reduzida a 2\$00. Ora assim não se pode trabalhar com uvas. E é claro que já estão a faltar as uvas no Mercado Abastecedor porque os intermediários vão directamente à produção carregar uvas com destino ao Centro e Norte do País. Neste momento centenas de carros fazem essa comercialização. A produção, para evitar despesas, opta por vender aos intermediários.

No meu ponto de vista nem o produtor nem o retalhista nem o consumidor são beneficiados com as medidas tomadas pela JNF...»



ORIGINALIDADE LUSITANA

Para presidir ao 3.º Governo Constitucional foi-se buscar um tecnocrata. Mas não se perdeu a oportunidade de ferir, na harpa das nossas fantasias nacionais, uma nota original. Instalou-se o tecnocrata numa fortaleza da costa a alguns quilómetros de Lisboa, dos centros nevralgicos da administração e da política. E deu-se ao País, do «indigitado» uma primeira impressão: um homem que faz os outros perder tempo e gastar gasolina.

ESCUTAS

O bem informado semanário «Tempo» confidenciou que «nos tempos de Vasco Gon-

çalves foram importadas 80 unidades de uma aparelhagem sofisticada que permite detectar a distância quaisquer conversas». E pergunta com compreensível preocupação: «Onde se encontra, e ao serviço de quem, esses espões electrónicos?»

A questão justifica uma investigação urgente. Por enquanto, segundo informações confidenciais obtidas por redactores do «DL», só foi possível localizar três desses «espões electrónicos» especialmente preparados para escutar conversas. Confidencialmente informamos que um se encontra no Grémio Literário; outro na sala de reuniões do Conselho da Revolução e por seu intermédio tem o «Tempo» detectado as opiniões da maioria, da minoria e do grupo neutro do CR; um terceiro é portátil e anda nas mãos da gente do «Expresso».

A aparelhagem electrónica dá a muita gente a ilusão de ter ouvidos, de escutar e de perceber.

A CORRIDA DAS FIGURAS

CAVALEIROS

L. MIGUEL DA VEIGA
M. JORGE DE OLIVEIRA

ESPADAS

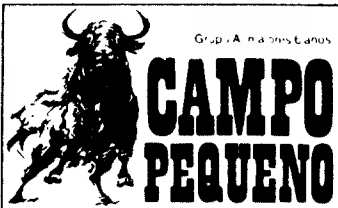
RUIZ MIGUEL
MÁRIO COELHO

FORCADOS
AMADORES DE LISBOA

capitaneados por
Nuno Salvação Barreto

8 TOIROS 8

da Herdade Torre dos Coelhoos
(ferro Cunhal Patrício)



Grupos Amadores
CAMPEÃO PEQUENO

Quinta-Feira, 17 de Agosto, às 22h

«É certo que para o intermediário se estabeleceu uma margem de 3\$50 e para o retalhista de 4\$50 mas enquanto eles vendem uma camioneta de dez toneladas nós comercializamos apenas uma ou duas caixas» — adianta Mário Almeida, proprietário de uma leitaria no Poço do Bispo. Que fazer? Os retalhistas confessam que se quiserem ganhar «algum» são obrigados a roubar no peso das uvas. Para já têm despesas de transporte. E dado que as uvas são um material delicado estão sujeitas a estragarem-se com facilidade. Então não há outro remédio senão vendê-las por qualquer preço.

No meio disto tudo as grandes vítimas ainda acabam por ser os retalhistas (do pequeno comércio) com quem a fiscalização vai entrar, certamente, em choque. Desde que sejam apanhados a vender fora das tabelas apanham com a multa em cima.

Quanto à produção, os problemas que se relacionam com a medição das frutas virão, ainda, agravar mais uma situação que já de si não é famosa. Um calibrador, por muito rústico, não custa menos de uma centena de contos. E a produção não está organizada. Nem sequer apetrechada. Para as Cooperativas (da Guarda, Alcobaça, Vila Real) ou para as grandes empresas o problema não se põe. Mas para os pequenos e médios produtores só há duas alternativas: ou entregam a futa para ser medida,

dução. Trabalha-se em contacto com a produção e cobra-se por cada caixa, quer seja vendida a 10\$-- ou a 100\$00, a quota de 9\$50. Claro que a interferência do mandatário pode ser honesta ou desonesta. Mas se a comercialização estivesse minimamente organizada já não sucediam fugas.»

Segundo Estêvão houve tentativas, em 74 e 75, de reorganizar o sector. Em vão. Tudo continua na mesma. O Mercado tem uma Comissão constituída por trabalhadores quando devia ter uma Comissão Administrativa. Da forma como funciona o Mercado «não há respeito por ninguém nem por nada». A ineficácia da JNF é já questão velha. A propósito Estêvão afirma:

«A Junta tem sido, ao longo de 40 anos, ineficaz para resolver os problemas da agricultura. E, por isso, tem sido contestada em todos os cantos do País. Enquanto estive a administrar este Mercado só cometeu injustiças e crimes contra a economia nacional. Nunca interveio ao vivo junto dos produtores, prestando-lhes assistência ou informando-os sobre a melhor maneira de comercializarem, embalar e calibrar os produtos.»

Antes do 25 de Abril a cara da

(Hoje 28 páginas)



ESTREIA 17 DE AGOSTO

Todas as noites (excepto domingos) às 22 horas
na SOCIEDADE PORTUGUESA
DE AUTORES
Av. Duque de Loulé 31
Lisboa Tel. 578320

Peça de G. Léautier
Adapt. de Helena Domingos
Música de Vasco Pimentel
Colaboração de Cristina Reis

**Arqueologia: EBLA, A CIDADE
DAS PEDRAS BRANCAS**

Israel: MALOGRO DA POLÍTICA DE BEGIN

Inglaterra: O ESCÂNDALO THORPE

ENTREVISTA COM LOPO DO NASCIMENTO AS FORÇAS IMPERIALISTAS NÃO ESTÃO INTERESSADAS NO DESARMAMENTO

■ Mirta Bales
□ Prensa Latina

O primeiro-ministro de Angola, Lopo do Nascimento, efectuou uma viagem, de passagem, a Havana depois de ter participado na reunião da Assembleia Geral da ONU sobre o desarmamento, o dirigente angolano foi entrevistado por essa ocasião em Cuba. Tema da entrevista: situação actual no continente africano e o desarmamento.

PRENSA LATINA: Senhor Primeiro-Ministro, qual é a opinião do seu Governo sobre a tentativa de criação de uma força militar em África patrocinada pela OTAN?

LOPO DO NASCIMENTO: Após a derrota do imperialismo na Ásia causada pela vitória do Vietname defrontam-se agora em África as duas grandes forças sociais, as do progresso e do socialismo, encabeçadas pela União Soviética e as da reacção e do imperialismo, que têm como representante máximo os Estados Unidos. Mas é necessário ter em conta que aquilo que sucede em África não é um confronto entre a União Soviética e os Estados Unidos, mas entre as forças

do progresso e da reacção.

O imperialismo segue um caminho extremamente perigoso em África. Actualmente as forças imperialistas não falam de desarmamento mas desarmamento e podemos assistir ao aumento do contingente e do reforço militar da OTAN no sentido de criar uma força militar em África, que será necessariamente uma força reaccionária.

O que se passa em África é um processo de luta de classes no seio de vários países neocolonizados. Trata-se de países africanos que declararam já a independência política mas que estão agora perante o problema da independência real. A força africana de que se fala tem o objectivo de bloquear este esforço dos países africanos, formar uma frente de agressão contra as nações progressistas de África e erguer uma muralha contra o movimento de libertação nacional no continente.

É por isso que consideramos perigoso o que os imperialistas estão a tentar fazer em África, partindo do princípio de que a situação africana é o resultado de fenómenos



externos. Nós, pelo contrário, somos de opinião que são as forças internas, objectivas e subjectivas, que determinam uma tal situação, porque se a revolução se exportasse como eles afirmam, já

não haveria regimes coloniais no continente.

A criação desta força reaccionária em África torna necessária a coordenação das forças progressistas no nosso continente e o meu



Por altura da sua passagem por Havana o primeiro-ministro angolano, acompanhado de Fidel Castro, visitou a fábrica de cimento de Mariel «René Arcay».

país é contra a formação de blocos militares na região. Os imperialistas pretendem reproduzir o que fizeram na Europa, criar um bloco

A EXPANSÃO MILITAR DA NATO EM ÁFRICA

■ Ivone Pastor Parra
□ Prensa Latina

A decisão dos Estados Unidos de estimularem a corrida aos armamentos e os planos expansionistas da NATO põem em perigo a paz e revelam-se abertamente contra os movimentos de libertação nacional da África, Ásia e América Latina.

O presidente norte-americano, James Carter, na reunião da NATO que se realizou na Primavera, em Washington, exortou ao aumento do poderio militar da aliança e à expansão da NATO para além dos seus limites fixados no Trópico de Câncer.

«Não podemos — afirmou Carter — permanecer indiferentes aos acontecimentos nos países de África, tanto pelo que significam como pela sua influência que exercem sobre os interesses duradouros da NATO».

Carter, que confirmou a intervenção de países membros da NATO no Zaire, defendeu essa intervenção como «contributo para a paz nessa zona» e justificou-a utilizando o conhecido pretexto de uma suposta ameaça soviético-cubana em África e no Médio Oriente.

O discurso do chefe do Estado norte-americano na reunião da NATO evidenciou os planos concebidos pelo Pentágono para expandir a força militar ofensiva da NATO noutros continentes, principalmente em África, bem como para apressar a criação dum bloco bélico no Atlântico Sul.

Estes projectos da NATO e do Pentágono foram denunciados pelo primeiro-ministro angolano, Lopo do Nascimento, na sua intervenção, perante a Assembleia Extraordinária da ONU sobre o desarmamento, que se efectuou em Nova Iorque.

A NATO — disse — tem a intenção de formar uma aliança militar similar que inclua os países latino-americanos no Sul do Atlântico, que lhe sirva de complemento e assegure o controlo sobre rotas marítimas importantes e que garanta o acesso ao Antártico.

Salientou que o seu principal objectivo, ao estabelecer esse pacto, é o de criar um instrumento militar e político contra o desenvolvimento dos Estados africanos progressistas, entre eles Angola, e contra os movimentos de libertação nacional na África Meridional.

Alertou para que, ainda que aparentemente haja uma divergência de concepções sobre as formas que deve assumir a aliança e que os países envolvidos tenham interesses hegemónicos divergentes, isso não altera a intenção de criar um pacto militar no Atlântico Sul, destinado a fortalecer o poder político da NATO.

Realçou o perigo, particularmente grave para a paz e segurança dos povos, constituído pela cada vez mais iminente formação e consolidação de um cinturão nuclear, que inclui a África do Sul e alguns estados latino-americanos.

Entretanto, a agência soviética de notícias TASS afirmou que as recentes actuações da NATO no Zaire estão intimamente ligadas a uma outra conspiração contra a República Popular de Angola.

Acrescentou que o diário americano «Christian Science Monitor» noticiou recentemente que a alguns elementos da Casa Branca agrada a ideia de realizar outra operação punitiva contra o povo angolano. Em 1958, a revista norte-americana «World Affairs», no seu número três, analisava já a importância da África dentro dos planos da NATO e classificou este continente como lugar estratégico para a instalação de bases milita-

res «donde se poderiam empreender contra-ataques, especialmente se, em caso de conflito, a Europa Ocidental fosse neutralizada».

Posteriormente, na conferência que se realizou em Otava, Canadá, em 1974, a NATO proclamou que «os compromissos militares da Aliança se estenderiam a todos os pontos onde, de uma ou de outra forma, fossem afectados os seus interesses gerais».

A intervenção directa no Zaire da França, Bélgica e Estados Unidos, membros da NATO constitui um claro testemunho da expansão militar do Pentágono, através da Aliança, no continente africano e da sua estratégia ofensiva no Atlântico Sul e no Índico. O tema da criação de um pacto militar no Atlântico Sul, isto é, de um prolongamento da NATO nessa zona, voltou a ocupar o primeiro plano na

Fracasso da política liberal do governo Begin

■ Francis Cornu

□ Le Monde

Sanear e reconstruir a economia israelita. Foi esse o principal tema da campanha do Likud antes das eleições de Maio de 78, que deram, pela primeira vez na história do país, a vitória à coligação de direita. Toda a propaganda do movimento dirigido por Begin se concentrou essencialmente na ideia de «maapakh» que significa, em hebreu, «subversão» ou mesmo «revolução». Fiel às suas promessas, o novo Governo apresentou, no mês de Outubro, um plano de reformas espectaculares que deveriam significar para Israel a passagem brusca para o liberalismo económico depois de vinte e nove anos de política dirigista desenvolvida pelos diversos governos trabalhistas. O plano traduzia-se pela supressão do controlo das trocas, a flutuação da libra israelita e importantes altas de preços.

Estas medidas draconianas provocaram designadamente uma desvalorização da moeda que se eleva actualmente a cerca de 50 por cento. Isso deveria permitir, de acordo com o Governo de Likud, um duplo objectivo: combater a inflação e simultaneamente transformar as estruturas da economia.

Mas a verdade é que um ano após a entrada em funções de Begin e sete meses depois da entrada em vigor do «maapakh», o balanço que há a fazer é essencialmente negativo. Uma importante parte das reformas propostas é letra morta e a inflação não só não diminuiu como aumentou.

Durante o mês de Abril o aumento do índice oficial dos preços foi de 5,5 por cento e tudo indica que será de mais de 3 por cento durante o mês de Maio. As previsões mais pessimistas foram amplamente ultrapassadas. O governador do Banco de Israel, Arnon Gasny, publicou sobre este assunto, no dia 1 de Junho, um relatório tão crítico como alarmante, exigindo cortes significativos no orçamento. Mais recentemente anunciou que a taxa de inflação deve certamente exceder os 40 por cento ao longo de 1978.

O Governo não tenta sequer esconder o seu desaire. Limita-se a apresentar explicações. 12 Pagamos a factura dos trabalhistas, 11 afirma-se no seio do Likud. 12 É verdade 11 reconhece a maior parte dos economistas. Mas acrescentam que tal argumento não explica tudo. O Likud começa a compreender que as suas ambições são irrealizáveis a curto e médio prazo. Um dos poucos elementos positivos do seu balanço é um nítido acréscimo da produção. O aumento do Produto Nacional Bruto deverá atingir em 1978 o valor de 5 ou 6 por cento. Mas a verdade é que este crescimento não pode servir de consolidação. As últimas análises revelam, com efeito, que esse crescimento se baseou num factor inquietante, a saber, no crescimento do consumo que se desejava reduzir a todo o custo.

«Desnacionalizar» a indústria

Tendo sofrido a usura de vinte e nove anos de poder e sacudido por

uma série de escândalos financeiros no decurso dos últimos anos, o regime trabalhista caiu em 1977, principalmente porque aparecia, aos olhos da opinião pública, como incapaz de vencer a crise económica surgida em 1973, sob o efeito da guerra do Kipur que pôs fim ao «boom económico» e ao «milagre israelita».

Ao fazer do liberalismo o seu cavalo de batalha a coligação conservadora procurava atingir importantes objectivos. A sua ideia de fundo era a de que terminaria o intervencionismo excessivo de um Estado, dotado de um aparelho tentacular, se ia proceder à «desnacionalização» da economia.

O número dois do Likud, Ezer Weizman, que é actualmente ministro da Defesa, declarou no decurso da campanha eleitoral: **A principal causa da inflação e da alta do custo de vida é o controlo do Estado sobre a economia.** Toda a filosofia do futuro governo assentava nesta afirmação que, inspirada por um dos mestres do liberalismo, o professor americano Milton Friedman, foi expressa no plano de reformas, ou «maapakh».

A decisão mais espectacular deste plano, apresentado em 28 de Outubro passado, era a supressão do controlo dos câmbios. A circulação e o comércio de divisas tornavam-se livres, e a libra, que até então perdia cerca de 2 por cento do seu valor todos os meses, foi bruscamente desvalorizada em cerca de 30 por cento. Através da abolição do controlo dos câmbios o ministro das Finanças desejava atrair os capitais estrangeiros, permitir o regresso dos capitais israelitas colocados fora do país e fazer de Israel a **Suíça do Médio Oriente**. As principais prioridades eram as de realçar os investimentos estrangeiros em Israel, aumentar as exportações e diminuir o consumo interno. Por outro lado, o Governo reduziu as subvenções concedidas a diversos produtos, nomeadamente aos géneros alimentares. O custo de vida aumentou imediatamente em cerca de 10 por cento.

A manutenção da inflação

O ministro das Finanças, Erlich, procurava, através de uma tal política que se pretendia rigorosa, libertar Israel da sua dependência económica (da «mendicância» para usar a sua própria expressão) reduzindo a ajuda estrangeira que vem senão um dos aspectos determinantes da economia israelita. A última característica da reforma consistia no facto de o Governo não ter consultado nem o patronato nem, sobretudo, a Histadrout, — poderosa central sindical israelita (que controla cerca de 25 por cento das empresas do país, ou seja tanto como o Estado).

Sete meses passados sobre o início da aplicação do «maapakh», a inflação não diminuiu, pelo contrário. O acréscimo foi de 50 por cento em onze meses, quando em Outubro Erlich cometera a imprudência de declarar que poderia ser reduzida para 12 por cento. Em 1977 o seu valor fora de 42,5 por cento, em 1976, de 38 por cento e em 1975 de 23,5 por cento. Em 1977 o Governo podia, com toda a legitimidade, falar na **herança desastrosa** da política trabalhista.

Mas em relação a 1978 a desculpa já parece menos válida. Erlich contava lutar contra o aumento dos preços através de um estrito controlo do aumento dos salários. O orçamento para 1977-78 previa nesta matéria uma limitação a 44 por cento. Em Junho de 1978, este limite fora já largamente ultrapassado. Os aumentos salariais eram da ordem dos 60 por cento. Com efeito Erlich não conseguiu resistir, apesar das suas firmes intenções, às reivindicações sindicais, nomeadamente durante a renovação dos contratos colectivos realizada em Abril último. Se bem que esses contratos não estejam ainda negociados, a verdade é que o acordo estabelecido com a Histadrout em 20 de Abril, para evitar uma vaga de greves, é considerado como um **recuo** do Governo. Com efeito, a Histadrout conquistou uma alta de salários de 15 por cento e o congelamento do preço de numerosos artigos até Outubro próximo — o que obriga o Governo a intervir através de novas subvenções, o que é contrário aos seus princípios. Erlich foi acusado pelo seus pro-prírios colegas no seio do Governo de ter cedido perante a Histadrout.

Por outro lado, verifica-se que o número de empregos inprodutivos no sector público e nacionalizado não diminuiu, conforme era desejo do Likud. Nestas condições, as despesas do Estado não páram de crescer, e o Governo teve de prever um aumento orçamental de 22 bilhões de libras (1). Para financiar estas despesas o Governo previa que seria necessário pôr em circulação, em 1978, cerca de 6 bilhões de libras. Hoje já se fala em 20 milhões. A impressora de dinheiro continua a funcionar de mais. Rabinovitch, último ministro das Finanças trabalhista, era conhecido como o «impressor». Erlich adquiriu a mesma reputação. De resto, o ministro das Finanças é pressionado pelo patronato para recorrer de novo, seja por que meio for, ao sistema das subvenções às exportações que não esperaram tanta como seria de esperar depois da desvalorização verificada.

A 1 de Junho o governador do Banco de Israel constatou, com inquietação, no decurso de uma conferência de imprensa, que o relançamento que se verificou na produção durante os últimos meses, não se baseava num aumento das exportações, como se esperava, mas num forte aumento do consumo interno. O Produto Interno Bruto vai crescer em 1978 ao ritmo de 5 a 6 por cento, sobretudo devido a um acréscimo do consumo de 4 por cento. Para certos economistas este número explica que a opinião pública, já habituada à crise, pareça não avaliar verdadeiramente a gravidade da situação e não tire dela nenhuma conclusão política importante.

Uma parcela significativa da opinião pública, aquela que decidiu o resultado das eleições em 1977, mantém, aparentemente, a confiança — como o provam as últimas sondagens efectuadas — (2) num Governo que declarava querer sanear a economia, mas que é forçado a retomar os métodos dos seus antecessores.

É certo que a indexação sobre a alta dos preços de todos os rendimentos é sistemática e muito aperfeiçoada (salários, pensões, indemnizações, reembolsos dos empréstimos do Estado), o que

muitas vezes dissimula aos olhos dos israelitas os efeitos da inflação. Mas é de sublinhar, a este propósito, que o sistema de indexação é tão eficaz que agravou, em muito, as dívidas do Estado após as últimas altas verificadas nos preços.

O peso das despesas militares

O governador do Banco de Israel afirmou ainda ser enganadora a redução verificada, nos últimos



meses, no dítice da balança de pagamentos. As importações diminuíram. Mas dois terços dessa diminuição devem-se a uma limitação das importações de material de guerra, o que resultou de meros factores conjunturais. A parte das despesas militares deve crescer consideravelmente num futuro próximo, dado que o Governo decidiu, recentemente, reforçar claramente o potencial de defesa de Israel depois da decisão tomada pelos Estados Unidos de vender aviões de combate à Arábia Saudita e ao Egipto.

Após a divulgação do relatório do Banco de Israel a oposição trabalhista sublinhou, evidentemente, que **nada mudara**, contrariamente às promessas feitas pelo Likud aos seus eleitores. Um membro da maioria governamental, deputado do Likud, declarou em 2 de Junho, na Knesset: **O Governo prossegue a mesma política dos trabalhistas, enquanto um deputado da oposição trabalhista constatava com amargura: A nossa dependência económica é maior que nunca.**

A incapacidade para sair da crise e para mudar os mecanismos económicos, torna cada vez mais importante o recurso à ajuda externa. Os primeiros governos trabalhistas tiveram, após a independência, de fazer uma escolha dolorosa abandonando os princípios de acordo com os quais Israel deveria ser economicamente autónomo à custa de uma expansão lenta e da manutenção de um nível de vida muito baixo. Em última análise o considerável desenvolvimento económico que o país atravessou nos anos 50 baseou-se na ajuda prestada, tanto pelas comunidades judias da Diáspora, como pelo Governo americano, diversas instituições internacionais e as «reparações» da Alemanha. A entrega dessas reparações está praticamente terminada. Mas a ajuda americana aumentou no decurso dos anos 60 (donativos privados e

públicos, empréstimos e créditos em matéria de armamentos) (3).

Um excesso de oportunismo

A estas características outras se juntam. É o caso da percentagem considerável que vem sendo ocupada pelas despesas militares (quase 60 por cento do orçamento em certos anos) e a fraquíssima taxa de desemprego (o número dos que pedem emprego continua a baixar e era de onze mil oitocentos e cinquenta, em Junho de 1978, numa população de três milhões de habitantes). Mas, por razões evidentes, o Governo não pode jogar com estes factores como o podem fazer outros países. Israel não encara sequer a hipótese de reduzir actualmente, pelo menos de um modo significativo, o orçamento da defesa. E um Estado que tem por missão essencial favorecer a imigração — e neste momento limitar ainda por cima uma emigração inquietante — não pode apostar em medidas que provoquem o aumento do desemprego. É por tudo isto que a margem de manobra do Governo de Begin é tão estreita.

Na opinião de numerosos economistas o novo Governo pecou por optimismo e não mediu convenientemente as consequências da sua política. Alguns põem mesmo em causa a competência da equipa governamental e a sua capacidade em controlar a sua própria política de reformas. A desvalorização foi demasiado brutal, foi maior que o previsto, e um tal facto provocou, só por si, a inflação. O Governo não podia simultaneamente combater a inflação e promover uma mudança das estruturas instaurando subitamente um sistema liberal depois de tantos anos de dirigismo. O Estado não reduziu as suas despesas, não conseguindo, designadamente, limitar os aumentos de salários.

A atitude do Governo não pode deixar de provocar surpresa. O Likud desejava firmemente resistir à pressão sindical. A sua hostilidade em relação à Histadrout era conhecida. Mas a sua actuação caracterizou-se sobretudo pela timidez — mesmo na opinião dos seus próprios partidários. Esta constatação deu origem a uma afirmação irónica que circula em Jerusalém: os governos anteriores mostravam-se intrínsecos no primeiro ano após as eleições e depois, à medida que se aproximava a data do escrutínio seguinte, adoptavam uma posição mais aberta. Desta vez o Governo mostrou-se generoso desde o início do seu mandato. Que se pasará no decurso dos próximos anos? ●

NOTAS:

- (1) 1 libra equivale a cerca de 3 escudos.
- (2) De acordo com uma sondagem realizada pela universidade hebraica de Jerusalém, o Likud teria obtido, em finais do mês de Maio de 1978, a maioria absoluta no Knesset.
- (3) Nos últimos anos a ajuda oficial americana sofreu uma diminuição. Em 1975 os empréstimos americanos elevavam-se a 11.195 milhões de dólares e a ajuda (não reembolsável) a 642 milhões de dólares. Em 1976 os empréstimos eram de 676 milhões de dólares e a ajuda de 1.135. Em 1977 os números eram respectivamente de 405 e 976 milhões de dólares. As somas colectadas anualmente pelas organizações judias eleva-se a cerca de 500 milhões de dólares a que é necessário juntar 100 milhões de empréstimos contraídos pelo Estado de Israel na Diáspora.

A IMPRENSA CHINESA REGENERA CONFÚCIO

■ Le Monde

Um novo passo para a reabilitação de Confúcio, já iniciada em Janeiro, foi dado no dia 19, de Julho, com a publicação de um artigo em que era tomada a defesa do filósofo no domínio da educação e feito um balanço positivo do seu pensamento. Confúcio, o mais célebre filósofo chinês (551-469), foi objecto de uma campanha de críticas de rara violência em fins de 1973 e em 1974, conduzida, segundo a imprensa oficial da época, pelo próprio Mao Tsé-tung. Em Janeiro passado, o mensário **Estudos Históricos** «desculpava» o filósofo do «crime» de que fora acusado durante essa campanha. O diário pequinense **Clareza** foi mesmo mais longe.

Num longo artigo assinado por uma personalidade importante do Instituto de línguas estrangeiras de Xangai, **Clareza** refere que **Mao criticou Confúcio mas nunca o refutou totalmente** e que quem o rejeitou por completo foi o «bando dos quatro», a fim de se opor a Chu En-lai, Hua Kuo-feng e Mao Tsé-tung.

Segundo o autor do artigo, Confúcio era politicamente um conservador mas os seus métodos de ensino continham muitos factores racionais. Assim, Confúcio recusava o que se dizia, preconizava a observação concreta dos problemas, era contra as ideias preconcebidas e contra as suposições subjectivas, não se deixava levar pela primeira ideia e reconhecia publicamente a sua ignorância. Tudo isto mostra uma atitude objectiva de grande valor, e uma importante contribuição para o conhecimento.

Devemos fazer o balanço e reconhecer a parte preciosa da herança que Confúcio nos deixou (...). Somos marxistas-leninistas e não devemos trunçar a história (...). É preciso elevar o nível cultural e científico do povo chinês para construir o socialismo», conclui o jornal.

Este elogio de Confúcio surge numa China que voltou a honrar os seus intelectuais, maltratados durante a revolução cultural, e revalorizou os estudos. A campanha política em curso associa Lin Biao, já não a Confúcio mas ao «bando dos quatro».

É neste quadro da campanha contra os quatro que também se evoca em Pequim a **restauração da legalidade e da democracia**, ilustrada pelo anúncio da libertação de um jovem cantonês de 26 anos condenado em 1976 a quinze anos de prisão por se ter oposto ao «bando dos quatro».

O **Quotidiano do Povo** escreve que o jovem chinês Chuang Hsin-lin fora preso por causa de uma carta que dirigira a esse mesmo jornal. Nessa carta denunciava a mulher de Mao, Chiang Ching, e dois membros do futuro «bando dos quatro», Chang Chun-chiao e Yao Wen-yuan. Como o órgão do partido enviou a carta em questão à segurança pública de Cantão, Chuang Hsin-lin foi preso em Julho de 76 e condenado a quinze anos de prisão e a cinco de privação de direitos cívicos por **flagrante delito contra-revolucionário**. Dezoito meses depois foi posto em liberdade.

O órgão do partido, num comentário intitulado **É nessa geração que reside a esperança**, elogia o jovem chinês que agiu contra a corrente e teve a coragem, ao ser in-

terrogado, de denunciar as acções nefastas do «bando dos quatro» durante a revolução cultural.

Mesmo antes da sua publicação, o relatório da Amnistia Internacional sobre as brutalidades policiais na Irlanda do Norte — cujo conteúdo foi largamente conhecido devido a fugas de informação de que se fizeram eco diversos jornais — provoca forte agitação nos meios políticos de Londres e de Belfast. O secretário de Estado para a Irlanda do Norte, Mason, anunciou já a abertura de um inquérito privado sobre «os métodos e processos policiais». Mas a decisão parece não ter satisfeito ninguém.

Os diversos grupos de defesa dos direitos cívicos são da opinião de um inquérito privado não poderá ser «independente».

Criticam sobretudo os critérios de um tal inquérito que exclui o

tlereagh, e confrontado com provas irrefutáveis, acaba por «se ir abaixo». Mas — acrescentam essas autoridades — os que confessaram são mais tarde encorajados a queixar-se de terem sido vítimas de brutalidades. Se necessário ferem-se a si próprios para evitar represálias por parte dos seus camaradas terroristas. Contudo, os diversos grupos de católicos afirmam que a necessidade que os policiais têm de obter confissões dos suspeitos, os levam a cometer excessos que são depois encobertos pela tradicional solidariedade de corpo.

Na sua opinião um inquérito público que permitisse citar testemunhas e possibilitasse o acesso a certos documentos administrativos, designadamente aos relatórios dos médicos da polícia, permitiria uma mais rigorosa verificação das queixas das vítimas. Com efeito, a Amnistia Internacional não cita o nome dos queixosos e o Governo justifica a sua recusa de um inquérito público precisamente pela recusa dessa organização internacional em comunicar os nomes dos seus informadores.

SETENTA E OITO CASOS EXAMINADOS

Lamentavelmente as brutalidades policiais mencionadas no relatório são do tipo clássico: pancadas em todo o corpo e nomeadamente nos órgãos genitais, punhos torcidos, alguns dos detidos foram arrastados pelos cabelos ou suspensos pelas orelhas, obrigados a manter-se de pé ou agachados durante horas, atirados de cabeça contra a parede. Dos setenta e oito casos examinados pelos quatro inquiridores da Amnistia Internacional, em cooperação com as autoridades, 50 por cento assentam em relatórios elaborados por médicos independentes depois dos interrogatórios. A polícia recusa-se, no entanto, a divulgar os relatórios dos seus médicos, alegando que se trata de questões que estão sob a alçada da justiça. Mas os investigadores da Amnistia Internacional contestam as justificações apresentadas pelas autoridades segundo as quais os prisioneiros que confessaram se teriam ferido a si próprios.

Este assunto provocou a solidariedade dos órgãos de informação. O independente Broadcasting Authority, organismo administrativo superior da rede de televisão comercial, impôs o adiamento da difusão de um programa da sociedade de televisão Thames, sobre as brutalidades policiais no Ulster, afirmando que seria necessário esperar a publicação oficial e completa do relatório da Amnistia Internacional. Os produtores do programa responderam que o essencial já tinha sido revelado pelas «fugas de informação», acusaram o Governo de fazer pressão sobre a IRA e decidiram propor a emissão ao seu principal concorrente, a BBC, que o transmitiu integralmente. Ao comentar favoravelmente a reacção dos órgãos de informação, o «Sunday Times» escrevia em editorial: «A IBA é uma enorme ameaça à liberdade de informação no nosso país». O jornal sublinha o facto de uma reportagem sobre a Irlanda exigir discernimento e sensibilidade.

Mas, diz em conclusão, «essa é uma das responsabilidades dos jornalistas e um dos riscos da imprensa livre».



決擁護党中央
即中央黨內外

exame dos casos individuais sob a alegação de que as vítimas de violência podem apresentar queixa junto das autoridades judiciais. Por seu lado a polícia e particularmente a Royal Ulster Constabulary, lamentam que o projectado inquérito apareça como uma condenação da sua acção que afirmam ter dado resultados positivos.

Apesar da promessa feita por Mason de que serão tornados públicos os resultados do inquérito privado, a verdade é que tal iniciativa dificilmente poderá eliminar as dúvidas existentes sobre os métodos empregados pela polícia. Depois de ter sido suprimido o internamento sem julgamento, a luta antiterrorista na Irlanda do Norte assenta nas confissões dos suspeitos. Setenta e nove por cento das condenações baseiam-se em confissões completas ou parciais recolhidas pela polícia no decurso de interrogatórios.

As autoridades policiais afirmam que um suspeito isolado por um período de três dias a uma semana num centro de «interrogatórios», nomeadamente na prisão de Cas-



Um anacronismo: um velho samurai maneja uma objectiva ultramoderna, renunciando ao uso do sabre. Trata-se do actor que está a rodar no Japão mais um filme de aventuras «made in Japan» e que no intervalo do trabalho se dedicou por tirar uma fotografia. (Foto Keystone).

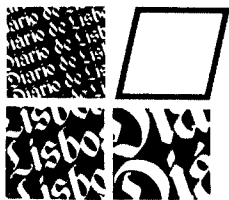


Os cidadãos britânicos não ganharam para o susto quando souberam que um elefante indiano, de tonelada e meia de peso, e de sua graça Hazel se evadira do parque de Windsor e andava a monte. Quem mais se terá assustado terá sido a rainha Isabel herself pois o animal andava tranquilamente passeando pela propriedade real. Mas a polícia e os guardas do parque conseguiram, finalmente, capturar o monstro, com uma droga que o pôs a dormir. Na foto Feriaque: Hazel finalmente tranquilo.



Um pouco mais de sorte e estes dois homens teriam direito a um lugar na História. Estamos a falar dos «balonistas» ingleses Don Cameron e Chris Davey, que, a bordo do balão Zanussi, estiveram quase, quase a realizar uma proeza inédita: a travessia do Atlântico em balão. Erros seus, má fortuna, ventos contrários impediram-nos de atingir o objectivo. E caíram muito perto da meta, na costa de Brest. (Foto Keystone).

EXCLUSIVO



Até ao ano de 1975 parecia que a idade de ouro da arqueologia no Médio Oriente havia chegado ao fim. De facto, entre 1821 e 1928 sucederam-se as fabulosas descobertas arqueológicas de Champollion (que desvendou o mistério da pedra da Roseta), de Howard Carter (que descobriu e abriu o túmulo de Tut) de Botta, Layard e Woolley (que puseram a descoberto as magníficas ruínas de Sumer, Acad, Ninive, Nimrud, Ur e Babilónia) e de Rawlinson, Grotesfend e Smith (que decifram os antigos alfabetos cuneiformes).

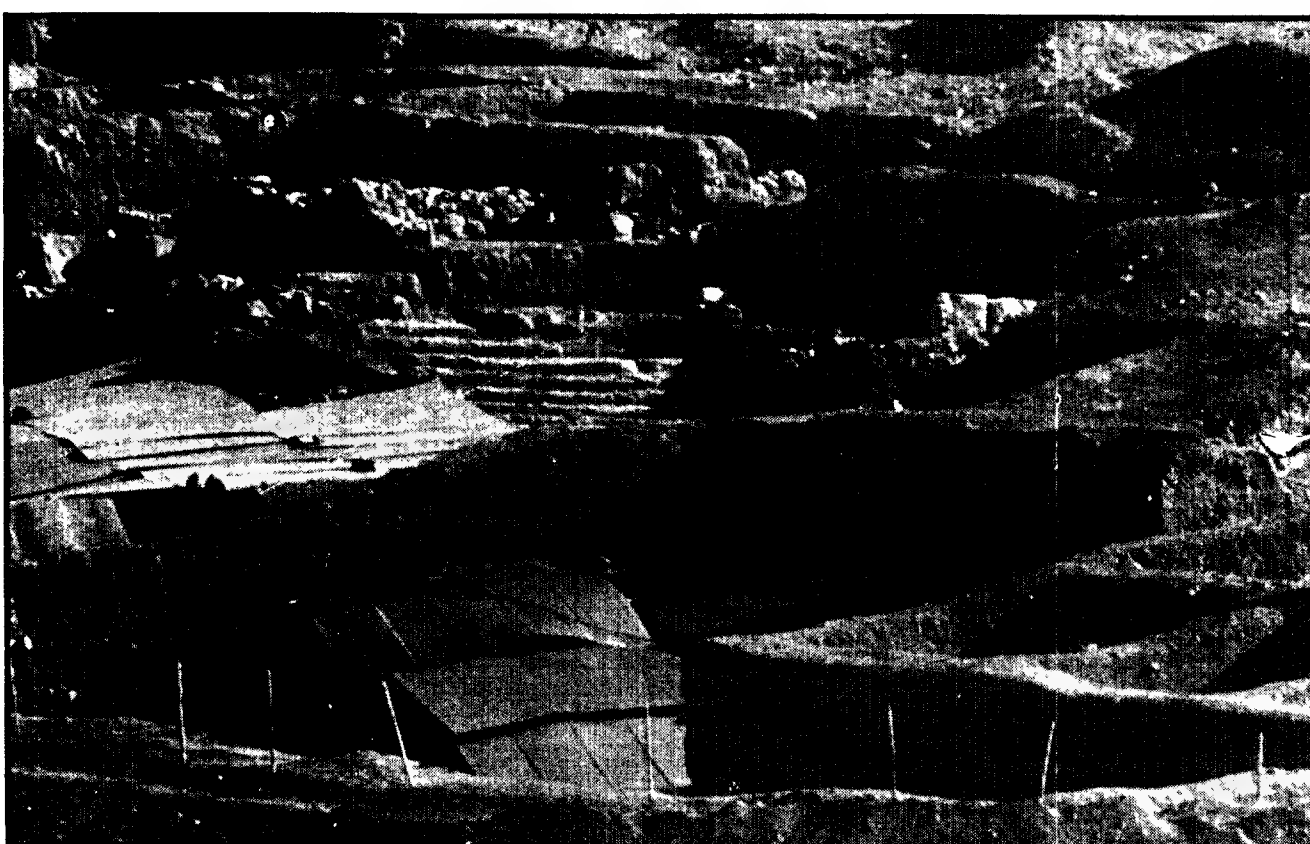
Outros arqueólogos continuaram, naturalmente, a proceder a buscas por todos os recantos históricos do Médio Oriente. E assim Kathleen Kenyon descobriu coisas importantes em Jericó e Jerusalém, enquanto Geoffrey Billy, com as suas escavações no Bahrein, estabeleceu uma ligação entre o golfo Pérsico e o Eufrates. Por sua vez, o dr. Abdullah Masry descobriu provas da ligação entre a cultura mesopotâmica de Ubaid e as da actual província oriental da Arábia Saudita. Nenhuma dessas descobertas pode, porém, comparar-se àquela que uma equipa de arqueólogos italianos fez em 1975 e que pôs a nu a civilização de Ebla, designação que significa «a cidade das pedras brancas».

Esta descoberta exigiu 12 anos de trabalho de pesquisa em Tell Mardikh, local arqueológico a cerca de 60 quilómetros da cidade síria de Aleppo. Durante os primeiros cinco anos do seu trabalho (1963-68) os arqueólogos não encontraram quaisquer indicações sobre a identidade do local. Sabia-se apenas que Tell Mardikh fora em tempos um extenso centro urbano. E sabia-se também que a sua história remontava a tempos muito antigos, pois haviam lá sido descobertas cerâmicas de há quatro mil anos. Até que em 1968 Giovanni Pettinato e Paolo Matthiae encontraram uma estátua votiva de basalto com uma inscrição de 26 linhas em acádio. O professor Pettinato defendeu que Tell Mardikh era o mesmo que Ebla, baseando-se no facto de esse nome (registo em placas acádias e assírias) ser referido duas vezes na inscrição. Como tantas outras grandes teorias arqueológicas, tratava-se duma afirmação extremamente ousada. Mas em 1975 esta hipótese viria a ser confirmada, quando a equipa italiana anunciou a descoberta de mais de 15 mil placas de argila (hoje esse número já se eleva a 16 500) no Palácio Real de Ebla.

Da leitura dessas placas os arqueólogos concluíram que Ebla foi um florescente reinado no terceiro milénio AC e que

constituía uma potência rival dos poderosos Estados mesopotâmicos. Ebla parece ter tido também relações comerciais com civilizações da Anatólia, Palestina e Irão Ocidental. Julga-se também que terá conquistado a poderosa cidade-Estado mesopotâmica de Mari. Facto ainda mais surpreendente: as placas estão escritas numa língua ligada ao hebraico e ao fenício, língua essa muito mais antiga que qualquer das línguas semíticas até então conhecidas (os textos datam de 2400 AC).

Serão precisos ainda muitos anos para traduzir, transcrever e publicar esses textos. Mas é desde já evidente que toda a história dos povos de língua



Aspecto da principal área de escavação. As tendas são os «escritórios» da equipa arqueológica, onde

UMA DAS MAIORES DESCOBERTAS ARQUEOLÓGICAS EBLA A CIDADE DAS PEDRAS



— Pormenor dum friso. Os arqueólogos pensam que estas figuras representam dignitários, que selam um pacto.

semítica do Médio Oriente terá de ser cuidadosamente revista. A descoberta de Ebla veio revelar a existência dum antiquíssimo centro cultural, dum império que, durante séculos, ficou enterrado nas areias com toda a documentação da sua história.

A entrevista que a seguir publicamos, da autoria do jornalista Tor Eigeland (que também é autor das fotos) conta-nos, pela boca dum dos arqueólogos italianos, professor Paolo Matthiae, da Universidade de Roma, como se processou esta importante descoberta e qual o

seu valor histórico. Texto e fotos foram publicados na revista «Aramco World Magazine».

O mundo exterior chegou finalmente a Tell Mardikh, coisa que não acontecia há uns 3000 anos. A primeira «invasão» verificou-se em 1963 quando uma equipa de arqueólogos italianos foi escavar o local, procurando descobrir algo de novo sobre a história do Norte da Síria em tempos antigos. A segunda «invasão» foi desencadeada pela descoberta de 15 000 placas cuneiformes escritas numa língua até então desconhecida e que vieram confirmar a existência de um Estado chamado Ebla. Arqueólogos e jornalistas cónscios da importância da descoberta, começaram a demandar a Síria, para se inteirarem dos factos.

Eu fui um desses jornalistas. E consegui entrevistar o professor Paolo Matthiae, que começou por me dizer: «O aspecto sensacional desta descoberta não nos pode fazer esquecer que ela não aconteceu por acaso, mas sim ao fim de 14 anos de intenso trabalho científico».

O trabalho da equipa do professor Matthiae baseou-se desde o princípio na convicção de que algo de importante se escondia em Tell Mardikh. A equipa trabalhou durante nove anos (de 64 a 73) na pesquisa da última fase de florescimento da cidade de Ebla (entre 2000 e 1600 AC), época contemporânea de Hamurabi da Babilónia. De 1973 até agora e ainda durante alguns anos mais pesquisam a primeira fase de grandeza daquela civilização, que cronologicamente se situa entre 2400 e 2250 AC.

Diz o professor Matthiae: «A topografia da cidade é muito clara. Grandes fortificações na linha ex-

terna, uma cidade de grande extensão em baixo e ao centro uma pequena cidadela. Este era o local dos edifícios públicos (palácio real e edifícios administrativos). A entrada da cidade em baixo faz-se por quatro portões a cada um dos cantos do perímetro.»

O professor conta depois que durante anos a sua equipa esteve a trabalhar sem conseguir uma sólida evidência de que Tell Mardikh fosse a cidade de Ebla. A princípio supunha-se que Ebla se situava na Turquia do Sul ou no Norte da Síria. Mas em 1968 descobriram uma estátua com uma inscrição-dedicatória, escrita em acádio por Ibbit-Lim, filho do rei de Ebla.

Os conhecimentos que havia sobre Ebla eram muito vagos e baseados apenas em inscrições mesopotâmicas do terceiro milénio AC. Dois reis da Mesopotâmia diziam que tinham conquistado Ebla

numa data que podemos situar entre 2300 e 2250 AC».

Mas só em 1974 é que a equipa de arqueólogos teve a confirmação de que fizera uma importantíssima descoberta.

Diz Matthiae: «Antes das nossas escavações era impossível ter arquivos do terceiro milénio AC na Síria. Nessa altura só a Mesopotâmia era um grande centro de civilização, e todos os estudiosos entendiam que a escrita na Síria só foi conhecida a partir do segundo milénio. Ninguém pensava que tivesse existido aqui uma importante cidade de grande vida urbana. Mas em 1974 tornou-se-nos evidente que tínhamos descoberto não só arquivos, mas também um grande palácio, e não só documentos escritos mas também toda uma grande civilização nesse palácio. Já tínhamos encontrado algumas inscrições cuneiformes antes dessa data, mas em 1975 encontramos uma sala — a sala dos arquivos — cheia de placas.»

Essa sala continha os arquivos do Estado de Ebla. «Todas as placas estavam guardadas em estantes de madeira muito semelhantes às actuais. Ebla foi destruída por um grande incêndio, provavelmente posto por Naram Sin da Acádia e durante o fogo as prateleiras caíram, mas a argila não ficou, evidentemente, consumida pelo fogo.»

As próprias placas continham surpresas, a mais importante das quais foi a descoberta duma língua até então desconhecida. «A escrita era a clássica cuneiforme da Mesopotâmia, da qual foi evidentemente copiada, talvez desde o princípio do terceiro milénio. Mas a língua era diferente. Segundo o professor Pettinato, trata-se de um dialecto semítico definido como paleo-cananita, para indicar que é



— Nazem Jabri, do Museu Arqueológico de Aleppo, mostra uma bacia de água descoberta nas ruínas dum templo e que provavelmente serviria para ritos religiosos.



Os materiais descobertos são limpos e catalogados.

LÓGICAS DO SÉCULO

Texto e fotos de Tor Eigeland

in "Aramco World Magazine"

S BRANCAS



5 - Frances Pinnock ocupada no complexo trabalho de reconstituir fragmentos de cerâmica. Um «puzzle» a que todos os arqueólogos se entregam com verdadeiro prazer.

completamente diferente do amorita, língua que até hoje se considerava a língua semítica ocidental mais antiga. Esta língua tem semelhanças com o fenício e o hebraico; além das naturais similitudes com o acádio, a grande língua semítica da Mesopotâmia. Pelos cálculos dos cientistas, a língua agora descoberta - ebláita - é 1000 anos mais velha que qualquer outra até agora conhecida, sendo contemporânea do velho acádio do tempo de Sargão.»

A tradução que já se fez dos materiais descobertos revelou que os textos e a sua importante indústria de exportação controlada pelo Estado. Em muitos documentos estão registadas as taxas e os tributos pagos à cidade. Outros (mas em muito menor número) referem-se a assuntos políticos, como tratados internacionais, o mais importante dos quais foi o que se estabeleceu entre Ebla e a Assíria.

mas várias centenas de anos mais tarde, mais ou menos na época de Hamurabi da Babilónia (perto do ano 1800 AC), quando a língua suméria já não era falada e se utilizava apenas em ritos do templo (como agora o latim).»

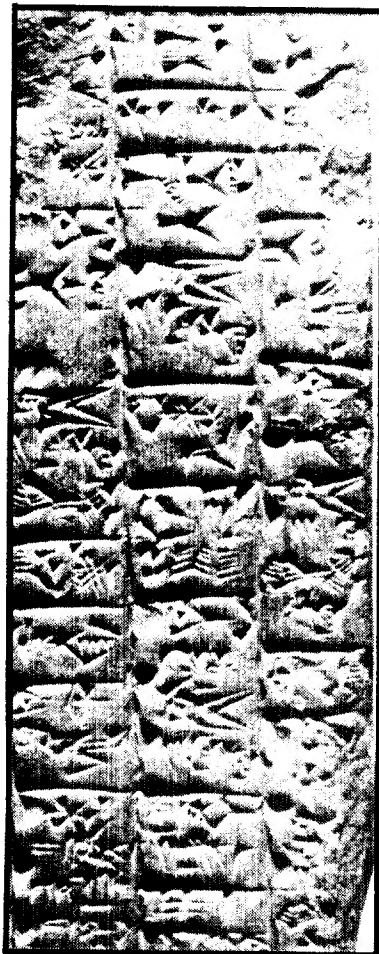
Em face das vitórias mencionadas no texto, é evidente que Ebla foi uma importante potência durante esses séculos. Diz o nosso entrevistado: «Ebla foi o centro dum grande poder político e de certo dominou directamente o norte da Síria, parte da Mesopotâmia e parte da Anatólia. Sabemos também que a sua rede comercial era muito vasta, indo da Mesopotâmia Oriental até à costa do Mediterrâneo e da Anatólia até à Palestina».

Outras descobertas de índole artística referem-se aos frisos de figuras míticas e lendárias. Exemplos: grupos de leões em posição erecta, dilacerando carneiros, restos de heróis nus ferindo leões com espadas e homens-touros lutando com leões e touros. Num segundo grupo, soldados vestidos com saíotes curtos e ostentando pesados capacetes, todos eles massacrando-se uns aos outros com espadas curtas. Havia ainda outras figuras de maravilhosa delicadeza e sóbria plasticidade - nomeadamente o busto de uma rapariga, de inspiração tipicamente síria.

Também foi possível concluir que a mulher ocupava uma posição social muito superior da mesopotâmia. Aliás toda a sociedade de Ebla era mais aberta que a da Mesopotâmia. O palácio, por exemplo, é um edifício completamente aberto e não como a fortaleza fechada da Mesopotâmia. E, diferentemente do que acontecia na Mesopotâmia, os nomes das mulheres da casa real são mencionados.

Por outro lado, havia provavelmente muitas outras diferenças entre as várias civilizações da Mesopotâmia.

«Hoje - diz o professor - estamos acostumados a considerar o antigo Próximo Oriente como um mundo unitário, desde o princípio até ao tempo dos reis persas. Isto é um erro, porque, como é evidente, em 3000 anos muita coisa se terá modificado. Além disso, os sumérios do terceiro milénio eram seguramente muito diferentes dos assírios do mesmo milénio, como os italianos de hoje, por exemplo, são diferentes dos alemães. Havia muitas outras diferenças importantes,



- Pormenor duma placa cuneiforme descoberta em Ebla e que ainda não foi decifrada.

mas na nossa perspectiva tão distanciada no tempo tendemos a considerar todos estes mundos de forma unitária.

«Outra coisa - afirma o professor Matthiae - é o facto de a imprensa internacional se guiar pela inexistência de relações entre Ebla e a Bíblia, esquecendo assim a verdadeira importância da descoberta. Mas a verdade é que esta descoberta é realmente importante do ponto de vista histórico».

O professor Matthiae salienta que a tendência de muitos ocidentais para verem os tempos antigos do Médio Oriente como «tempos bíblicos» pode distorcer a sua importância histórica. «Se considerarmos a história do antigo Próximo Oriente numa perspectiva não-religiosa - diz o professor - vemos que esta região foi sede de muitos desenvolvimentos realmente revolucionários da História da Humanidade, como, por exemplo, a revolução neolítica. Foi este o começo da organização social e económica de épocas mais avançadas. Esta vida urbana oriental foi a origem da nossa civilização urbana ocidental. A Bíblia dá-nos, evidentemente, um relato importante dos acontecimentos nessas terras, mas esse é apenas um aspecto parcial da

história muito mais vasta do antigo Próximo Oriente.»

A importância histórica de Ebla é imensa. Pela primeira vez há a certeza de que existiu no terceiro milénio uma cultura propriamente síria. E que se tratou de uma grande civilização urbana, altamente sofisticada. Além disso, temos outra importante fonte de documentos escritos sobre a Síria, não apenas sobre o norte da Síria, mas sobre todo o Próximo Oriente, no que toca ao terceiro milénio. Esta época é importante para todo o Mundo, pois assinala o começo da civilização urbana.

E o professor Matthiae prossegue: «Numa perspectiva mais pormenorizada temos também de modificar o nosso ponto de vista sobre este período. Cerca do ano de 2300 AC Acad era uma potência mundial, a única potência mundial conhecida no Próximo Oriente. Agora sabemos que havia então duas potências mundiais: Ebla no Norte da Síria, e Acad no Sul da Mesopotâmia. Sabemos também que este período foi de luta e tensão entre essas duas potências, por volta do ano 2250 AC. Ebla foi destruída por um grande rei de Acad - Naram Sin. Este grande rei diz uma inscrição que destruiu Ebla e outra cidade vizinha, Arman, que talvez fosse o nome antigo da actual cidade de Alepo. Talvez seja significativo o facto de Naram Sin dizer que antes dele ninguém tinha conseguido destruir Ebla e Arman, cidades nunca antes conquistadas desde a criação do Homem. Trata-se evidentemente duma afirmação retórica, mas indica com segurança que Ebla tinha um grande poder político.»

Segundo o professor Matthiae, a descoberta de Ebla marca o início de uma inovação geral para os estudos sobre o Próximo Oriente. Uma coisa é desde já certa: a descoberta de Ebla está apenas no seu início. As escavações no interior do palácio só agora começaram e só uma pequena fracção das placas escritas foi estudada. A tradução é uma tarefa tão vasta que já foi nomeada uma comissão internacional de dez cientistas de diferentes países para se encarregarem do trabalho. E as expectativas são tão grandes que o prof. Atif Bahnassi, director-geral das Antiguidades da Síria, planeia publicar os resultados das investigações num jornal que se chamará Eblaica. Ao que parece, estamos no limiar de nova idade do ouro para a arqueologia. ●



- A arqueóloga Gabriella Matthiae limpando com as maiores precauções fragmentos de inscrições cuneiformes.



- As impressões de selos cilíndricos, como o desta foto, são normalmente muito úteis para datar descobertas e estabelecer ligações culturais entre antigas civilizações.

ENTREVISTA COM LOPO DO NASCIMENTO

agressivo para que as forças progressistas sejam obrigadas a efectuar um de natureza defensiva, o que teria como consequência a divisão, e possivelmente a destruição, da Organização de Unidade Africana (OUA).

Deixaria de ter qualquer sentido a existência de uma organização unitária no plano político a par de uma divisão no campo militar. São estes os perigos que vemos na criação dessa força. É necessário dizer que prevaleceu o bom senso entre os países de África que recusaram a formação desse bloco militar.

A promoção dessa força militar em África tem como um dos seus principais objectivos a destruição da revolução angolana. Durante a minha estadia em Nova Iorque discutimos com os britânicos e norte-americanos e exprimimos o nosso ponto de vista sobre tal situação.

PL: Quais são os objectivos prosseguidos pelas potências ocidentais com o reforço do dispositivo militar e nuclear da África do Sul?

LN: África do Sul desempenha um importante papel na estratégia global do imperialismo e em particular na agressão contra Angola.

Sabemos que o objectivo da reacção a respeito do nosso país é o seu isolamento através da criação de um cordão de regimes neocoloniais nas suas fronteiras.

É nesse sentido que se inserem algumas agressões económicas levadas a cabo contra a Zâmbia, com o objectivo de provocar o seu enfraquecimento e forçá-la a modificar a sua posição progressista e avançada em África.

Os imperialistas reforçam constantemente a África do Sul tanto do ponto de vista económico como militar. Uma tal atitude é parte integrante dos esforços desenvolvidos para a criação de uma organização belicista no Atlântico Sul que desempenha um papel fundamental e estratégico no contexto global do imperialismo no Sul da África.

PL: Que implicações tem para a paz mundial e particularmente para a África a implantação de uma base de mísseis no Zaire?

LN: Já dissemos várias vezes que a OUA não pode deixar de analisar aquilo que constitui um perigo real para África. O objectivo imediato da instalação desta base de mísseis no Zaire é a destruição da República Popular de Angola. Mas no contexto global da estratégia do imperialismo constitui não só um perigo para o meu país como para as restantes nações africanas. Por outro lado possibilita o aumento da capacidade militar da República Federal da Alemanha, o que é contrário a todos os acordos estabelecidos. Penso que a OUA deveria dar a maior atenção a este perigo até na medida em que alguns chefes de Estado africanos se pronunciaram pela necessidade de fazer de África uma zona des-nuclearizada.

PL: Quais são as suas impressões sobre a Assembleia Geral da ONU que tratou do problema do

desarmamento?

LN: Essa Assembleia Geral serviu, fundamentalmente, para que os diversos Governos exprimissem o seu ponto de vista sobre o desarmamento e para que fosse elaborada uma declaração de princípios em relação aos passos a dar nesse sentido. Quase todas as delegações participantes se pronunciaram favoravelmente ao desarmamento, mas verificamos que a maioria dos países imperialistas mantinham na realidade uma posição contrária. Pelo ambiente que podemos observar na própria imprensa dos Estados Unidos e por algumas discussões que vivemos verificámos que não são favoráveis ao desarmamento.

Constatamos que a administração do presidente norte-americano James Carter, está a levar a cabo uma política diferente da que desenvolvia há algum tempo atrás. Trata-se agora de uma política militarista, mais perigosa, mais próxima da existente nos tempos da "guerra fria". Se é talvez possível

tomar algumas decisões nessa assembleia sobre a questão do desarmamento, temos muitas dúvidas que possam ser concretizadas. Não é uma posição pessimista... é o que observamos.

PL: Pode dizer-nos algumas coisas sobre os acontecimentos de Kassinga?

LN: Esse acto condenável teve igualmente o objectivo de atentar contra as forças angolanas que apoiam a Organização Popular da África do Sudoeste (SWAPO). Desde o princípio que a decisão do nosso povo consistiu em apoiar este movimento de libertação nacional da Namíbia, fossem quais fossem as consequências que daí adviessem. As manifestações de repúdio do nosso povo mostram que não é só o partido mas toda a Angola que está disposta a continuar a prestar ajuda material, técnica e militar à SWAPO, para que a Namíbia possa libertar-se. E a verdade é que nem este nem qualquer outro ataque poderão modificar esta decisão. ●

O XI FESTIVAL MUNDIAL DA JUVENTUDE "UM LIVRO DE MIL PAGINAS"

de Luis Humberto

enviado especial do «DL»

O XI Festival da Juventude e dos Estudantes, decorrido em Cuba, pode ser designado como «um livro de mil páginas». O enviado especial do «DL», Luis Humberto, para além das reportagens já por nós publicadas, ofereceu-nos ainda uma série de apontamentos que, em certa medida, a matéria é tão vasta, ajudam a compreender o que, na verdade, foi esse encontro internacionalista no único país socialista da América Latina.

A dramática situação que enfrentam os jovens trabalhadores dos países capitalistas foi ponderada durante uma discussão subordinada ao tema «Papel dos sindicatos e dos jovens sindicalistas».

Entre os representantes dos vários países a essa discussão, contava-se o da República Popular de Angola, que sublinhou o facto de a UNTA agrupar no seu seio todos os operários, camponeses, empregados intelectuais, sem distinção de origem, sexo, nacionalidade, opção política ou crença religiosa.

Impressionantes as intervenções das delegações da Nicarágua, Porto Rico, Argentina, Uruguai e Salvador: foram relatados casos de tortura e repressão dos dirigentes sindicais — e defendida a necessidade de união de todas as organizações sindicais da América Latina.

No âmbito da discussão sobre a luta dos estudantes e da juventude por uma nova ordem económica internacional, foi declarada, pelos representantes de muitos países, a necessidade das jovens gerações apoiarem, resolutamente, a luta dos povos que enfrentam a dominação capitalista que lhes barra o caminho para um desenvolvimento nacional e soberano.

No sector dos problemas de educação, foram denunciados casos de genocídio cultural onde o

colonialismo ou o neocolonialismo ainda vigoram.

Que nem sequer têm direito a estudar nas suas próprias línguas — denunciaram os representantes da África do Sul, da Namíbia, da Índia e de Porto Rico.

A denúncia das actividades desencadeadas contra os povos por organizações económicas, políticas e militares do imperialismo, actividades essas na sua maior parte apoiadas pela CIA, suscitou a maior atenção. Particularmente (leia-se bem) da imprensa americana.

No Tribunal Internacional «A Juventude Acusa o Imperialismo», aberto durante vários dias, depuseram, entre outros, cidadãos do Uruguai, Paraguai, Porto Rico e Chile.

Todos afirmaram, com provas dadas, que a repressão e o fascismo dominam os povos em que nasceram.

Foi apresentado ao tribunal um documento em que são relatados vários casos, assinados por 51 cidadãos de 20 países, na sua maio-

ria vítimas directas dos crimes que testemunham. Encabeça a lista o nome de Hortensia Bussi, viúva de Salvador Allende. Quem pode duvidar da verdade do documento...?

CÓDIGO DA INFÂNCIA E DA JUVENTUDE

Como símbolo das conquistas do povo cubano na sua luta por uma sociedade melhor, foi aprovado, durante uma cerimónia levada a efeito na Cidade dos Pioneiros José Martí, presidida por Fidel Castro, o Código da Infância e da Juventude, saído da Assembleia Nacional do Poder Popular de Cuba.

Mais de cinco milhões de cubanos discutiram esta norma jurídica que institucionaliza os direitos e deveres dos jovens da única pátria socialista da América Latina.

Não só os direitos e deveres: também as responsabilidades que competem aos organismos de Estado e às organizações de massas e juvenis na sua educação.



O Movimento da «Nueva Trova» é uma das manifestações artísticas mais importantes da juventude cubana.



ÁFRICA EM LUTA

«A luta armada na África do Sul é a estratégia principal contra o regime racista sul-africano» — declarou à imprensa, no decorrer do XI Festival Mundial da Juventude e dos Estudantes, efectuado em Cuba, Oliver Tambo, presidente do Congresso Nacional Africano (CNA).

Ao longo da sua intervenção, Oliver Tambo fez alusão à longa luta travada pelo povo africano contra as práticas fascistas, tendo mencionado o caso do dirigente Nelson Mandela que acaba de celebrar o seu 60.º aniversário numa prisão do regime racista, e que, certamente, continuará encarcerado até ao fim dos seus dias.

Por seu turno, Sam Nujoma, presidente da SWAPO (Namíbia), afirmou, noutra conferência de imprensa, que «apesar de todos os intentos do sistema imperialista, o povo da Namíbia está decidido a intensificar a luta armada». Durante o encontro com os jornalistas, Nujoma lembrou vários massacres praticados pelo regime racista de Pretória, denunciando o apoio da «civilização cristã ocidental» ao regime de Vorster.

CARNAVAL - TRADIÇÃO CUBANA

O Carnaval é festa com grandes tradições em Cuba. Assim, neste festival, que já terminou mas que ficou na memória de todos quantos

a ele compareceram, os organizadores conceberam um Carnaval fora do calendário, a fim de que todos manifestassem a sua alegria.

«Carnaval Internacional» foi a designação dada à manifestação.

Verdadeiro vulcão de alegria internacionalista, o Carnaval, já no final do encerramento, prolongou-se pela madrugada dentro, não só no recinto do festival, mas sim por toda a pátria cubana.

Dezenas de países deram a conhecer as suas danças tradicionais. Foi, tal como a cerimónia de inauguração do Festival, um espectáculo memorável (aqui o adjectivo não é um lugar comum, um chavão), espectáculo de que saltaram (é o termo) a solidariedade anti-imperialista, a amizade e a paz, o convívio fraterno e a essência política mais pura.

CARLOS DO CARMO: «É PRECISO ESTAR PRESENTE»

A delegação portuguesa, constituída por 150 jovens, participou em diversas actividades, apoiando a luta da juventude mundial pela construção de um mundo novo assente na amizade e na paz.

Essa participação verificou-se ao nível de intervenção política e cultural, sendo de realçar que a presidência da «Tribuna Livre» foi entregue precisamente à delegação portuguesa.

No âmbito da discussão política, os delegados portugueses participaram em «meetings», nomeadamente nos que se realizaram em apoio aos jovens países africanos de expressão portuguesa.

No campo cultural, o conjunto «Trovante», Ary dos Santos, Carlos Paulo e Luísa Basto participaram em vários espectáculos de música e poesia, tendo sido entusiasticamente acolhidos por milhares de jovens dos mais diversos países.

Carlos do Carmo foi o convidado de honra do Festival. Quando embarcava para Portugal, disse aos jornalistas as seguintes palavras:

«Gostaria que as pessoas em Portugal, com tantas dúvidas sobre o futuro do mundo, pudessem estar aqui em Cuba a fim de apreenderem, em carne e osso, toda esta grandiosa realidade... Tudo isto é bonito de mais para se dizer ou escrever: tem de ser visto.» ●

UM ESCÂNDALO SEM PRECEDENTES NA HISTÓRIA BRITÂNICA

■ Le Monde

O antigo chefe do Partido Liberal britânico, Jeremy Thorpe, foi formalmente inculcado no princípio deste mês, com três outros homens, por cumplicidade na tentativa de assassinio de um manequim profissional, Norman Scott, com quem teria tido relações homossexuais nos Anos 60.

Desenlace de um caso sombrio de costumes, esta inculpação desvenda um escândalo político, que pesa gravemente sobre o futuro do terceiro partido britânico e ameaça influenciar uma campanha eleitoral prevista para o Outono.

O caso Norman Scott, como lhe chama a Imprensa britânica, remonta aos inícios de 1967. Scott, antigo manequim de 38 anos, escritor sem recursos, afirmava perante um tribunal que tivera relações homossexuais com Jeremy Thorpe.

Pouco tempo depois, sabia-se que antes das eleições gerais de



Norman Scott, o manequim-chave de todo o escândalo, passeia tranquilamente a cavalo, depois de ter lançado o pânico no «jet set» londrino.

1974, Scott recebera uma soma de 2 500 libras esterlinas. O dinheiro fora-lhe entregue por um ban-

queiro de Manchester, David Holmes, antigo tesoureiro adjunto do Partido Liberal e companheiro de estudos de Thorpe, e um antigo deputado liberal estabelecido nos EUA, Peter Bessel. Objectivo das «luvas»: resgatar sem Thorpe saber, cartas comprometedoras.

O dirigente liberal apressou-se a desmentir estas alegações sobre a sua vida privada, mas o escândalo aumentava cada dia mais. O então primeiro-ministro trabalhista, Harold Wilson, acusou os meios de negócios sul-africanos de terem lançado esta campanha de difamação contra Thorpe. Na verdade, este denunciava muito frequentemente nos Comuns o regime de «apartheid» e a importância dos interesses britânicos na África do Sul.

A intervenção do chefe do governo não fez abafar o escândalo, que voltou à tona de água em Maio de 1976 com a publicação pelo Sunday Times de duas cartas muito efectuosas dirigidas por Thorpe a Scott. O dirigente liberal tomou então a decisão de se demitir do cargo que ocupava desde 1967.



Jeremy Thorpe, acompanhado da mulher, Marion, e do filho, Rupert, suportou estoicamente os aplausos da multidão quando se deslocou a North Devon para fazer a sua campanha eleitoral, contra a vontade da direcção do seu próprio partido. (Foto Ferlaque).

Um escândalo político desta amplitude é raro na história britânica. Tratando-se de Jeremy Thorpe, um brilhante político, membro do Conselho Privado da Rainha, que se pode gabar de ter entrado franca no Palácio de Buckingham (como a tinha em Downing Street, no tempo de Harold Wilson) é quase impensável. Era impossível descobrir o que fosse no rosto impassível desse homem de 49 anos, no momento em que escoltado por dois polícias, entrava no comissariado de Minehead.

A inculpação do deputado liberal é um golpe muito duro para o seu partido. Aquele que restituira o prestígio perdido aos liberais ameaça agora arrastar consigo a queda da formação dirigida por David Steel, desgastada já pela aliança com os trabalhistas (o chamado «pacto lib-lab»).

A nova audiência de Jeremy Thorpe efectuar-se-á no dia 12 de Setembro, segundo dia do congresso anual do partido em Southport. Os liberais esperam, segundo parece, que o inculcado se despoje, mais de inculpação, de abandonar o mandato parlamentar. De mau augúrio para os liberais, este caso é o também para os trabalhistas. O primeiro-ministro, James Callaghan, projectava organizar eleições gerais para o Outono mas a perspectiva de um declínio dos liberais que tradicionalmente se faz em benefício dos conservadores, altera todos os dados da questão.

A coincidência da inculpação do dirigente liberal com o primeiro dia das férias parlamentares, a revelação das tentativas passadas de Harold Wilson (quando primeiro-ministro) para abafar o escândalo e as dúvidas sobre a continuação do pacto «lib-lab» (acordo que tem garantido até agora a sobrevivência do governo trabalhista) ameaçam alterar radicalmente a paisagem política, quando o Parlamento reabrir. ●

JEREMY THORPE

UM BUSTER KEATON DA POLÍTICA

■ Nicole Bernheim

□ Le Monde



Dois anos mais tarde, o seu destino político parece chegado ao fim: em Janeiro de 1976 um relatório do Departamento do Comércio revela as graves negligências que levaram um banco de Londres o London and County Bank — à beira da falência. Thorpe é um dos directores do estabelecimento. Admite que não geriu com a devida atenção os negócios do banco. Daí a dias, rebenta o «caso Scott». O dirigente liberal nega tudo em bloco, mas, perante a inquietação do seu partido e a agitação que o caso suscita na opinião pública demite-se. É substituído por outro jovem e brilhante parlamentar liberal, David Steele. Toda a gente sabia há já dois anos que as grandes esperanças de Thorpe se tinham desvanecido.

As novas revelações sobre o «caso Scott» marcarão, quase de certeza, o fim da sua carreira.

Os amigos de Thorpe — muito numerosos ainda — estão atarrados: todo esse lamaçal atirado para cima dum destino tão promissor e através de personagens mais que duvidosas... Mas apesar da liberalização dos costumes e da nova lei que deixou de considerar criminoso a homossexualidade entre adultos — o escândalo continua a ser mortal. Pelo menos na política. ●

O futuro do pacto «lib-lab»

Longe de estar enterrado, o escândalo ressurgiu no Outono passado, quando um piloto de carreira, Andrew Newton, asseverou ter recebido 5000 libras esterlinas de Peter Bessel para matar Scott. A polícia lembrou-se então de quem Outubro de 1975 Newton tinha abatido o cão do manequim e tinha ameaçado matar Scott, se este não acabasse com a sua chantagem. Foi aberto um novo inquérito, que viria a conduzir à prisão de Jeremy Thorpe e dos seus três presumíveis cúmplices David Holmes e dois homens de negócios, John Le Mesurier e George Deakin. Os quatro foram postos em liberdade sob caução de 5 000 libras esterlinas até 12 de Setembro.



Harold Wilson, o ex-primeiro-ministro trabalhista, que é acusado de ter abafado o escândalo Thorpe na sua primeira fase.

A EXPANSÃO DA NATO EM ÁFRICA

1

Imprensa mundial, desde que o povo angolano derrotou as forças invasoras do regime racista da África do Sul e as fracções mercenárias financiadas pela Agência Central de Inteligência (CIA) dos Estados Unidos. O projecto original de criar a Organização do Tratado do Atlântico Sul (OTAS), elaborado pelo Pentágono, considerava incluídas as actuais ex-colónias portuguesas de Angola e Moçambique, uma no Atlântico, outra no Índico, bem como a Rodésia. O bloco da OTAS segundo o alto-comando norte-americano, permitiria incluir nesse sistema de defesa global Estados sul-americanos de governos reacçãoários, tais como o Brasil, a Argentina e o Uruguai, e o regime racista da África do Sul.

Quer isto dizer, que a partir deste bloco, a NATO ficaria a controlar uma região que compreende 21 Estados africanos e, a oeste, o Brasil, o Uruguai e a Argentina. Mesmo depois da abertura do Canal do Suez, o Atlântico Sul, com a África de um lado e o Brasil e

Argentina de outro, transformou-se, para o Ocidente, numa área vital para a passagem de navios petroleiros de diferentes países com rumo à Ásia e África pela rota do canal da Boa Esperança, na África do Sul, ponto em que se unem dois oceanos: Atlântico e Índico.

O elemento vital deste tráfego é o petróleo, que é fundamental para os países da NATO, pois dependem substancialmente do abastecimento do golfo Árabe.

Os teóricos do Pentágono alegam que a importância da Rota do Cabo reside no facto de, em caso de guerra, possibilitará à NATO o abastecimento de matérias-primas do Oriente.

Posteriormente, o então chefe do Pentágono e actual secretário de estado da energia dos Estados Unidos, James Schlesinger, propôs aos seus colegas que aproveitassem a base naval de Simonstown, na África do Sul, para a NATO.

O «Christian Science Monitor» revelou, em Maio de 1974, que o chefe do estado-maior das forças armadas sul-africanas, almirante

Hugo Bierman, se encontrava nos Estados Unidos numa visita supostamente «privada».

Pensa-se — frisava o diário — que o regime sul-africano está ansioso «por interessar» Washington em manobras conjuntas, sob pretexto de deter o perigo que Moçambique e Angola representariam para a Rodésia.

O reforço militar da África do Sul e a sua aliança «informal» com a NATO representa uma grave ameaça para a paz e estabilidade do continente africano.

Isso foi demonstrado com a guerra de agressão que o regime racista de Pretória, aliado a forças mercenárias dos Estados Unidos e de países membros da NATO, desencadeou em 1975 contra o povo africano. Pretória serve de bastião da reacção e da contra-revolução em África, tal como Israel é utilizado pelos Estados Unidos, no Médio Oriente, como ponta de lança da agressão contra os povos árabes. Uma prova disso são os recentes ataques contra Angola e o Libano, o primeiro por parte dos racistas sul-africanos, e o segundo pela dos sionistas de Telavive. ●

PELO
MUNDOUm automóvel
muito caro

Todos sabemos, por ouvir dizer, que a realidade ultrapassa muitas vezes a ficção. A história de William Edward Rose, um americano de Nova Iorque a quem um dia, há mais de seis anos, roubaram o automóvel, ultrapassa qualquer romance da série negra, daqueles que se nos afiguram totalmente incríveis. Simplesmente, a história dele foi verdade.

William Edward Rose membro do corpo de fuzileiros navais e veterano da guerra do Vietname, entrou pois no dia 31 de Março de 1972 numa esquadra, a fim de participar no roubo do seu automóvel. Entrou mas já não saiu. Porque entretanto foi detido por assalto à mão armada num clube do bairro de Brooklyn. Tempo depois retiravam-lhe essa acusação mas faziam-lhe outra mais grave. Ele ter assassinado um proxeneta do bairro. Levado a tribunal provou-se que não havia motivos suficientes para a acusação mas, em vez de o porem em liberdade, levaram-no a novo julgamento, desta vez acusando-o de ter morto um polícia. Os três julgamentos acabam por ser invalidados devido a não haver acordo entre os membros do júri quanto à sua culpabilidade ou inocência. Num quarto julgamento ele senta, porém, considerado culpado, embora a sentença tivesse sido por fim revogada por um tribunal superior.

Impressionado com as desventuras de Rose o juiz do Supremo tribunal do Estado mandou pô-lo em liberdade no momento preciso em que o acusador distrital já tentava que o julgamento.

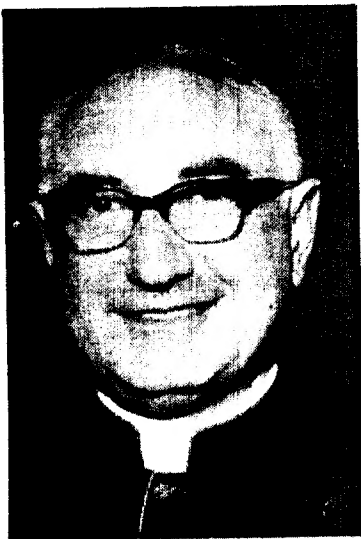
Finalmente livre, este homem que talvez nunca mais queira ter um carro, reclama uma indemnização de 20 milhões de dólares pelos cinco anos que passou na cadeia sem culpa formada, enquanto a justiça o acusava dos mais variados crimes. Além do emprego, esses anos também custaram a Rose o seu casamento desfeito.

Mas que tartaruga!

Uma tartaruga gigante dos mares quentes foi peçada no Mediterrâneo a poucos quilómetros de Roma. A espécie, conhecida por tartaruga-luth ou tartaruga-coiro caracteriza-se por não possuir uma carapaça propriamente dita. É um fóssil vivo.

O animal foi conduzido para o jardim zoológico de Roma sob escolta policial mas, como o referido jardim não tivesse o necessário equipamento, acabou por ser levado para o mar, ali por uma vedeta da capitania.

Este lepori não cria problemas aos banhistas. O mesmo já não se pode dizer dos numerosos pequenos tubarões que se passeiam pelas costas italianas. Os biólogos estão atentos ao facto e alguns admitem a hipótese de uma nova corrente marítima. Mas há também quem culpe os homens de abrirem as portas de uns mares para outros, dando passagem a alguns bichos indesejáveis.

O
SUCESSOR
DE
PAULO VI

Quando o Espírito Santo tiver «soprado» a sua inspiração aos 115 cardeais reunidos em secreto conclave, surgirá no Vaticano o fumo branco indicativo de que está escolhido o sucessor do Papa Paulo VI. Um dos quatro cardeais, cujas fotos encontram-se a de Paulo VI no seu leito de morte, poderá ser o papa escolhido. Da esquerda para a direita: o francês Jean Villot, sucessor transitório de Paulo VI, o italiano Paul Bertoli, o austriaco Fanz König e o italiano Ugo Poletti. (Fotos Keystone).

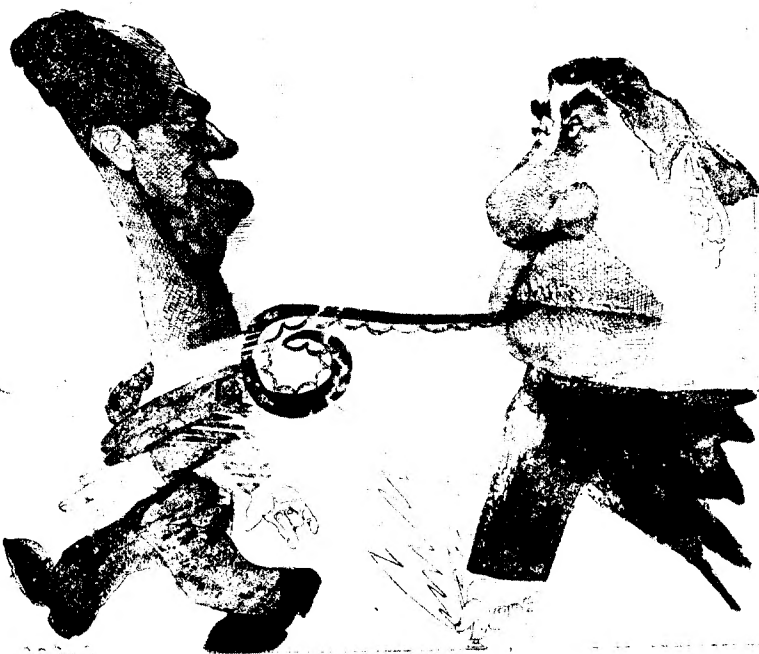


PINOCHET EM CRISE

Degrau a degrau, Pinochet e a sua junta vão descendo as escadas do abismo. Menos de cinco anos decorridos sobre o golpe fascista que liquidou o regime constitucional de Salvador Allende, todos os comparsas da manobra se começam a virar uns contra os outros. A crise atingiu já a própria estrutura da Junta, desfalçada de um dos membros iniciais — Gustavo Leigh, o qual, inspirado decerto por alguns sectores de Washington, decidiu perante as suas distâncias, perante o chefe Pinochet. Mal refeito das amarguras «leighianas», Pinochet vê-se agora confrontado com as sequelas do caso

Letelier (o ex-MNE de Salvador Allende, que morreu assassinado em Washington, juntamente com a sua secretária norte-americana). A Justiça dos EUA já estendeu o braço até ao ex-chefe da DINA, Sepúlveda Contreras. Ora quem diz Contreras diz Pinochet. Por isso, são muitos os que pensam que esse será a derradeira gota para fazer transbordar o cálice da opinião pública norte-americana, e para conduzir os cordelinhos necessários à queda de Augusto Pinochet.

A foto mostra-nos um desenho alusivo à querela Pinochet-Leigh.



AÇÚCAR

POMO DE DISCÓRDIA
ENTRE A CEE E OS EUA

A crise económica que afecta numerosos domínios da produção industrial no Ocidente estende-se inevitavelmente à agricultura. No ano passado os Estados Unidos elevaram as taxas de importação de açúcar da América Latina. Esta medida assestou um rude golpe na economia desses países. Actualmente, o açúcar tornou-se o «pomo de discórdia» entre os EUA e os seus parceiros comerciais do «Mercado Comum». O ministério das Finanças americano acusou os países da CEE de subsidiar ilegalmente a introdução deste produto no mercado americano, ameaçando a Comunidade com a aplicação de um imposto suplementar sobre a venda do açúcar aos Estados Unidos.

A decisão do governo americano sobre o aumento dos direitos de importação de vinhos europeus, tomada há mais de um ano, mostra a possibilidade real de concretização das suas ameaças. Os países da CEE responderam, neste caso, com a subida dos direitos de importação dos perus americanos.

O fluxo comercial de vinhos espirituosos agravou várias vezes as relações no seio da própria Comunidade, lembremo-nos da célebre «guerra do vinho» que estalou al-

guns anos atrás entre a França e a Itália, que exigia a protecção dos interesses dos viticultores italianos contra a entrada no mercado italiano de vinhos franceses mais baratos.

Neste momento são os agricultores britânicos que sofrem as contradições comerciais da CEE. Os organismos da CEE decidiram recentemente levantar as limitações sobre as importações britânicas de batatas do continente, que está em melhores condições de concorrência. Esta medida pode provocar uma nova «guerra comercial» entre os parceiros do «Mercado Comum».

EXCLUSIVO

N.º 33/78

